

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Mestrado em Sociologia
Área de especialização: Família e População

“*A REDE ESCOLAR NO*
CONCELHO DE ODEMIRA
- *PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO* –“



Dissertação de Mestrado apresentada por:
Cidália Maria de Oliveira Machado

Orientador:
Prof. Doutor Francisco Ramos

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

Évora
Maio de 2003

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Mestrado em Sociologia

Área de especialização: Família e População

A REDE ESCOLAR DO CONCELHO DE ODEMIRA
-PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO-

Dissertação de Mestrado apresentada por:

Cidália Maria de Oliveira Machado



143 819

Orientador:

Prof. Doutor Francisco Ramos

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”.

ÉVORA

MAIO DE 2003

143 819

ÍNDICE

- Introdução.....	pág. 1
- Capítulo I – Questões Teórico/Metodológicas.....	pág. 6
a) Enquadramento Teórico.....	pág. 6
b) Enquadramento metodológico.....	pág. 17
- Capítulo II – Enquadramento Concelhio.....	pág. 32
a) Contexto físico.....	pág. 32
b) Contexto Sócio-económico.....	pág. 34
c) Contexto Sócio-demográfico.....	pág. 38
d) Outros Indicadores Pertinentes.....	pág. 48
- Capítulo III – A Escolaridade.....	pág. 54
- Capítulo IV – Descrição e Proposta de reorganização da Rede Escolar.....	pág. 63
1 – Agrupamento de Colos.....	pág. 63
2 – Agrupamento de Odemira.....	pág. 71
3 – Agrupamento de Sabóia.....	pág. 75
4 – Agrupamento de São Teotónio.....	pág. 79
5 – Agrupamento de Vila Nova de Milfontes.....	pág. 83
- Considerações Finais.....	pág. 88
- Bibliografia.....	pág. 94
- Anexos.....	pág. 99

ÍNDICE DE ANEXOS

- Quadro dos nascimentos em Odemira entre 1993/2002
- Quadro da evolução da população escolar entre 1990 – 2003/ previsão de frequências até 2008/2009
- Mapa com as escolas suspensas
- Mapa com estabelecimentos de ensino pré-escolar
- Mapa com as escolas do concelho em funcionamento

INTRODUÇÃO

A Rede Escolar como tema de estudo neste trabalho pretende através da investigação, fazer o diagnóstico da situação presente, enquadrando-a tanto quanto possível, no todo social de que faz parte, contribuindo assim para um conhecimento mais fundamentado da realidade social e escolar do concelho de Odemira.

A escolha do tema de estudo teve um carácter eminentemente prático e julgo, pertinente. A realidade do contacto profissional com a questão e a subjacente perspectiva da experiência resultante do apuramento dos problemas locais, bem como a realização e participação em projectos de desenvolvimento social, a discussão das pertinências e testemunho dos parceiros técnicos, circunscreveram como ponto fulcral de abordagem urgente a questão da Educação e a organização de um plano integrado de acção a médio prazo nesta área, para o desenvolvimento sustentável do maior concelho do país em extensão geográfica.

Partindo de uma perspectiva mais lata de abordagem do problema, no quadro da Europa, temos Portugal, o país que ainda é considerado como em vias de desenvolvimento com os índices mais baixos de todos os nossos concidadãos europeus. O leque de indicadores que assim classifica um país no ranking mundial permitiu-lhe, apesar dos seus índices limiares, pertencer ao “Clube da Europa”, fornecendo-lhe referências e parceiros fortes para que se ultrapassa-se a meta. Em todos os domínios os indicadores de bem estar populacional, com os valores que atinge permitiria-lhe ser em tudo igual aos seus congéneres e ser considerado um país desenvolvido. Não fosse o índice de escolarização, o único patamar que Portugal ainda não conseguiu atingir e que o classifica como país em vias de desenvolvimento.

A fatia da população sem o ensino básico, ou seja aquela que abandonou a escola antes de tempo é presentemente de cerca de 62% do total da população. No nosso país a escolaridade obrigatória é de 9 anos e de 12 para os restantes países da comunidade. A população escolarizada só com o 1º ciclo era em 2001 de cerca de 35% do total do seu contingente, sendo que 9% dos portugueses são analfabetos. Num período de dez anos em que houve investimentos na Educação, este valor só desceu 2 valores percentuais pois era de 11% nos Censos de 1991.

A necessidade de conhecimentos na sociedade da informação em que actualmente vivemos, tornou-se factor de riqueza pessoal e colectiva, mas está a deixar de fora uma quantia significativa de cidadãos e a criar uma nova forma de exclusão social. A capacidade de competitividade é determinante para a sobrevivência, as circunstâncias civilizacionais alteraram-se e a aquisição de competências passou para um outro nível que exige uma diversidade de novas técnicas e tecnologias, a qualificação profissional é actualmente o suporte da competitividade económica, um dos três pilares da Comunidade Europeia para a coesão económica e social, para além da cooperação e da solidariedade.

O país em questão desde 1986 membro beneficiário dos investimentos da Comunidade Económica Europeia concentra um elevado numero de indicadores com valores que traduzem o baixo nível de vida e outros que revelam a imensidade de problemas de que padece o nosso país. Quando visualizados graficamente, os mapas europeus de distribuição dos índices de desenvolvimento humano¹, numa graduação de cores aparecem persistentemente com uma mancha branca a interromper a colorida linha do litoral europeu, na região a que corresponde o concelho de Odemira. Daqui fica a imagem de que esta é efectivamente a região menos desenvolvida do contexto europeu, a interioridade que flagela outras regiões manifesta-se aqui junto ao litoral, que é simultaneamente Parque Natural, albergando um dos mais belos e naturais troços de costa.

O facto do desenvolvimento ser indiciado por números que traduzem o bem estar da população, e para além destes se constituírem como o instrumento de trabalho que temos, esta questão e competição em números, traduz na verdade a qualidade de vida e perspectivas de futuro da população que os vivência. Numa perspectiva de sustentabilidade, que é a quimera do Desenvolvimento, este passaria pela utilização sinérgica dos recursos para prover a segurança, a satisfação das necessidades fisiológicas e sociais do ser humano enquanto animal, mas também as necessidades culturais, enquanto ser intelectual e espiritual. O estágio de desenvolvimento civilizacional que atingimos exige que, a pirâmide das necessidades, tão bem

¹ IDH – resume todos os índices relacionados com a qualidade de vida – aula do Professor Jorge Gaspar, Maio 2000

esquematizada por Maslow, esteja satisfeita para o bem estar colectivo. Não me irei aqui perder mais na importância incontestável que estes números representam, quer porque transmitem uma realidade pela qual todos somos afectados, quer especificamente para o interesse do cientista social, que tem aí a indicação dos problemas sociais e o material de pesquisa.

Odemira é, na perspectiva de zoom aproximado, o território concelhio da Europa menos desenvolvido, é no foco nacional, e até mais perto na Região Alentejo, a zona que concentrava em si numa grande extensão de território todos os problemas sociais, não só dos que padece o país, como o desemprego, envelhecimento populacional, acessos, mas também da Europa como a Saúde e a Educação, tendo até a mais alta taxa de mortalidade por suicídio ao nível localizado em toda a Europa. Para além dos problemas concretos, cientificamente o local tem interesse e suscita uma panóplia de temas.

A pertinência para a realização do trabalho que pretendo realizar advém em grande parte daqui. Mas ainda reforça mais a sua importância, pelo facto de em contexto de trabalho me deparar com a população, que tinha em 1996 a taxa mais baixa de escolaridade de todo o país, e por consequência da Europa. Paralelamente o desempenho da minha actividade profissional prende-se com as vertentes sociológicas da Educação, Acção Social e Saúde.

No momento urge também, um planeamento para reordenar a rede escolar, estando já assinados protocolos de implantação de medidas da reorganização dos espaços escolares, tendo as autarquias um papel de subsidiariedade no seu estudo bem como na aplicação. Uma vez que fui incumbida de participar neste trabalho, pretendi ao escolher este tema que resultasse num contributo útil e o mais adequado possível, aperfeiçoando-o pela objectividade e clarividência dos meios académicos. A proximidade com os dados e a necessidade profissional, enquanto Técnica Superior de Investigação Social Aplicada na Autarquia de Odemira, fizeram surgir a demanda pelos planos de intervenção social ao nível comunitário, nos quais me tenho vindo a especializar. A seriedade exigida para a abordagem do tema e toda a carga subjectiva inerente à proximidade com o problema, obrigava a que a postura e perspectiva fosse o mais científico possíveis, para além de que a reflexão académica mantém a disciplina no

trabalho, o retorno era também necessário. Procurei assim, aperfeiçoar o meu trabalho com o complemento destes dois mundos dialécticos, aliando a prática e o saber.

Uma vez que adoptaremos uma explanação por ordem do geral para o particular, cheguemos agora ao nível da esfera das motivações pessoais, do sujeito sentimental. As minhas motivações prendem-se ainda, com o facto de ter aqui passado a infância, e ter aqui regressado com o intuito claro de viver e criar o meu filho numa das mais puras, selvagens e belas regiões, também da Europa. Que toda esta carga subjectiva não me impeça de fazer um trabalho objectivo que é o meu propósito ao elaborar esta tese.

Este estudo pretende fornecer informação de suporte, tão isenta quanto possível o permitem as ciências sociais, que ajude a uma mais esclarecida tomada de decisão política no objectivo específico mais imediato, que é o encerramento das escolas com menor frequência de alunos e reforço de condições nas que permanecerão em funcionamento, em função da procura pela população escolar e comunidade em geral.

Considerando que havia necessidade de compreender o enquadramento global de tal decisão, procurou-se descrever o território em que se inserem as escolas, considerando que elas não são desligadas da dinâmica social que as envolve, procurando sempre seguir uma abordagem sistémica.

Especificamente tem como objectivos: caracterizar física, sócio-económica, e demograficamente o território; efectuar o levantamento do parque escolar existente e analisar a evolução da sua população; Avaliar as necessidades da população e possibilidades de reordenamento em função destas; propor a reutilização dos espaços devolutos e finalmente no contexto mais lato da equipa de trabalho, dar informações úteis e contribuir para a proposta de adaptações necessárias aos edifícios, dos equipamentos a adquirir, da versatilidade e do potencial de utilização do espaço, em que se vai investir.

O modelo de organização do trabalho prático pretende seguir uma lógica de aproximação ao problema em si, em que: 1º, o concelho é analisado globalmente, 2º, as freguesias são analisadas em maior pormenor individualmente e 3º, acerca da dinâmica

dos lugares onde está a escola e finalmente, a escola e a evolução da sua população específica.

Como penso que a teoria e metodologia existem á priori da abordagem do problema o primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento teórico e metodológico. O conhecimento sendo infinito, só varia conforme a perspectiva que temos daquilo que pretendemos conhecer. Os quadros mentais com que seleccionamos a informação são eles próprios formados pela nossa subjectividade, a qual se consegue ultrapassar minimamente quando reflectimos sobre a forma como organizamos, e que legitimidade tem as nossas informações. Uma vez que elas não são desinteressadas e tem um fim prático em vista, existe aqui uma transcendência em relação à Sociologia Abstracta. A (de)formação intelectual e académica foi marcada pela Investigação Social Aplicada, o que está a trazer para o panorama actual e nacional uma nova perspectiva, que pretendo também em parte expor e para ela deixar o meu testemunho profissional.

CAPITULO I

QUESTÕES TEÓRICO/METODOLÓGICAS

A diferenciação entre as questões é ténue, mas tentarei, na medida do possível, para uma maior clareza destringer as duas.

a) Enquadramento teórico

O problema social relacionado com a Educação, na mira, é o abandono escolar das crianças e futuros cidadãos desta comunidade. Numa era de revolução civilizacional como a que atravessamos e para a qual temos de estar minimamente preparados é incumbência do estado e de todos nós, fornecer as estruturas para que se processe, eficientemente, a aprendizagem dos futuros cidadãos. Numa sociedade que se tornou global, evoluindo cada vez mais para a aquisição de competências e valorização dos recursos humanos, com a importância de atender às novas necessidades culturais. O período educativo constitui na formação individual dos cidadãos, a função e força colectiva de uma população, e que cada vez mais se torna permanente ao longo da vida. A baixa escolaridade e falta de competências profissionais é um entrave ao desenvolvimento e progresso de um país.

Da panóplia existente dos grandes problemas sociais da actualidade e indicadores de desenvolvimento, interessa-nos, muito objectivamente, analisar o paradoxo do problema de um país da Comunidade Europeia que provoca a exclusão social de cerca de 62% da sua população activa, e que deveria estar na escola pelo menos até ao 9º ano.

Seguindo esta ordem de ideias o enquadramento teórico da questão encontra aqui o seu âmago. O tempo e o espaço a abordar é determinado pela lógica de manifestação do problema. Se Portugal é o país da União Europeia com o mais baixo nível de escolaridade e a mais alta taxa de abandono escolar, então a região onde mais se concentram estes indicadores deve ser a prioritária enquanto alvo de projectos de

desenvolvimento neste domínio. Apesar de no Norte do país existirem também outros locais onde se manifesta o problema, pela sua peculiaridade e proximidade interessa-nos Odemira.

O estudo sobre o qual incide este trabalho procura atender à necessidade de conhecer e compreender melhor a realidade sobre a qual se pretende intervir. Sou, pois motivada ao nível epistemológico também pela possibilidade de poder proporcionar informações contribuindo para uma percepção mais nítida da realidade, para que se possa assistir a planos estratégicos mais eficientes e decisões práticas mais esclarecidas.

A Educação é alvo de trabalho de tantos profissionais, vector de desenvolvimento sócio-económico e suporte da participação social dos cidadãos, eixo de investimento e financiamento, cerne de orientações políticas mundiais, factor erradicador da pobreza ... “A Educação é uma condição prévia vital para permitir aos povos governados democraticamente, a possibilidade de pensarem com maior discernimento” (Alberto Melo:105). É obviamente, ainda por muitos outros factores um problema fundamental da actualidade, e objectivamente do interesse da sociologia enquanto factor de bem estar do Homem.

As políticas formuladas pelos governos nacionais, no âmbito das directrizes da OCDE para o desenvolvimento económico e Sistemas de Ensino, dos seus países membros², transcreve dos princípios emanados, ainda como factor de definição de estratégias na Educação “...o facto da ciência e a tecnologia terem agora libertado forças de um poder extraordinário e daí que os seres humanos devam beneficiar de uma educação cada vez melhor afim de estarem aptos a dominar tais forças para o bem estar de todos” (Conferência da OCDE). Neste sentido foram definidas as orientações das Nações Unidas, as Política Comunitárias e de outros países, entre os quais Portugal,

² Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, fundada em 1961 para coordenar as políticas económicas, comerciais e de desenvolvimento da Europa ocidental a partir do plano Marshall, contando com 24 países membros, incluindo todos os da Comunidade Europeia.

cujo estado possui competências muito vastas na matéria da Educação. Que atendendo ainda ao princípio da subsidiariedade, procura para um melhor funcionamento, a descentralização e delegação de muitas das suas competências no poder local, para uma gestão mais eficaz dos recursos físicos e humanos.

No panorama actual do funcionamento do sistema educativo as tarefas no terreno, organização e estratégia dividem-se entre as Direcções Regionais de Educação e as Câmaras Municipais. É desta forma que o governo passando cada vez mais competências institucionais para as autarquias através da legislação, obriga estas a uma reorganização dos seus serviços. Tornando-se nesta dimensão uma tarefa eminentemente prática, de elaboração de planos de intervenção, de organização de sistemas de funcionamento e gestão do parque escolar, dos equipamentos, dos transportes escolares, da acção social escolar e de toda a logística que vai para além da colocação dos professores, que permanece tarefa do Ministério. A implementação de projectos no terreno, sobretudo numa região com características tão específicas, é determinante do conhecimento que dela se tem. Dadas a dimensão e diversidade do território, onde os consensos não são unânimes nem pacíficas as incongruências das leis, as suas interpretações pelos diferentes actores e as formas de financiamentos das medidas educativas, bem como o funcionamento do Ministério da Educação, geram alguma entropia, e tornam este um campo difícil de acção, onde se dispersam as energias geradas sem articulação e rentabilização dos resultados. Importa haver o mínimo de desperdício e o máximo de rentabilização.

O trabalho de parceria instituído pelos Conselhos Locais surge como uma forma de preencher as lacunas da lei, pelo envolvimento dos intervenientes e subsidiariedade das soluções e práticas para os problemas específicos a cada concelho, as omissões na lei ou a sua negociação obrigam a alguma criatividade, se bem que com objectividade, antes de mais, para a definição dos moldes da Intervenção.

A questão do Abandono Escolar é flagrante no concelho de Odemira atingindo valores de 44% de abandono até ao final do 2º ciclo (Ana Benvente,1996), quando a escolaridade obrigatória contempla ainda um 3º ciclo, até ao 9º ano. Trata-se então de delinear um plano de intervenção que permita reduzir este abandono, procurando minimizar os efeitos que para ele contribuem, bem como criar atractivos complementares nas escolas para que estas se tornem também mais como um lugar onde se goste de estar e de ir, e que satisfaça a sua função social, tantas vezes esquecida e restringida á esfera do indivíduo.

As políticas de emprego orientam-se de acordo com as prerrogativas já citadas, cada vez mais para a qualificação profissional, exigindo-se a escolaridade obrigatória para acesso ao mercado de trabalho, quem não a têm fica sempre em desvantagem, engrossando as fileiras dos excluídos e obrigando a um aumento dos encargos públicos com os programas de assistência social, gerando mais trabalho precário, mais desemprego, menos competências e mais pobres. Assentando o desenvolvimento de uma região no trabalho da população que a ocupa, e sendo as zonas rurais e de transição as mais atingidas no flagelo da qualificação, esta é uma preocupação urgente, sobretudo numa região já de si com tão pouca população corre-se o risco eminente de “jeopardizar” a sua sobrevivência.

O enfoque da questão da educação das crianças, como tarefa social, só recentemente na história humana se tornou objecto de reflexão e de acções colectivas. Pedro Ferreira (1997:914)) lembra-nos que *“durante muitos séculos, as crianças foram objecto de um interesse bastante menor, normalmente eram tratadas com indiferença e não raras vezes com crueldade. Eram vistas como versões inadequadas dos adultos e não como seres com necessidades de protecção especial”*. O ensino só era ministrado num círculo reduzido. Talvez a questão demográfica também explique um pouco esta subvalorização da criança, pois, a uma elevada natalidade contrapunha-se uma elevada mortalidade infantil, sendo o investimento afectivo e social nas crianças quase como uma má

estratégia de sobrevivência das sociedades humanas. Na actualidade o panorama demográfico alterou a sua geografia, no ocidente debatemo-nos com envelhecimento populacional, poucos nascimentos e expansão de recursos, em oposição aos países, com quem, nacionalmente ainda compartilhamos os baixos índices de desenvolvimento, e que possuem taxas de natalidade assustadoramente altas. O duplo envelhecimento torna mais preemente a preparação dos recursos humanos.

Após o despertar da hibernação intelectual da idade média, sábios como Rousseau começaram a questionar os costumes tradicionais em relação às crianças, reflectindo sobre a sua educação e bem estar. Até à actualidade a criança foi-se tornando progressivamente um centro, pois se se quer ter bons Homens, há que investir neles enquanto crianças, continua o autor já citado (1997:914) que *“O conceito moderno de criança sublinha a idéia de que as crianças são um valor em si mesmas e que devido à sua fragilidade e simplicidade deviam ser objecto de protecção enquanto não fossem devidamente preparadas para enfrentarem o mundo adulto”*. A preparação para fazer face às exigências crescentes de competências passa por uma abordagem global da criança e da sociedade em que se desenvolve, e que se pretende ter.

A educação surge como ciência prática institucionalizada a partir da implementação da escolaridade obrigatória com Ward (1841-1913) nos Estados Unidos³, como forma de garantir o igual acesso por todos, às condições de desenvolvimento pessoal e social, pretendendo-se minimizar as barreiras sociais e integrando potencialmente todos os indivíduos, provendo-se assim teoricamente à integração social e a uma sociedade saudável através da Educação.

Desde os finais do séc. XVIII, o sistema educativo começou a ser marcado por três tendências: a integração, a unificação e a centralização. Começando a organizar-se

³ Ward no período da sua vida operou neste país uma revolução na Educação ao instituir a sua obrigatoriedade como forma de garantir a igualdade de oportunidades para todos – aula de 8/1/2000 do Professor Augusto da Silva.

nestes vectores, a evolução dos fenómenos sociais tornaram a Educação um direito quer em estados democráticos, quer nos autoritários, na opinião de António Barreto (1995:622) “*Bem ou mal, a unificação e a centralização responderam às exigências históricas e estão hoje enraizadas nos costumes e garantidas pela lei. Um reexame desinibido dos sistemas educativos contemporâneos, em crise em muitos países, poderia pôr em evidência a necessidade de abandonar aqueles três princípios que presidem à sua concepção e ao seu desenvolvimento*”. O modelo prosseguido revela-se hoje inadequado à sociedade actual, e encontra-se em crise profunda não respondendo aos propósitos democráticos imbuídos no seu espírito, torna-se necessário evoluir no modelo, este serviu, mas o estágio de desenvolvimento é agora outro, a estrutura civilizacional obriga, na opinião do autor, a atender á modernização, democracia e globalização da sociedade informacional.

Nos anos 60 a conferência da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico dos países ricos do ocidente, delineou linhas de acção orientadas para o crescimento económico e em sua função, os investimentos na Educação,” *o prémio do progresso será outorgado àqueles países e sistemas sociais que tiverem maior êxito no desenvolvimento dos seus recursos humanos*” (Melo:106). Tendo em conta as rápidas evoluções na ciência e na tecnologia , a educação teria de ser cada vez melhor e mais prolongada, de forma a dotar os cidadãos de aptidão para dominarem as forças libertadas pela exponencial evolução cultural e pela complexificação extrema das sociedades modernas, a que se chegou neste inicio de milénio. À época preparava-se também o aproveitamento de todos esses recursos como o *eldorado* do desenvolvimento económico. Era chegada a hora dos Economistas ocuparem o lugar do poder, ajustando-se todos os sectores da sociedade ao molde das inovações tecnológicas de vida curta, tornando a integração social como uma actualização permanente dos saberes, exigindo uma rápida expansão das oportunidades de ensino para a população em geral permitindo-lhe continuar a adquirir conhecimentos e ofícios novos. Na era informacional, passado o domínio da estrutura industrial, e anteriormente da revolução

agrícola e da descoberta da pedra, o estágio humano de desenvolvimento da espécie transformou sofisticadamente em recursos mais disputados o conhecimento e a informação, tornando-se eles próprios recursos de desenvolvimento, até económico.

No entanto, passados 10 anos sobre a aplicação de políticas de ensino de escolaridade obrigatória mais prolongada e oferta diversificada de formação profissional como políticas para fazer face às exigências, os resultados não são os esperados. À medida que as crianças vão diminuindo em número e se assiste a um crescimento inverso do envelhecimento populacional, a faculdade de lhes proporcionar melhores condições aumenta pela diminuição da procura, à massificação do ensino opõe-se a sua qualidade, paradoxalmente havendo mais recursos disponíveis para a Educação verifica-se um simultâneo abandono escolar elevado. Aumentou a alfabetização mas proporcionalmente cresceu o abandono e o insucesso escolar, o papel da escola enquanto elemento integrador gerou um efeito perverso que foi o de criar novos excluídos, como que enfatizando-se e acentuando-se as diferenças sociais estabelecidas pela sua célula familiar de pertença.

Não foram contemplados e considerados outros elementos socializantes como determinadores das expectativas e da formulação de projectos de vida de cada indivíduo para além da esfera mais restrita da escola. *“A abordagem sociológica constitui um poderoso meio de desmontagem da justificação doutrinária da expansão dos sistemas contemporâneos, mostrando que esta expansão não garantia, ao contrário do que sustentava aquela justificação, maior igualdade de oportunidades de entre os cidadãos e que o princípio da igualdade de todas as crianças face à escola era meramente formal (Augusto Santos Silva, 1996), com efeito a massificação do acesso à escola não correspondeu à massificação do sucesso na escola básica. “O certo é que, na escola democrática a experiência do insucesso continua a ser mais marcante do que a do sucesso. E uma e outra continuam bastante associadas ao peso das origens sociais, seja de classes de comunidades ou de espaços sociais, numa lógica em que os oriundos de*

grupos sociais menos favorecidos na distribuição prevalecente de recursos e poderes, ou ainda menos familiarizados com a cultura escolar, permanecem os mais penalizados na escola. São estas condições à partida que são determinantes como variáveis a ter em conta, a escola clássica *estrutura-se com base em princípios organizativos, sistemas de valores, de conhecimento e rotinas temporais típicos das zonas urbanas*” (Ana Benavente, 1994). Instalada sobre um modelo cultural democraticamente massificado, o sistema escolar ignorou as formas culturais de pertença de muitos indivíduos e populações, o peso da sua institucionalização e universalidade de práticas deixou no hall de entrada milhões de cidadãos que não se identificavam com a escola e também a qual não os reconhecia. As teorias do capital humano caem por terra perante os resultados das consequências económicas, culturais, cívicas e pessoais dos muitos cidadãos que não chegam a cumprir a escolaridade obrigatória. Defende, ainda a autora que sobretudo nas zonas rurais e de transição *“a escola cria rupturas com a vida local, ora funciona como fuga que empobrece o colectivo e promove a pessoa num contexto urbano, nos casos de ascensão social, ora produz insegurança cultural e inferioridade sem criar capacidades de desenvolvimento pessoal e de intervenção social. A cultura escolar nega as formas culturais anteriores dos indivíduos, ignora as suas lógicas e as suas características, cria incerteza, timidez ou então desprezo e distância”*. Este pode ser apontado como o cerne do problema que se verifica no território em questão, a observação concorda com o enunciado e torna-o pertinente para a explicação do fenómeno ao nível local.

Interessa, pois desmontar o esquema de interação das componentes envolvidas na educação, procurando nelas as razões e as pistas indicadas nos diversos estudos realizados sobre a questão do insucesso e abandono escolar. Num ponto todos os autores, sobretudo os mais recentes, estão de acordo, quanto à determinação da família no seu papel de célula reprodutora de comportamentos e expectativas face à escola e na relação que se estabelece entre ambas. Na sua relação com a família a escola surge como uma clivagem que demarca o processo de individualização da criança em relação

à sua célula primária proporcionando-lhe uma socialização mais abrangente para além do ambiente doméstico. A concepção que ainda persiste nos nossos dias é a de que a família educa e a escola ensina, não devendo a primeira intrometer-se nos assuntos escolares. Na realidade aquilo que é ensinado na escola raras vezes, à excepção nas famílias com uma cultura erudita, se torna útil no meio em que vivem as crianças, não há identificação e valorização dos saberes escolares, pouco práticos que não contemplam e subvalorizam mesmo a cultura de pertença dos alunos, quando persistentemente se faz referência a realidades que a criança desconhece e com as quais não está familiarizada, ignorando sistematicamente aquelas que ela reconhece, há um desligamento e uma indiferença face á necessidade de aprendizagem. A Educação em vez de um direito torna-se um dever, *A instituição escolar é assim “habitada de modo duradouro por potenciais excluídos que nela vivem as contradições e os conflitos associados a uma escolaridade sem outro fim para além de si própria”* (Bourdieu: Ana Benavente 1994).

Para além dos contextos económicos, sociais e familiares, estes alunos que a abandonam têm problemas com a escola. Muitos deles já têm antecedentes de insucesso, foram já por ela abandonados em gerações anteriores que por sua vez também não valorizam esta forma de saber como importante para viver, não contemplando outros níveis que o da subsistência. Gera-se um fenómeno social de “desclassificação”. Em 1993 um estudo realizado em França por Lahire demonstrou que *“os pais analfabetos que nunca frequentaram a escola transmitem aos filhos uma expectativa positiva (que vive do desconhecimento), enquanto que os pais pouco letrados e que frequentaram a escola transmitem sobretudo receios, inseguranças e resignação face aos fracassos”* (Ana Benavente 1994). O meio de origem dos alunos determina em larga escala, salvo as excepções, a imagem que estes fazem da escola e a sua relação com ela.

Assim no âmbito familiar, enquanto célula reprodutora de causas de abandono, podemos enumerar as seguintes razões, como as indicadas pelas próprias famílias como justificação para esta atitude: as responsabilidades e problemas familiares; o nível de instrução considerado suficiente para a actividade profissional a desempenhar e disponível no mercado de trabalho, problemas financeiros e a necessidade de começar a contribuir mais cedo para a economia doméstica ou autonomização dos indivíduos mais jovens.

Por outro lado, a esfera de influência exercida pela função social do papel de professor, também determinante na relação do aluno com a escola, fez com que as ligações afectivas que eram estabelecidas, pelo papel do professor na comunidade e que proporcionavam aos alunos uma outra fonte de identificação cultural, fossem quebradas. A não fixação dos professores e a itinerância a que estão sujeitos, e que incompreensivelmente vigora, sob o ponto de vista do sucesso educativo inviabiliza a continuidade dos projectos e da relação que se quer estreita entre professor, alunos e comunidade, bem como um maior conhecimento e compreensão dos participantes na intervenção. Estes vínculos são determinantes no processo educativo, pela valorização dos conhecimentos e da integração cultural e social destes.

Ignorar este factor na implementação das políticas educativas, sendo ele o cerne da questão, inviabiliza as reformas, inovações e projectos introduzidos. Esta é uma evidência e uma luta com a qual se deparam aqueles que de mais de perto vivem o processo da escola, pais, professores, técnicos e autarcas. Mesmo a um nível superior, estes feedback's são reconhecidos "off the record" mas não são contemplados nas tomadas de decisões e novas políticas, sendo olvidados aquando da elaboração das estratégias. Talvez por inércia do sistema que teima em se auto-preservar e por indiferença daqueles que elaboram as medidas, longe do terreno e da realidade. Os meios que têm sido utilizados para atenuar este problema, materializados em acções de apoio psico-pedagógico (no sentido da compensação de carências detectadas nos

alunos) ou em medidas administrativas (que dificultam a retenção no ensino básico) não parecem bastar para superá-las convenientemente, ou antes são formas de disfarçar o verdadeiro problema, tentando contorná-lo, mas não o resolvendo.

Sucedem-se os projectos, a criação de estruturas e programas. A educação mais parece um grande campo experimental de teorias que não vivem o tempo suficiente para serem devidamente avaliados os resultados, anulando a sua acção com outra, por vezes sem continuidade e com imensas contradições difíceis de gerir. Parece que um espírito positivista preside ainda às Ciências da Educação centrando-se sobre o objecto mas não contemplando o seu espírito, somente o seu funcionamento numa base de experimentação, sem contemplações pelos sujeitos interventores.

Na educação trabalha-se no campo do social, em que para além do sujeito e do objecto compartilham a sua identidade considerando-se como activa a subjectividade daí advinda, também trabalhamos com o Homem Criança, com a génese das gerações, determinando a sociedade futura e criando-a a partir daquilo que transmitimos e como o transmitimos, aqui trabalhamos com o próprio futuro, que está ainda na infância. Neste campo as brincadeiras da adolescência intelectual do Homem que descobre um novo brinquedo, neste caso a ciência, deveria ser mais reflectido no conhecimento e respeito da natureza humana, e da lucidez de que são capazes as nossas crianças, não as transformando em cobaias das nossas teorias, contemplando o máximo de factores que intervêm e respeitando a sua natureza e dignidade. A atitude a que se tem assistido faz evocar o ex-ministro da Educação: *“consiste na procura desesperada de outro encantamento, que se traduz, no caso, pelo desprezo de toda a ligação à realidade concreta das relações entre escola e sociedade e pela produção autista de uma espécie de reformismo permanente no interior do sistema de ensino, transformado num gigantesco laboratório de experimentações sem controle e de alquimias que só servem os estritos desígnios de notoriedade dos experimentadores”* (Augusto Santos Silva 1994).

A reflexão teórica referente ao problema da Educação aqui desenvolvido, desempenha neste trabalho também uma função importante, já que é por ela que orientamos o nosso trabalho prático, funcionando em última instância como a luz que ilumina a nossa procura da verdade.

b) Enquadramento metodológico

O trabalho que se afirma científico tem ele próprio que reflectir sob forma de análise crítica o modo como se processou. Sobre o qual se expõe conscientemente, comunicando o conhecimento dele resultante e defendendo-o como verdade.

A importância da questão metodológica fundamenta a elevada probabilidade do complexo, resumido em palavras, ser legítimo, fazer sentido e poder ter, efectivamente validade, assim formulado e explanado. Contudo nunca passa de hipótese, porque há sempre factores novos que antes não víamos e que depois passam a ter influência no objecto, alterando o conhecimento que tínhamos dele. Este é um processo que preside a toda a prática construtiva, e que nunca é definitivo porque se baseia sempre em probabilidades e quanto mais se conhece, mais se descobre que se desconhece. O conhecimento é um processo de aproximação á verdade.

Porque no apuramento e no manejo dos instrumentos é que está a arte do mestre, há que antes de mais, conhecermos a nossa própria capacidade de conhecer. Ou pelo menos tentarmos, expondo aqui também, como capítulo integrante da tese, a reflexão sobre o exercício realizado neste plano, que acompanha a escolha dos instrumentos a usar na percepção e a metodologia sobre a qual a prática se organiza.

A verdade científica, ou antes a realidade intemporal e transpessoal descrita matematicamente, forma transcendental de linguagem, é a partilha e fonte comum materna, a todas as ciências. Incluindo as sociais, tornando-as tão importantes como a Biologia para o conhecimento e preservação da dimensão Humana, que é total, da qual a social, a biológica e a espiritual são facetas da mesma unidade – o Homem.

O estudo do organismo complexo e sistemático que é o Homem, enquanto ser vivo com comportamentos de sobrevivência como os restantes seres, de alimentação e de reprodução, não o deveria distanciar muito, enquanto objecto de estudo, da célula, ou de outra organização autónoma de vida, tornando-o assim do interesse da biologia, da genética e da sociobiologia. No entanto o facto de também defender o seu território e de sobreviver somente em grupo, como animal gregário que é, transporta o Homem para outra esfera de interesse como a do âmbito da psicologia animal. Nesta ordem, o animal produtor de cultura, transformando o meio ambiente para seu instrumento de sobrevivência, cai no objecto de estudo da antropologia. Mas as inter-relações que se estabelecem entre os membros do grupo e que permitem produzir a cultura é do campo da Sociologia, ... será que se pode ir mais longe e chegar, como nas outras ciências nomotéticas á prática, ao engenho da teoria. Há uma profusão e dispersão de técnicos sociais, mas as orientações teóricas por vezes não são complementares, não se conseguindo uma articulação plena na acção, penso, porque não aborda a totalidade de todas estas perspectivas e se concentra no pormenor, perde de vista o global do seu objecto de trabalho, o Homem.

Este, enquanto objecto de estudo, torna-se sempre numa questão polémica e invocadora de pecados e tabus sociais de intervenção no destino natural, no entanto penso ser possível, tentando sempre sem complexos ou preconceitos, abordar as diferentes perspectivas que a tecnologia nos vai propiciando, o perigo reside no uso pernicioso desses meios, não na sua descoberta. A questão passa então a ser Ética, o nosso nível de consciência permite a interferência sem manipulação egoísta? Apesar dos riscos acho que virá ao de cima o melhor dos conhecimentos “proibidos” e aceitaremos que a curiosidade humana é o outro motor da evolução da espécie, e como o indivíduo só por si nada vale, não se perde nada em demonstrar o erro de uma hipótese, cujo resultado só se conhece depois de investigar e dissertar sobre a sua possibilidade.

Um antigo sábio Lusitano escreveu no Séc. IV “Ninguém tem o direito de condenar o que não sabe, o que não lê, o que não quer investigar” (Códice de Wurzburg atribuído a Prisciliano). A consciência também explica e atinge-se, quando se comparam diferentes fontes de conhecimento sobre o mesmo fenómeno. Quando a genética e a física já nos revelaram os infinitesimais universos dentro de cada universo, penso que a relevância e pertinência na abordagem e na escolha dos problemas ou questões acerca

do fenómeno que se pretende estudar, passam pela máxima capacidade de visualizar o nosso objecto de estudo na sua dimensão total. A pertinência da pergunta surge do conhecimento mais alargado do comportamento do fenómeno – o Homem, que por sua vez, antes de tudo o mais é determinado pela sua dimensão animal. Afinal o que nos move é comum a todos os outros seres vivos, e é necessário fazer comparações entre espécimens, para reforçar a compreensão de uma. Pois se é em função das necessidades que socialmente nos organizamos para sobreviver, para melhor as satisfazermos, temos que melhor as compreender.

Há muitos outros organismos individuais cuja manutenção depende da organização e interacção complexa dos outros seus semelhantes, resultando daí uma outra forma de organismo mais complexo. Esta perspectiva de organização social que se verifica em todas as outras dimensões do complexo organismo aparentemente caótico de toda a existência, também ele se revelou universal na sua aplicação pela abordagem das outras ciências em relação ao seu fenómeno de estudo, considerando-o não como isolado mas também determinado pelo meio e tendo-o em conta no comportamento do objecto. Também já se considera a sua determinação social, ou seja o que está subjacente à organização entre as diferentes componentes da matéria. Penso que este principio, pode ter sido um importante contributo que as ciências sociais deram na abordagem da dimensão dos problemas das outras ciências, tanto as físicas e matemáticas, como as biológicas.

É assim que na nossa abordagem do trabalho, aplicando o conhecimento de outros universos à consciência da dimensão maior de organismo em que tudo interage, e no sentido inverso à dimensão mínima dos quanta e do cromossoma, fornece-nos outra perspectiva sobre o fenómeno da organização da vida e do cosmos envolvente do nosso objecto de estudo. Todo este processo de ordem e desordem, caos e sistema, que de tão estranho que é por parecer alheio à condição humana, influencia determinadamente os comportamentos colectivos dos indivíduos, e molda a forma como este apreende as acepções acerca da realidade, é na realidade até muito simples. A tendência natural é sempre a complexificação da realidade, na verdade deveríamos fazer o inverso, a simplificação daquilo que transmitimos aos outros, para que se torne operacional e não meramente acessível aos doutos ou especializados, fechando o ciclo dos conhecimentos numa elite. A visão do sujeito é subjectiva, mas o trabalho uno das diferentes áreas

científicas, esbatendo barreiras permitiria o aproveitamento de muitas sinergias, contrariando as entropias destrutivas em que o sistema Humano se encontra e cuja única salvação passará pela acção e consciencialização conjunta da humanidade.

Bom, penso que devo agora eu simplificar: se as verdades científicas são universais e também comuns a todas as áreas de conhecimento, com o efeito exponencial e interactivo que têm, possibilitam uma outra metodologia, que acaba por ser a imagem de um zoom. Permitindo focar as diversas dimensões com o máximo de precisão matemática, como um efeito telescópico, contribuindo cada cientista com o seu trabalho para apurar a imagem geral que a todos interessa, porque nada está desconectado no Universo e este só nos é perceptível pela matemática e pela arte, que permite a infinidade de sinapses que tudo ligam. A compreensão global passa pela capacidade de focagem nos temas de estudo, sem esquecer o seu enquadramento.

Nesta perspectiva a própria formação dos indivíduos aparentemente parecerá como contrária à especialização de tarefas, uma vez que não é possível o conhecimento total por todos os que intervêm neste processo. Esta seria mais uma atitude de humildade de umas ciências para com as outras, de partilha, acessibilidade e interacção entre os seus membros, talvez devesse ser esta também a compor a formação dos cientistas e indivíduos. Porque como em tudo o resto o social transcende-nos e em tudo ele se manifesta, também aqui deveria haver unidade na multiplicidade.

A época do renascimento, génese do pensamento científico moderno, em que o método de conhecimento pelo movimento dialéctico entre experiência e teoria é reconquistado, desenvolvido e reconhecido como legítima fonte de conhecimento, deu origem à Ciência como a conhecemos e que poderia ser descrita basicamente como uma aquisição na abordagem do meio, possibilitada pelo desenvolvimento de uma capacidade na escala evolutiva de tomar consciência crítica sobre a nossa capacidade de processar conhecimento intemporal e transpessoal. A capacidade de memória e de transmissão de conhecimentos fez despoletar exponencialmente em menos de 4 séculos um leque de meios só sonhados durante mais de 6 mil anos e que ainda não sabemos utilizar da melhor forma, a dimensão animal do homem ainda o faz ter em prioridade os seus instintos mais básicos, negligenciando a utilização prática racional e global das tecnologias para o fim social da melhoria do sistema.

O indivíduo que procura o conhecimento do social colide de forma polémica com o facto de ele próprio ser um animal social da espécie em questão. Aqui reside a necessidade reforçada desta reflexão epistemológica sobre a metodologia. Que afinal sendo básica e suficientemente demonstrada, não prescinde de ser mencionada, porém o quanto baste, porque não pretendo enveredar ou perder-me mais pela epistemologia das ciências sociais ou suas possibilidades, ainda muito há a aprender e ficará para outra oportunidade. O trabalho em questão pretende ser prático e não teórico, resumamos a reflexão metodológica.

O conhecimento do “modus operandis” social poderia ajudar neste aproveitamento se se tivesse em consideração as tecnologias evidentes, daí nascidas. Dignificando-as e integrando-as na abordagem global das práticas de eficiência do sistema. As barreiras também não residem na questão a que estamos presos. Este é um falso problema, pois no caso específico das Ciências Sociais, sendo o próprio homem a estudar os seus congéneres é puramente obrigatório procurar ter presente ao longo do processo de recolção e transmissão do conhecimento, a consciência de que a montante da nossa capacidade de conhecer, está já a nossa condição humana total, e sine qua non determinante das nossas percepções, e atitudes. Por muito banal e óbvia que possa parecer a importância desta questão, ela tinha mesmo de ser abordada,

Mas não é aqui que reside o obstáculo na afirmação da legitimidade das Ciências Sociais. É sim a forma como contribui na prática para a operacionalização das soluções, em que estas se encontram tolhidas, não pela avaliação que dela fazem os outros, mas pela sua própria auto-avaliação e dos congéneres da sua área, o grau de autoconfiança das ciências sociais está um pouco perdido neste emaranhado, quando se se simplificasse e obstruíssem os preconceitos, poderia assumir o seu status legítimo de *prima inter pares*.

Procurar conhecer a realidade social de forma tão objectiva e isenta quanto possível e uma vez que as nossas necessidades, vivências e interesses são a influência subjectiva no processo específico das ciências sociais, esta também se manifesta nas outras áreas científicas, na medida em que as respostas dependem sempre da forma como se fazem as perguntas. Aplicando aqui a universalidade deste princípio, a subjectividade também

está inerente às outras ciências. O que lhe dá objectivamente a legitimidade de ser Ciência é concretamente o preenchimento dos requisitos como “o facto das informações recolhidas serem seleccionadas e estruturadas segundo certas leis de organização, mediante quadros categoriais, operadores lógicos de classificação e ordenação” (Madureira, 1986), procurando através destes processos complexos, responder à pergunta que foi colocada, que o despoletou, “em função da experiência passada, das necessidades práticas e da acção dos sujeitos” (Madureira, 1986). A importância da actividade científica é a sua aplicação e “o seu objecto centra-se nos problemas susceptíveis de resolução através de uma actividade de pesquisa” (Madureira 1986).

Salvaguardando-se com esta tomada de consciência, penso que o fruto dos conhecimentos produzidos pela Ciência Social é tão válido e/ou potencialmente pernicioso como o produzido pelas ciências puramente objectivas. A consciência global e humanista dos seus intervenientes afasta os e se...? Não somos Deus, mas temos poder e já perdemos a inocência, assumamo-lo sem ingenuidade.

O cientista social, procurando destrinçar e explicar a ordem e o sentido do que o envolve, assume também o papel de testemunha histórica preferencial. A História é a memória que acumula conhecimentos. Com Guttenberg a capacidade de armazenamento e comunicação dos conhecimentos generalizou-se pelo livro, passados pouco mais de 600 anos, numa escala evolutiva conhecida de 10 000 anos, já temos auxiliares de memória sofisticados que a estendem, e que a tornam comum e acessível a todos, o aperfeiçoamento tecnológico vai para além do inimaginável ou sonhado até à menos de um século. No entanto o seu aproveitamento é mínimo e pouco racional. Sem memória, também não havia sequer a capacidade de sobreviver, todos os organismos a têm, o ADN é a mínima partícula orgânica de memória conhecida, a neurobiologia também nos revelou que não interessa a dimensão do órgão, simplesmente a quantidade de sinapses (comunicação) que se estabelecem entre as suas células. O caminho evolutivo do indivíduo, que interfere no organismo, desenvolvendo-se como um indivíduo autónomo numa outra dimensão, parece tornar em máxima, a ter sempre presente, a pirâmide das necessidades de Maslow (fisiológicas, habitat, afectivas, integração e auto-estima), como Modelo a seguir a todos os níveis, inclusive e sobretudo no social, residiria aqui a sustentabilidade da importância tecnológica duma

especialidade científica social, em que o cientista seria um actor social activo com um papel interventivo.

O conhecimento como processo evolutivo cresce e desenvolve as capacidades tecnológicas da espécie, potenciando o seu bem estar e qualidade de vida, permitindo o crescimento da consciência global e universal do Homem. Mais uma vez, daí ser importante a perspectiva do cientista social que, enquanto Homem do seu tempo, também o revela, registando de forma criteriosa e critica o seu testemunho, contribuindo para uma compreensão mais lata do mundo, que em medida com o conjunto dos conhecimentos produzidos pelas outras ciências, interfere também na perspectiva com que estas abordam os seus fenómenos de estudo. A matemática não é rígida, há sempre uma margem de incerteza, que, mais uma vez, em tudo se manifesta. A arte também joga com a matemática, mas explora livremente o universo de possibilidades da percentagem mensurável do que não conhecemos. Mas aqui pelo efeito telescópico, também a arte, ciência e prática estariam presentes como dimensões de todos os fenómenos e acções.

Sendo assim, se em tudo se manifesta, também no próprio trabalho de conhecimento, penso que a arte está aí presente. Felizmente conheço muitos bons artistas sociais, assim como também os há engenheiros, que usam o conhecimento prático para produzir tecnologia virtual ou prática, de modo a construir um ainda mais eficiente sistema social, claro que não compete ao artista ou ao engenheiro idealizar o modelo, este já está por si mesmo consensualmente definido, só lhe é permitido estudá-lo e participar na aplicação das soluções que ajudem a concretizar o que é evidente para todos como caminho para o progresso, o natural, sem preconceitos. A ruptura do Sistema hoje vivida, deriva desta tomada de consciência global, proporcionada pela imensidade de vias de comunicação que exponenciaram o número das sinapses sociais. Então donde nos vêm a impotência para actuar e realizar uma sociedade melhor?

Os princípios e grandes objectivos que são emanados das legítimas Associações Democráticas Internacionais, como os Índices de Desenvolvimento Social, que não se colocam em causa, mas que não se conseguem realizar, são boicotados pela política, que pela sua natureza dupla, não consegue implementar uma estratégia racional e universal. No sistema do caos, a capacidade tecnológica da Humanidade, que tal

possibilitou, foi um avanço demasiado rápido para a nossa condição animal presente. Tal como o foi o passo tecnológico da conquista da lua. Só se vê os trofeus e não as possibilidades que a conquista nos oferece.

A organização dos sistemas políticos actual não possibilita que “se leve a sério” a possibilidade de realização dos ideais humanos, se bem que se empreendam esforços de realização de conselhos consultivos, os seus pareceres são suis genericamente ignorados. Porquê? Para além do limbo em que os decisores consideram estar abstraídos e embrenhados os cientistas, como se a realidade por eles conhecida não lhes dissesse respeito, não havendo interesse por isso em conhecê-la, somente nas suas mais valias imediatas para atingir objectivos desgarrados, para os quais não estão correctamente sensibilizados. Por defeito na sua formação, falta de preparação e consequentemente inadequação das tomadas de decisão, ficam distorcidos os objectivos gerais que inicialmente foram enunciados e sobre os quais todos estão de acordo. A perda de energia e conseqüente entropia, tornam os políticos como maus condutores para esta forma de energia produzida. Como à semelhança do transporte de energia, o trabalho produzido perde-se e resulta em pouco ou nada (a pesquisa dos super condutores de electricidade e a sua eficiência está a ser testada no CERNE, na Europa, através da implementação de uma Comunidade e Macro Sistema a todos e a tudo Comum). As diversidades de correntes, vontades e poder políticos espraíam as soluções óptimas, diminuindo a sua força e pureza inicial (como a imagem de uma fonte que perde a sua vitalidade nos inúmeros obstáculos que encontra numa superfície plana, acabando em pântano), quem realizaria os canais seriam os engenheiros hidráulicos, neste caso. Se as soluções óptimas fossem adaptadas àqueles que lá vivem, seria também uma outra forma de engenharia, para desenhar modos eficientes na realização dos objectivos da energia social, que como a água se perde e/ou está em carência e/ou está mal gerida e mal distribuída, procura-se o seu aproveitamento.

Ainda na visão telescópica ou de zoom, regressemos á importância e necessidade de unidade nas Ciências Sociais. Augusto Santos Silva e Madureira Pinto articulam muito brilhantemente a unidade na diversidade dentro do cosmos das ciências relacionadas com o Homem, ” Delimitámos cinco grandes formações científicas (...) na base de que todas analisam as mesmas realidades, os mesmos fenómenos sociais totais, embora privilegiando cada uma delas uma perspectiva própria de análise: centrando-se a

psicologia nas estruturas psíquicas, a sociologia nas determinações imputáveis a grupos e organizações, a economia na mediatização das relações sociais pelas relações com os recursos, a geografia no espaço, a semiologia e a linguística na comunicação (...) e ainda duas ciências peculiares: a história e a antropologia. Em termos muito simples, o centro de interesse da história é a variação social segundo o tempo e o da antropologia a diversidade intercultural segundo o espaço.” (1986:23)

Esta complementaridade, assim como à medida das pontes que se estabelecem entre o biológico, o físico e o cultural como determinantes da dimensão da condição Humana, a interligação das componentes do sistema aparentemente caótico (como nas sinapses) gera a ciência total que permite criar um sistema global mais eficiente de adaptação ao meio e com menos gastos energéticos, aproveitando ao máximo as sinergias produzidas por cada componente do sistema. Então, a importância está na formação do cientista social, que também enquanto sistema em si próprio necessita, também ele, de funcionar o mais inter-relacionalmente. Na presente crise geral dos sistemas, o modelo em vigor não satisfaz as necessidades e exigências de uma nova ordem mundial. O ensino das diferentes ciências sociais não engloba estas noutras áreas de formação científica essenciais e o universo académico perdeu pela especialização e determinismo nos seus currículos oficiais, uma formação tão vasta e humanista.

As várias vertentes das Ciências Sociais e Humanas deveriam estar completas na formação dos seus teóricos e práticos, uma vez que todas abarcam diferentes dimensões do Homem: na Psicologia enquanto estruturas gerais de conduta, na Economia a relação com os recursos, a Sociologia enquanto análise das determinações devidas a grupos ou organizações, a Antropologia como estudo dos modos de transformação prática da natureza, a Linguística por estudar a complexidade da comunicação, e ainda acho, a Biologia enquanto ser vivo determinado pela natureza. Até mesmo a demografia se referencia aos princípios e teorias da Sociologia e Economia para explicar a dimensão das comunidades.

A sumula que estes autores fazem da globalidade e intervenção entre as Ciências Sociais, parece-me genial. E aqui penso não ser assim tão arrojada ou prepotente a minha intenção, uma vez que já há precursores.



Nos tempos que decorrem já concretizámos a supremacia da espécie humana, primeiro com a descoberta tecnológica da Pedra, mais tarde a agricultura assegurou-nos a nossa alimentação e propiciou-nos o excedente, que permitiu a troca e diversificação de recursos e intercâmbio entre culturas, com estas bases satisfeitas, a auto realização pode-se manifestar e estimular a imaginação para criar, tal como á semelhança da pirâmide das necessidades, a evolução cronológica da espécie que também obedece a este mecanismo de sobrevivência como organismo exterior da sociedade, atingimos um outro estágio de desenvolvimento.

O cerne da questão está em tão pouco, quanto a forma como nós simplificamos ou complexificamos, ou seja de perspectiva de abordagem dos problemas.

Quando falamos da história das ciências Humanas e Sociais, remontamos na sua origem à era do Positivismo com Comte, Durkheim, mas esquecemo-nos sistematicamente, do período do Iluminismo. Quem não está familiarizado com as obras de Montesquieu, Voltaire ou Rousseau não se aperceberá facilmente da associação que existe entre a perspectiva destas ciências e a herança determinante destes autores. A essência da sociologia vêm directamente da tentativa de compreender o Homem e a sua natureza social na visão do testemunho histórico privilegiado, Montesquieu no espírito das leis “tem uma vontade de tornar a história inteligível pela compreensão sistematizada e globalizante do dado histórico que se lhe apresenta sob a forma de uma diversidade quase infinita de costumes, usos, ideias, leis, instituições (...) Montesquieu quer como Max Weber *passar do dado incoerente à ordem inteligível*. Para R. Aron, esta trata-se da *tarefa própria do Sociólogo*”(Hess, 1983). Na verdade se pensarmos em Almeida Garret ou outros autores clássicos nacionais, podemos também nos aperceber desta função nas suas obras. De compreensão da actualidade e de tentativa de registo idóneo da História.

Rémy Hess ao fazer a distinção e emancipação da sociologia abstracta, como aquela que vai tentar encontrar uma inteligibilidade para a realidade social incoerente; da sociologia de campo, como a que descreve e recenseia as formas sociais, baseia-se ainda, em Montesquieu e no seu legado. Complementam-se assim de forma dialéctica as duas perspectivas que unindo-se, resumem toda a epistemologia das ciências sociais, conferindo-lhes cientificidade. Parece-me afinal que os requisitos científicos para

legitimar o conhecimento produzido já estavam presentes numa época muito mais remota ao séc. XIX. E tendo-se perdido o processo de conhecimento dos milénios anteriores aos Gregos, talvez ainda estes mesmos se tenham então manifestado sem disso hoje nos darmos conta, por desconhecimento ou destruição de obras.

Ao descrever a realidade a testemunha tem forçosamente de se envolver com ela. A Sociologia de Intervenção, assim baptizada por Hess, apesar de proscrita dos meios académicos tem, ao contrário do que afirmam alguns investigadores, já alguma literatura prolifera. Actualmente há quem arrisque chamar-lhe outros nomes mais ousados como Engenharia Social. As denominações para a ideia comum são meros artificios. A Engenharia é a prática do Saber, transformando-o em engenho. Se os instrumentos do social e o seu saber também existem, tal como em todas as outras áreas científicas, porque não chamar-lhe Engenharia Social, quando se pretende aplicar na prática os conhecimentos. O Professor Hermano Carmo, citando Josué de Castro, afirma:” Não é este um ensaio de sociologia clássica. De uma sociologia académica, espartilhada na camisa de forças de uma metodologia que sempre tentou separar, no sociólogo, o investigador do Homem, limitando sempre a função do sociólogo à de um simples inventariante de tudo aquilo que se apresenta aos seus olhos, teleguiados por métodos de trabalho consagrados e indiscutíveis. O nosso estudo sociológico é o oposto deste género de ensaio. É um estudo de sociologia participante ou comprometida. De uma sociologia que não teme interferir no processo de mudança social com os seus achados e por isto mesmo não tem o menor interesse em encobrir os traços de uma realidade social, cuja revelação possa acarretar prejuízos a determinados grupos ou classes dominantes”. (Hermano Carmo, 1999).

Na realidade não me posso dar ao luxo de ir tão longe, nem pretendo fazer desta questão o cerne da minha tese, mas na verdade é este o espírito com que fiz o meu trabalho, com um objectivo prático concreto, interventivo e participante.

Como Josué de Castro, fazendo dele as minhas palavras, é esta a sociologia que eu pretendo fazer com esta minha dissertação. Este enunciado complementa-se ao corpo do trabalho prático que consta em anexo. Porquê não juntar os dois? A perspectiva Zoom permite ir até tão longe quanto se queira ir. Esta tese pretende ser disso exemplo prático, a sua organização permite uma viagem ao detalhe, partindo do geral. O que sempre me

fascinou na Sociologia foi a perspectiva de observação que, caso existissem, os extra-terrestres teriam de nós, podendo partir do global para o particular e vice-versa, sem perder de vista o essencial. Mas como nós os investigadores, não somos aliens, e muito menos Deus, mais não podemos do que fazer o nosso relato e dar o nosso parecer subjectivo daquilo que deveria ser a realidade ideal, contribuindo para o trabalho colectivo de construirmos uma sociedade melhor.

A questão torna-se ética, mas positiva quando enquadrámos a intervenção num quadro de poder da liberdade e solidariedade, sem tabus ou preconceitos acerca dos malefícios da intervenção.

Na prática já demonstrada, o processo da intervenção social inicia-se com um pedido decorrente de uma necessidade social manifesta em que é exigido um esforço de todos os protagonistas, clarificando-se papéis e distribuindo-se recursos entre eles. Esta perspectiva não se deve de todo confundir com a visão do controle totalitarista que o complexo Orwelliano infundiu em nós. Na realidade o exorcismo deste trauma já se realizou no Carnaval dos Media. Porque na maioria dos leigos é a imagem Kafkiana de 1984 que é evocada quando se fala em Engenharia Social, é importante destrinçar e esclarecer sobre o que aqui é mencionado. Evitando ao máximo a confusão que geram as afirmações. Afinal o caminho já está trilhado.

O método de Pesquisa-Ação vem à baila impereptivelmente quando se fala de Intervenção, foi legitimado nos meios académicos por Kurt Lewin e Moreno, já há alguns anos e numa dimensão mais restrita de grupo. António Joaquim Esteves justifica a não apropriação oficial desta metodologia pela atitude ortodoxa das instituições académicas. Não a discuto porque ela é natural como reacção de defesa e mecanismo de sobrevivência do próprio sistema. Antes acho, que seria mais plausível demonstrar as vantagens de tal método no tratamento dos problemas das Ciências Sociais.

Actualmente fala-se e aplica-se muito esta metodologia pelos técnicos no terreno, orientando os projectos que promovem a intervenção social. A sociologia de intervenção é a medicina da patologia social, daí a sua ligação imediata ao trabalho social. Na sua Sociologia de intervenção Rémy Hess (1983, p.217), afirma que esta se destingue da sociologia abstracta pelo facto de que o conhecimento é produzido sobre o

terreno com a colaboração das pessoas estudadas. O investigador e o seu objecto encontram-se numa relação de confrontação produtiva, há uma tentativa de enraizamento no terreno, enquanto que a segunda, a sociologia abstracta procura distanciar-se dele reflectindo somente sobre a descrição das situações.

O movimento da História recupera os que nela ficaram esquecidos, recentemente na Psicologia já se valoriza o contributo de Carl Jung, também na Sociologia por oposição a Durkheim, Le Play ainda não foi reabilitado na sua tentativa de campo, vigorando até hoje o modelo da sociologia abstracta, talvez seja altura de falar dele nos meios académicos.

Nas minhas limitadas capacidades não compreendo a desunião entre as duas correntes da sociologia, pois complementam-se sem conflitos, fazendo parte da mesma unidade de conhecimento. Quando se utiliza de forma dialéctica os dois processos, e porque tudo na natureza provem também de movimentos dialécticos, sai-se da filosofia e entra-se na sociologia efectiva, ainda segundo Rémy, para tal acontecer é necessário reunir 3 vontades: de Saber, de Abstracção e de Análise. Resumindo desta forma toda a minha longa dissertação também acredito que “num dado momento da História as condições vão-se reunir tornando a Sociologia possível e mesmo indispensável para a compreensão global do meio e melhoria das formas de vida” (1983).

No entanto virado o milénio, esta Sociologia global é ainda receada quer pelos meios académicos, na sua afirmação enquanto produtora de engenho, quer pelos meios políticos enquanto indutora de teorias que impedem o proselitismo, pois os efeitos da sua implementação anulam o controle ideológico, os seus efeitos fazem abrir um grande leque de liberdade e igualdade, que a estrutura presente na política não tolera, mas com a qual já se começa a confrontar pela tomada de consciência global da persistência dos erros em que caiu.

Neste ponto é talvez chegada a altura de vestir a sociologia aplicada com outros trajes que não só o último modelo do desenvolvimento comunitário. Pelo menos a sua expansão já se verificou do grupo para a comunidade, mas ela é muito mais abrangente do que isso. O discernimento que proporcionaria sob esta forma ideal, permitiria criar o apolítico, pelo menos na administração subsidiária, pois não sendo gerida por amadores,

a sua eficiência poderia ser máxima, porque o poder não residiria numa pessoa, partido ou grupo, mas sim, tornado inteligível pelo trabalho do sociólogo, em todos, na população, naquilo que ela até pode não nos dizer, mas sente e que não é facilmente percebido sem o contributo das Ciências Sociais.

Procurei intencionalmente uma explicação sob a forma dialéctica, como discorri sobre o problema e espero ao mesmo tempo, sistémica, telescópica ou zoom, á falta de melhor nome.

A recolha de dados obedeceu aos requisitos de fiabilidade das fontes havendo confirmação da informação. A maioria dos dados recolhidos teve por base a observação directa, não havendo intermediários na recolha de informação, aqui o próprio investigador procedeu directamente à recollecção apelando ao seu sentido de observação, captando os fenómenos no momento em que eles se produziam e recolhendo os dados pertinentes ao tema em estudo. Enquanto interlocutora no problema em questão a proximidade com este permitiu-me ter uma noção mais realista das ocorrências no terreno, bem como do seu enquadramento. O método de observação adoptado é bastante flexível situando-se perto da observação participante, no entanto não a identifiquei como tal, por tal envolvimento a meu ver, se reportar a outro tipo de fenómenos sociais, mais do foro antropológico, e não tão adequado ao tema da Educação sob a perspectiva de análise dos seus sistemas logísticos.

Em complemento aos dados recolhidos directamente e pela proximidade em relação ao problema em questão decorreu também a acessibilidade aos informantes chave com os quais conduzi entrevistas semi-directivas. Esta técnica permite um elevado grau de liberdade, pois tendo como tema central as escolas, o seu encerramento e reaproveitamento, a conversa foi conduzida de modo informal, sendo que os entrevistados discorriam livremente sobre a estrutura do seu discurso, cabendo ao investigador centralizá-los sobre o tema. Esta foi dirigida a autarcas, professores, pais, membros da comunidade e outros técnicos, de forma a fornecerem a sua perspectiva, recolhendo as opiniões e impressões de forma complementar ao observado, para que fosse incluída a percepção dos intervenientes no processo e tido em conta nas decisões finais.

A maioria dos quadros apresentados e dados estatísticos a que se faz referência foram seleccionados no decorrer da actividade profissional com o propósito específico deste trabalho, a acessibilidade às fontes como o Registo Civil, Centro de Saúde ou Centro de Área Educativa também estavam *á priori* determinados e facilitados pela recolha sistemática que usualmente me incumbem de fazer. Os dados do Instituto Nacional de Estatística disponíveis foram sujeitos a reorganização e tratamento para objecto de análise estatística e para que pudessem fornecer os índices demográficos.

A análise de documentos pertinentes produzidos pelos órgãos estatais e legislativos, acompanhou a elaboração do trabalho e completou a observação e as entrevistas. A pesquisa bibliográfica incidu sobretudo em obras relacionadas com o tema em questão, a educação, mas também com as questões teórico metodológicas abordadas.

As técnicas aqui utilizadas obedeceram ao objectivo de diagnóstico da situação presente, indicando pistas de actuação e propondo acções específicas.

CAPITULO II

ENQUADRAMENTO CONCELHIO

Contexto Físico

Odemira fica situado no Sudoeste Alentejano, o território concelhio estende-se por uma área de 1 720 Km², constituindo-se como o maior concelho do país, corresponde a 1,9% da área do continente, 6,6% da região Alentejo, 32,7% do Alentejo Litoral e 16,8% do distrito de Beja. É limitado a Oeste pelo oceano Atlântico, com uma faixa costeira de 55,25 Km, a Sul confina com o Algarve separado do concelho de Aljezur e do concelho de Monchique pela ribeira do Ceixe, a Norte tem os concelhos de Sines e Santiago do Cacém e a Este o concelho de Ourique.

Quando se afirma que Odemira é o Alentejo num só concelho, para além das características gerais que neste território se concentram, a geomorfologia deste território justifica só pela sua variedade a fundamentação desta afirmação, apresenta-se em duas áreas distintas:

A do interior de topografia difícil e acentuada dominada pela Serra do Cercal e pelo prolongamento da Serra de Monchique apresenta uma variação altimétrica até 516m de altitude, a morfologia dos terrenos tornam-no de difícil acesso, sendo determinante no isolamento da população, que em Invernos mais chuvosos fica incomunicável, nas últimas décadas o investimento em caminhos rurais, instalação de manilhas e pontões, transportes escolares e electrificação tem sido muito significativo, mas ainda incompleto dada a extensão do território. Os solos predominantes são do tipo D e E, adequando-se a sua utilização somente á silvicultura e pastorícia, com efeito esta paisagem é dominada por grandes florestas de eucaliptos, sobreiros, medronheiros e estevas.

A faixa litoral constitui-se como uma extensa planície terminando em elevadas falésias ou em dunas. Com uma natural vocação turística coexistem também aqui as terras mais ricas do concelho, que integram a Reserva Agrícola Nacional, beneficiadas pelo plano de Rega do Mira que a partir da barragem de Santa Clara se encontra preparada para beneficiar 12 000 ha de terrenos agrícolas, cujo aproveitamento se faz com agricultura intensiva ou culturas forrageiras para gado bovino. A excelente qualidade das águas costeiras, pelo temperamento agreste do Atlântico aliado a cargas poluentes nulas

tornam as praias muito atractivas e procuradas por muitos pela sua beleza natural, apesar de águas frias. Estas circunstâncias também favorecem uma fauna e flora aquática muito rica e saudável, nos estuários os bivalves proliferam e as lontras encontram aqui um habitat ideal. O risco situa-se a Norte com o porto e indústria de Sines. O litoral do concelho constitui parte do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina.

Podemos ainda considerar uma outra zona que não sendo relevante, apresenta ainda outras características. Na zona Nordeste do concelho existe ainda uma outra nuance sobre o território, em Vale de Santiago prolonga-se a peri-planície Alentejana, Bicos é também planície, mas com terrenos muito ricos atravessada pela Ribeira de Campilhas e respectiva barragem que dinamizaram aqui o regadio.

O concelho é atravessado no sentido SE/NW pelo rio Mira que tem o seu estuário em Vila Nova de Milfontes, encontrando-se represado a jusante pela grande barragem de Sta. Clara a Velha. As terras de maior parte do território tem solos muito pobres e 70% estão sujeitas à erosão. É marcado longitudinalmente por características e realidades diferentes que lhe conferem um carácter distinto em relação a outros concelhos e um tratamento dos problemas muito localizado, atendendo à especificidade de cada zona. Embora concelho do litoral, denota características periféricas relativamente a um harmonioso desenvolvimento sócio-económico, sendo eminentemente rural.

O seu desenvolvimento é condicionado por planos de ordenamento que por vezes geram situações difíceis e paradoxais. O território está abrangido pelo Plano Regional de Ordenamento do Território do Alentejo Litoral (PROTALI), pelo Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POOC), pela Reserva Agrícola Nacional (RAN) e pela Reserva Ecológica Nacional (REN), e todo o seu litoral encontra-se abrangido pelo Parque Natural do Sudoeste Alentejano.

Este território cuja sede é Odemira, é organizado em 17 freguesias. A distância média das freguesias à sede do concelho é de cerca de 25 Km, as principais localidades são as vilas de Odemira, V.N. Milfontes, São Teotónio, São Luis e Colos. É servido por uma rede viária nacional de 199,4 Km e uma rede municipal de 512,2 Km, sendo que só 23% em 1999 se encontravam em boas condições. Os centros urbanos maiores encontram-se num raio de cerca de 100 Km com acessibilidades deficientes, tornando esta região

ainda mais isolada. Não possui grandes vias, sendo servido pelas estradas nacionais 120 (Lisboa –Lagos) e 263 (Beja-Odemira), o IP1 é acessível por Ourique e a auto-estrada só tem uma saída assinalada para Odemira, também em Ourique, se bem que a saída preferencial norte/sul seja por Grândola ou Aljustrel não havendo contudo, aí, qualquer indicação. Aguarda-se a construção do Itinerário Complementar 4 que irá facilitar o acesso á região. A rede ferroviária é composta exclusivamente pelo troço “Funcheira-Tunes”, que tem no concelho 4 estações: Amoreiras-gare, Luzianes-Gare; Santa Clara/Sabóia e Pereiras-Gare, a utilização de comboios como meio de transporte de passageiros é fraca, contudo o transporte de madeiras é significativo.

Contexto sócio-económico

Ao nível da economia e capacidade empregadora no concelho de Odemira, existiam em 1996, 355 sociedades sediadas: 56 no sector primário, 69 no secundário e 230 no sector terciário que empregavam um total de 1322 pessoas. Em 2000 (INE), haviam 3 808 empresas registadas com uma capacidade empregadora de 1705 pessoas. Com uma população activa de 16 225 pessoas (considerando a faixa dos 15-64 anos) 64% de 26 106 habitantes em, existiam à data 1 202 desempregados registados no Centro de Emprego de Sines, ou seja 7% de taxa de desemprego, em 1996 esta taxa era de 20%! As taxas de desemprego não são muito fiáveis, pois os serviços não contabilizam nos seus registos os inscritos que se encontram em programas ocupacionais ou requisitados. Para além do facto da população sobreviver com biscates, não os declarando efectivamente, o controle sobre os rendimentos tem crescido e melhorado através da averiguação das necessidades das famílias e a sua responsabilização maior através da aplicação do Rendimento Mínimo Garantido, no sentido em que o rigor para beneficiar do sistema obriga a muitas demandas e comprovações. A maioria destes desempregados provêm da agricultura, pescas ou então trabalhadores não qualificados, a maioria só tem como habilitações o 1ºciclo, sendo notório neste concelho a baixa taxa de alfabetização e um acentuado abandono escolar por parte dos jovens; 75% dos desempregados são mulheres e a distribuição etária concentra-se na faixa entre os 25 e os 49 anos, 40% estão à procura de emprego à mais de 12 meses.

A peculiaridade do contexto sócio-económico desta região, ou talvez não, porque acaba por ser um “desenrasca global” a forma de assim trabalhar, fazendo o que é possível. A

região com uma capacidade de empregabilidade tão baixa obriga a população a fazer aquilo que ainda sabe da geração anterior, actividades relacionadas com agricultura. Neste concelho não chegou a revolução industrial, ao contrário de no restante Alentejo haver as Minas como sinal deste fenómeno, as únicas que havia aqui cessaram a exploração em 1750, os recursos minerais só foram explorados na idade do ferro e disso há vestígios. A única fábrica que houve em Odemira foi de moagem de cereais na década de 40 e presentemente só há uma artesanal de cerâmica e de mármore.

O sector primário que predomina no concelho de Odemira caracteriza-se por actividades agrícolas, pecuárias, piscatórias e florestais. Somente 3,7% da superfície agrícola do Distrito de Beja é irrigada, concentrando-se metade deste valor no concelho de Odemira com 11 349 ha . A agricultura tem destacado relevo no perímetro de rega do Mira onde prolifera a agricultura intensiva modernizada, explorada por multinacionais. O emprego para mão de obra indiferenciada por empreitada é abundante, tornando-se na principal fonte de emprego do concelho, de tal forma que começa a atrair muitos emigrantes de Leste, contudo da população activa local são as mulheres a esmagadora maioria dos empregados neste sector.

Depois do desaire económico-social perpetrado pela Odefruta, e após anos de abandono, o terreno do Brejão foi dividido por empresas de menor dimensão, que aquele elefante branco, foram recuperados e retomada a produção agrícola intensiva . O clima ameno e a abundância de água aliados á boa qualidade dos solos, atraem investidores de grandes empresas multinacionais que aqui produzem alimentos de excelente qualidade cujo destino é o norte da Europa. As principais produções são os morangos, as alfaces, batatas, tomates, flores e outras que oscilam consoante os mercados europeus.

A população agrícola local é envelhecida e com baixo nível de qualificação, dedica-se sobretudo á agricultura de subsistência e ao cultivo de forrageiras que se destinam á pecuária na qual tem relevo significativo a produção de gado bovino limousine, fazendo desta actividade base da sua actividade económica que complementam com a reforma.

A silvicultura e criação de gado ovino, suíno e caprino encontra na serra, zona interior do concelho, as condições para a sua implantação. A exploração florestal caracteriza-se

principalmente pela extracção de cortiça e pelo corte de eucaliptos, emprega sazonalmente grande parte da população activa masculina. Outra actividade que sustenta por períodos muitas famílias é a apanha do medronho que depois é destilado artesanalmente.

O medronho poderia ser uma das formas de parar a erosão dos solos provocada pelos eucaliptos, o seu fruto tem a sua origem exclusivamente nas serras do Sudoeste Europeu e a sua destilação perde-se na prática dos tempos. Contudo em Seminário atendido, o eurodeputado Carlos Pimenta respondeu convincentemente a esta questão com a informação de que, o medronho como bebida alcoólica altamente tóxica não pode ser comercializado fora da área de produção, o metanol nele contido é uma das substâncias proibidas de consumo pela Organização Mundial de Comércio, é então este o motivo pelo qual não se pode fazer desta planta autóctene uma fonte de riqueza legítima para a região, ainda que desenvolvida a um nível artesanal, como se já se começa a fazer com os queijos, a salsicharia ou o mel.

A pesca também é do tipo artesanal, praticada em embarcações de pequenas dimensões e também ela, sazonal. Desenvolve-se nos pequenos portos pesqueiros de V.N.Milfontes (Portinho do Canal), Almogrove (Ipa das Pombas), Zambujeira (Entrada da Barca) e Azenha do Mar. A actividade complementa-se com a apanha de algas e de Percebes (e outras actividades menos lícitas). As boas condições para a aquacultura no estuário do Mira possibilitaram a instalação de duas pisciculturas.

O sector secundário tem um peso reduzido na economia do concelho, no que concerne à indústria esta concentra-se nas indústrias alimentares que se baseiam em unidades de pequena dimensão de transformação artesanal de queijos, mel e chouriços. Recentemente tem-se procurado promover este tipo de indústrias através da criação de associações de produtores e da certificação dos produtos. No concelho há duas fábricas de mármore e uma cerâmica. Ainda existem outras indústrias, mas só de manutenção às actividades do sector primário como as oficinas reparadoras de máquinas e automóveis.

Actividade com destaque relevante é a de construção civil, cujo desenvolvimento se justifica pelo crescimento turístico com as infraestruturas a ele inerentes, é forte

atractivo de mão de obra local e emigrante. Nesta última década procurou-se promover as construções tradicionais em taipa, a que já se dedicam um número significativo de empresas de construção civil, por começas a haver mercado na recuperação de montes e unidades de turismo rural.

No terciário, o crescimento deste sector decorre em grande parte da intensificação da procura de serviços, que está dependente da actividade económica global mas também é determinado pelo baixo nível de rendimentos e da dimensão da população que com um baixo nível de escolaridade, sem hábitos culturais e sociais significativos gera uma reduzida procura destes serviços. No entanto o seu crescimento na última década também foi significativo para a dimensão em questão.

A administração pública, os transportes e os serviços sociais e pessoais representam parte importante da população activa no terciário e estão concentrados quase exclusivamente na vila de Odemira. Só a autarquia emprega cerca de 600 pessoas e ocupa muitas outras com programas ocupacionais, inserção/emprego e requisições.

As actividades comerciais tem-se vindo a dinamizar, desenvolvendo-se sobretudo em V.N.Milfontes pelo mercado de procura que é ai mais consistente, as mais representativas são as de venda a retalho.

Neste sector tem influência determinante o turismo, atendendo às favoráveis condições naturais que proporcionam o desenvolvimento desta actividade, nos últimos anos tem-se procurado qualificar a mão de obra através da formação profissional. As unidades turísticas tem na sua maioria um carácter familiar, de pequenas dimensões. Apesar do seu peso se fazer sentir com mais impacto na orla costeira, e Milfontes em particular, já começam a surgir alojamentos de turismo rural em zonas mais interiores do concelho. O emprego é vincadamente sazonal, pois predomina ainda o turista dos 3 S's (sun, sea and sand), apesar de aqui despontar um interesse pelo turismo ecológico, beneficiando do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. Nos anos mais recentes verificou-se no utente nacional uma mudança de perfil, procurando mais repartidamente o lazer ao longo do ano, para além do período estival, esta é uma brecha no mercado que começa agora a ser explorada.

Em 2000 existiam cerca de 12 estabelecimentos hoteleiros, com 255 quartos, estendendo-se a capacidade de alojamento a 549 quartos efectivamente. Neste ano registaram-se 47 343 dormidas, sendo que o mercado nacional é predominante, seguem-se a Alemanha, Países Baixos e Reino Unido, França, Espanha e Itália (por esta ordem).

Aqui o trabalho é marcadamente sazonal em quase todos os sectores de actividade profissional, em actividades relacionadas com o turismo no Verão, corte de eucaliptos no fim do Inverno, tiragem de cortiça, trabalho nas estufas por empreitada, obras na construção civil. A população activa tem um nível de escolaridade muito baixo e fracas qualificações profissionais, não se encontra ainda devidamente formada de modo a fazer face às rápidas evoluções globais. Contudo salvaguarde-se que a conquista que este povo adquiriu pelo facto de ter passado numa só geração, de um mundo marcadamente rural do estado novo e tradicional de séculos, para uma sociedade tecnológica de mudanças estruturais de tal ordem, que nem se reconhecem os valores, mas que muito dignamente optou por uma atitude de abertura, com um conflito de gerações já esbatido porque a mudança é tanta que se acabou por aceitar as mudanças, porém, questionando o seu objectivo. A imagem da escola é associada a um mundo no qual ainda não se integraram, por vezes os pais consideram as obras ou os eucaliptos mais seguro e rentável do que a Preparação pessoal e profissional institucionalizada que os seus filhos tem dificuldade em adquirir, a uma taxa de abandono escolar elevadíssima alia-se uma taxa de insucesso na escola também grande. Quando os filhos chumbam um ano propõe-se-lhes ir trabalhar para as obras ou uma daquelas actividades já mencionadas, afim de se auto-sustentarem. O saber institucionalizado é valorizado, mas as práticas e as necessidades são outras mais urgentes ainda.

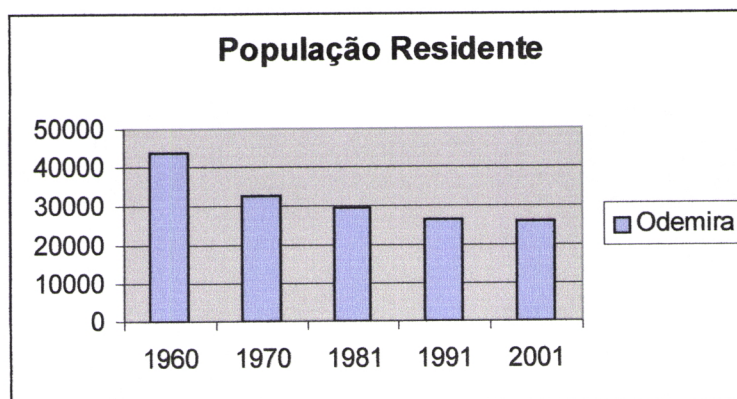
Contexto sócio-demográfico

A população residente contava em 2001 com 26 106 habitantes.

A sua evolução dos últimos 40 anos foi a seguinte:

População Residente		
Habitantes Odemira Distrito		
1960	43999	276895
1970	33068	204816
1981	29463	188420
1991	26418	169438
2001	26106	161211

Gráfico 1



Fonte: Censos da população

Conforme podemos visualizar a evolução demográfica desde 1960 tem sido decrescente com uma média decenal de perda populacional de 16%, contudo na última década (91-01) esta variação reduziu-se para -1,2%. Demonstrando-se claramente que a tendência de desertificação está a diminuir apesar da alegada falta de atractivos económicos e do declínio acentuado da fecundidade.

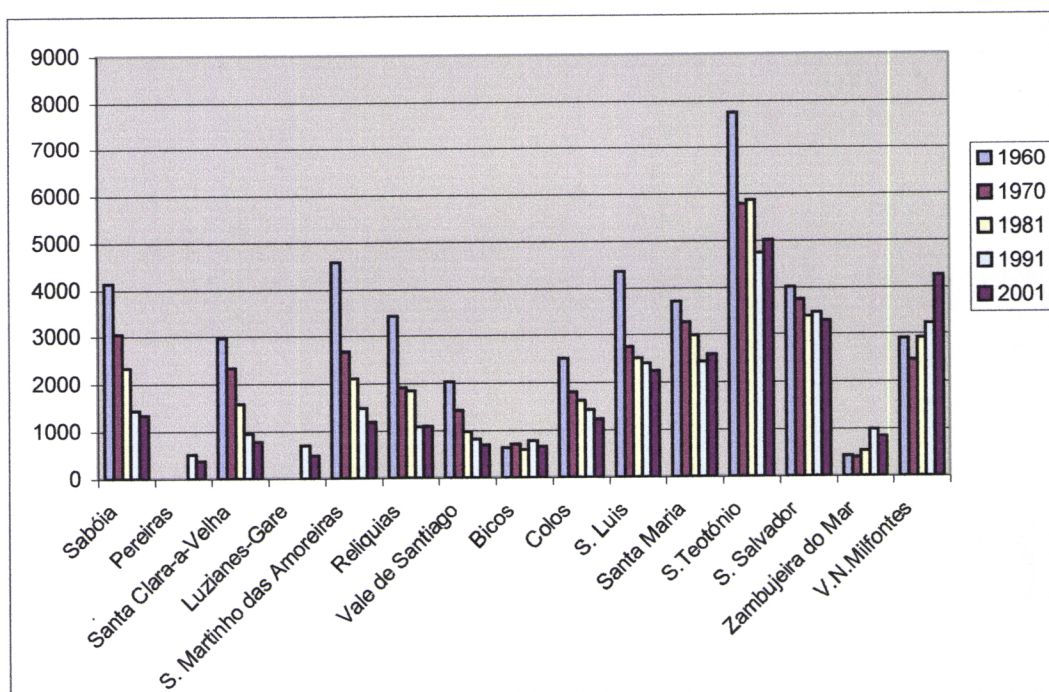
Esta evolução também não é homogênea em todo o território, as freguesias apresentam características diferentes consoante a zona do concelho em que se encontram litoral ou interior.

População recenseada por freguesias em Odemira

FREGUESIAS	POPULAÇÃO RECENSEADA				
	1960	1970	1981	1991	2001
Sabóia	4136	3049	2341	1437	1344
Pereiras	-	-	-	501	373
Santa Clara-a-Velha	2959	2332	1573	948	780
Luzianes-Gare	-	-	-	689	480
S. Martinho das Amoreiras	4587	2673	2104	1481	1199
Relíquias	3425	1897	1839	1089	1108
Vale de Santiago	2025	1427	977	816	695
Bicos	630	704	579	770	649
Colos	2511	1796	1622	1428	1243
S. Luis	4345	2748	2510	2405	2249
Santa Maria	3716	3263	2972	2435	2580
S. Teotónio	7756	5783	5860	4738	5019
S. Salvador	4011	3747	3387	3461	3285
Zambujeira do Mar	427	392	525	779	844
V.N.Milfontes	2896	2460	2914	3228	4258
TOTAL	43424	32271	29203	26418	26106

Fonte: Censos

Gráfico 2



Conforme se pode observar dos quadros e ilustrativamente, do gráfico de distribuição da população no território ao longo dos últimos 40 anos, esta tem de um modo geral a

diminuir, há no entanto zonas de crescimento populacional nas freguesias do litoral, como a Zambujeira e Milfontes, no interior como Pereiras, Luzianes, S. Martinho das Amoreiras, Santa Clara e Sabóia continua com uma redução significativa.

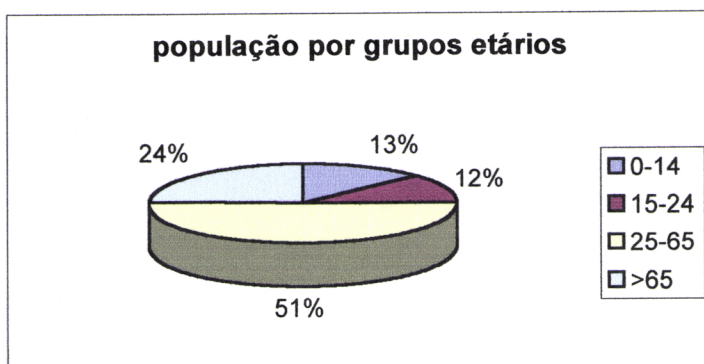
Este facto revela que a assimetria é real, pois faz-se sentir na atracção populacional ou não demarcando duas zonas distintas. Para avaliar estas disparidades a um nível mais micro, pode-se consultar o trabalho monográfico por freguesias realizado a propósito do Diagnóstico da Rede Escolar no concelho de Odemira.

População por sexo e grupos etários

Idades	Homens	Mulheres	Total
0-14	1731	1643	3374
15-24	1609	1501	3110
25-65	6749	6366	13115
>65	3210	3297	6507
total	13299	12807	26106

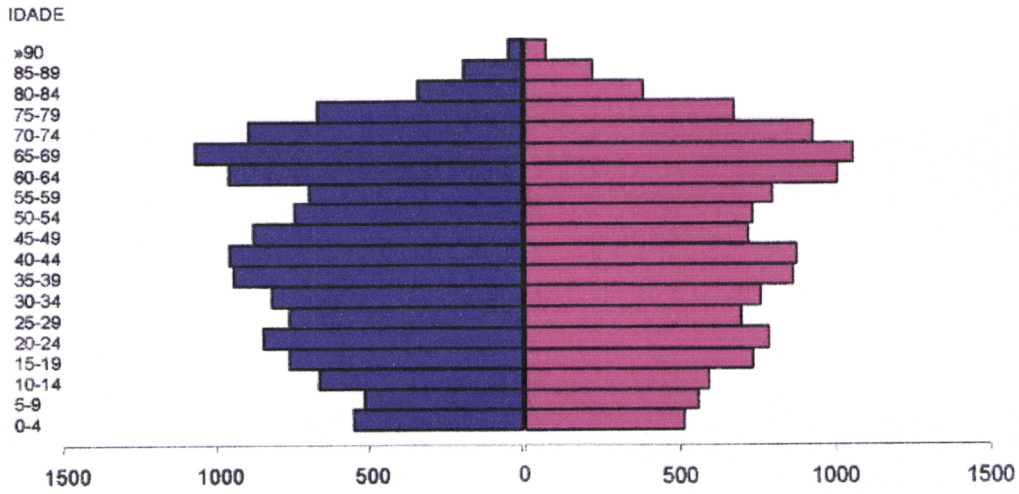
Censos 2001

Gráfico 3

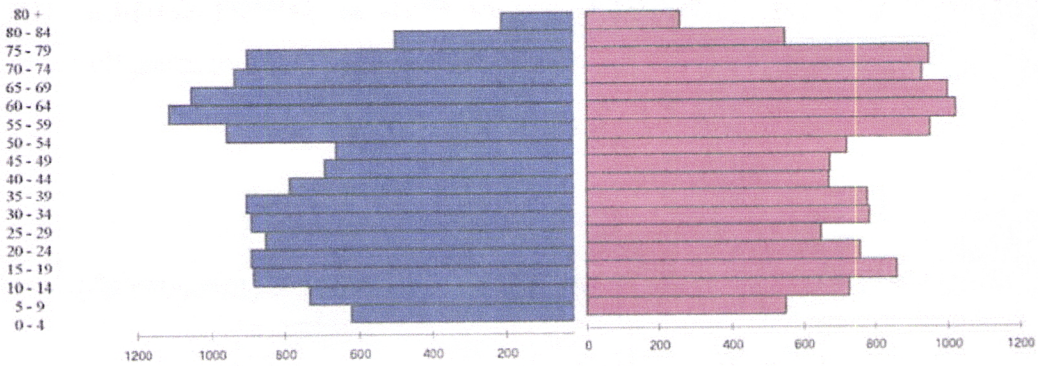


Um dos aspectos mais marcantes da evolução demográfica recente do concelho de Odemira é sem dúvida o duplo envelhecimento da população, entre 1991 e 2001 os jovens diminuíram em cerca de 23% enquanto que a população idosa aumentou 24,3%.

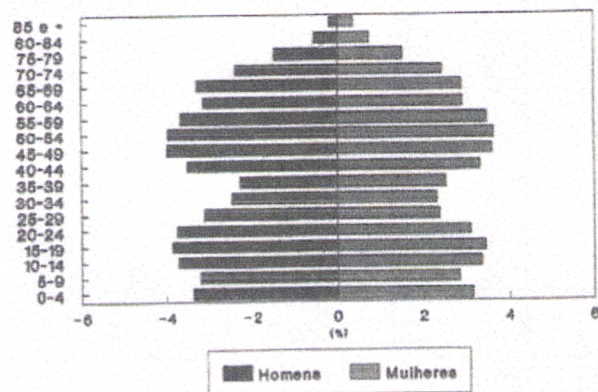
Pirâmide etária do concelho de Odemira 2001



Pirâmide etária do concelho de Odemira em 1991



Pirâmide etária do concelho de Odemira em 1981



Comparando as diferentes pirâmides etárias da população ao longo dos anos evidencia-se esta tendência de envelhecimento populacional, não só pela sangria de gente nova que saiu, como também pela longevidade dos idosos e pelo planeamento familiar. Contudo a parte dos activos tem vindo a aumentar e não só com a população autóctone que fica, mas sobretudo pela que vem, equilibrando assim o saldo fisiológico do global da população residente.

Da visualização da pirâmide etária e as relações de masculinidade, podemos afirmar que a posição da pirâmide tende a ser invertida.

O índice de masculinidade apresenta características contrárias à tendência natural de existirem mais mulheres do que homens, para cada 100 homens em Odemira existem 96 mulheres.

No índice de vitalidade constatamos que para cada 100 idosos (>65) existem 51 jovens (<14 anos)

O índice de dependência de jovens é de 21 por cada 100 activos e o dos idosos é de 40 por cada 100. Sendo o índice de dependência total de 60 por cem.

- A taxa de natalidade entre 1981 e 1991 diminuiu em 28%(trabalho de 1996). Para 1991 havia 8,5 nascimentos/mil habitantes, em 2001 esta era de 8 nasc/mil hab. diminuindo só em meio ponto percentual.
- A taxa de mortalidade é elevada para a média do país (10,5) e mesmo do Alentejo (14,6) fixando-se em 2000 em cerca de 14,7 mortes por cada mil habitantes (11 em cada 100 mortes ocorrem, em Sabóia, por suicídio⁴).
- A taxa de fecundidade era de -40%
- O índice de envelhecimento é da ordem dos 211%
- A taxa de excedentes de vidas é de -6,7.
- A densidade populacional é em média de 15 hab/km²

⁴ Trabalho realizado pela autora em 1996, num estudo sócio-económico deste concelho indicado na bibliografia. Foram também realizados relatórios sobre a população, um deles foi sobre o suicídio.

A distribuição geográfica da população não ocorre equitativamente pelo território concelhio, havendo freguesias que tem menos de 5 hab/km² e outras com mais de 50. Esta disparidade é visualizada no quadro que analisaremos e no mapa seguinte que se pode observar.

Densidade populacional por freguesia

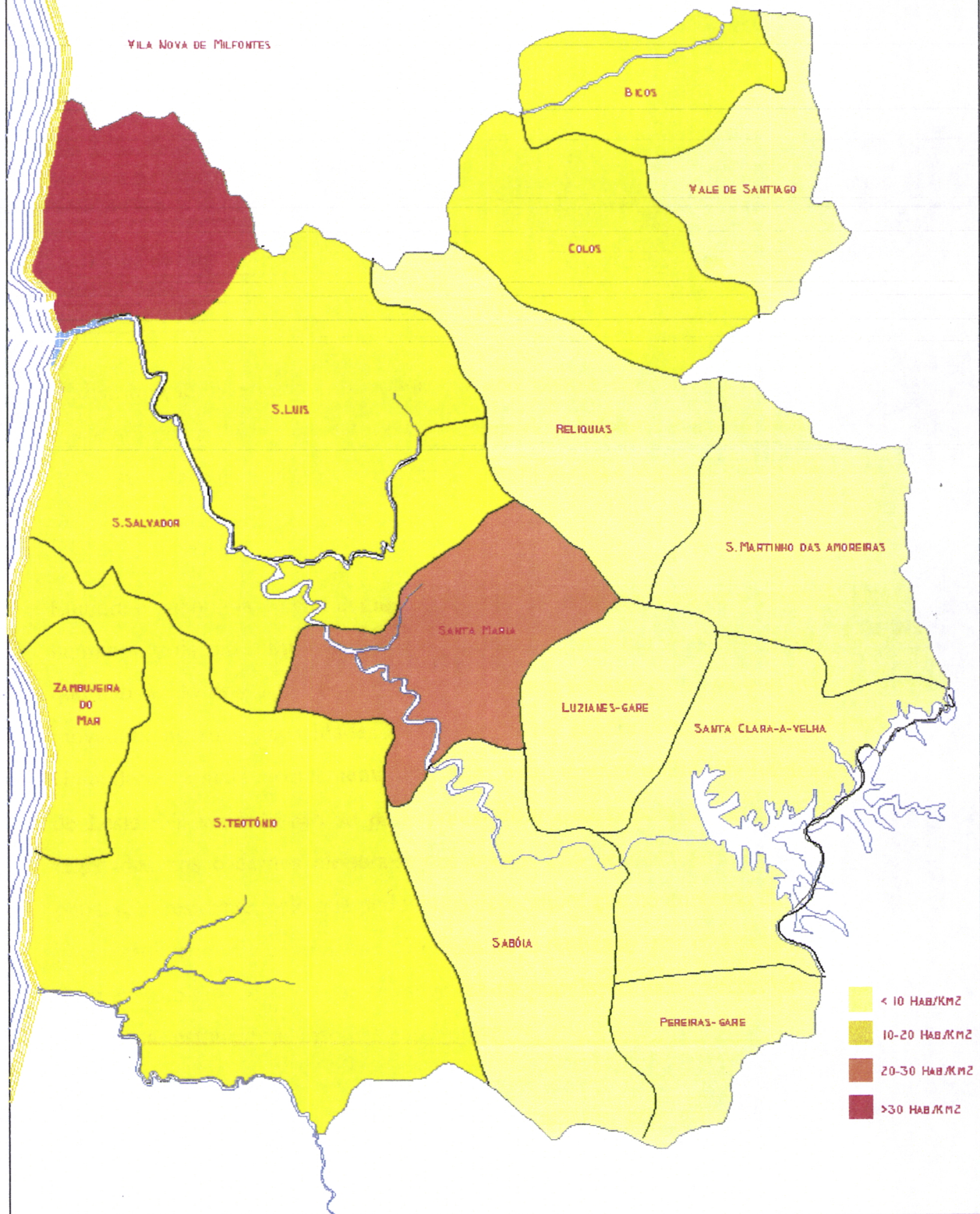
FREGUESIAS	POP. 2001	Km ²	POP./Km ²
Colos	1243	103,480	12
Relíquias	1108	120,113	9
Sabóia	1344	155,500	8
Santa Clara-a-Velha	780	99,782	8
Odemira (St ^a Maria) *	2580	97,092	26
S. Luís	2249	146,614	15
S. Martinho das Amoreiras	1199	144,246	8
Odemira (S. Salvador) *	3285	153,507	21
S. Teotónio	5019	305,666	16
Vale de Santiago	695	65,815	10
Vila Nova de Milfontes	4258	76,533	56
Pereiras-Gare	373	63,853	5
Bicos	649	52,615	12
Zambujeira do Mar	844	40,975	21
Luzianes-Gare	480	94,334	5
TOTAL	26106	1720,152	15

* Foram desanexadas a estas freguesias respectivamente a Boavista dos Pinheiros (37,878km²) e Almogrove (91,724km²), a população aqui não foi recenseada por estas novas freguesias

Na página seguinte pode-se observar a distribuição da densidade populacional que reforça também a assimetria entre litoral e interior.



VILA NOVA DE MILFONTES



Embora o panorama a nível demográfico seja de desânimo, perante a perda de recursos humanos, pois são sempre os jovens que partem à procura de melhor vida, há outros que não sendo esta a sua terra, escolhem-na para refúgio e/ou para aplicar de forma inovadora as suas capacidades profissionais ou económicas, sobretudo Alemães e Holandeses, e mais recentemente as estufas estão também a atrair muita mão-de-obra de países de Leste. Na verdade não se pode contabilizar esta população, a maioria não estão registados nos cadernos eleitorais, nos censos não se destingue a nacionalidade da população residente, pelo que poderemos depreender que no aumento da população está já contabilizado este contingente. Do trabalho já realizado por esta autarquia, sobretudo na área da educação contabilizando as crianças estrangeiras inscritas nas escolas como variável de análise, porque outra fonte não está disponível, apercebermo-nos do peso dos estrangeiros na população local, esta afirmação só pode ser realizada pela observação directa, que comprova a cosmopoliticidade na região em causa. Os estrangeiros residentes no concelho são peculiares, pois podem-se identificar num dos 3 grandes grupos que os caracterizam sociologicamente:

- O mais antigo, visível a partir da década de 60. Com o afluxo turístico ao Algarve, houve alguns jovens turistas que explorando território trouxeram para este cantinho do mundo a cultura hippie. Em 1980 o ar de fronteira e espaço selvagem para acampar trouxeram para a costa alentejana milhares de jovens da Europa, que encontrando um lugar puro e preservado já integrante da comunidade europeia, muitos decidiram aqui viver. Presentemente habitam sobretudo na zona da serra, interior do concelho, vivendo dos subsídios das crianças, de desemprego ou efectuando algum trabalho sazonal como a restante população, praticam uma agricultura de subsistência, tentando viver com o mínimo. Os seus filhos vão à escola e tornam-se “alemãotejanos”.
- Engenheiros agrícolas e outros técnicos profissionais, com o advento do aproveitamento hídrico (com a maior rede de canais do país), e as óptimas condições para a agricultura e seu sub-aproveitamento, padecendo de uma população agrícola é envelhecida e pouca qualificação dos jovens que constituem sobretudo mão de obra, tornaram esta região como uma meca para a formação de empresas de exportação de produtos agrícolas. A partir de 1986 e com o auge da mega empresa

do Thierry Russel,⁵ a afluência de profissionais com as empresas comunitárias foi grande, jovens recém-licenciados constituíram na esmagadora maioria família com esposas portuguesas, ou trazendo as suas famílias de Inglaterra ou Holanda, fixaram-se aqui. Neste grupo dos empresários também houve outros, do 1º grupo, que constituíram pequenas empresas de produtos biológicos, energias alternativas ou construção tradicional.

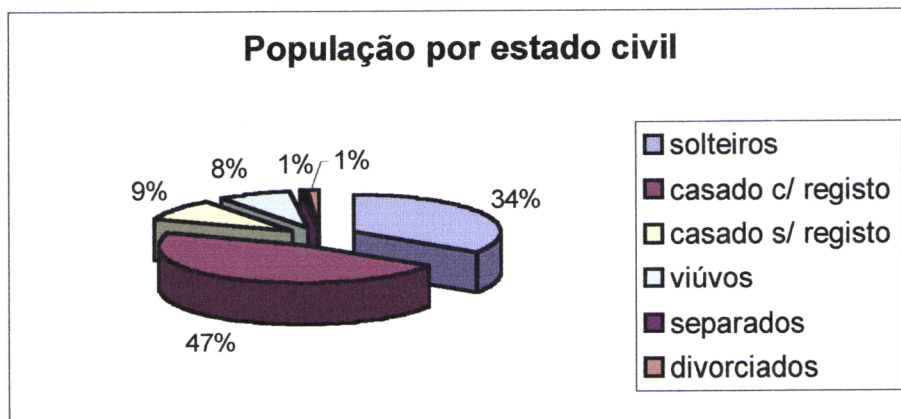
- Por fim, e o mais recente, é o dos imigrantes de Leste que se sentem também aqui, ao que parece, bem. Mas que procuram simplesmente ganhar rapidamente o máximo de dinheiro possível a trabalhar, para regressarem aos seus países de origem e neles investirem. Aceitando qualquer tipo de trabalho e oferecendo uma qualidade de mão de obra técnica que não existia antes deles, são uma séria concorrência à mão de obra local. São quase todos formados e alguns com actividades e posições de destaque antes da queda do comunismo, vivem em condições restritas, mas o seu comportamento é de grande humildade, talvez em parte pela ideologia que caracterizava o regime. Destacam-se pelas roupas demodé, a fisionomia é a dos povos nórdicos que já cá tínhamos, e linguisticamente quase que não se distinguem dos portugueses, tendo uma pronuncia quase indelével.⁶ Na realidade não estão a roubar o posto de trabalho de ninguém, porque estes estavam em carência, como o comprova o curioso quadro de ofertas de trabalho feitas ao Centro de Emprego, que se pode consultar em anexo. A aceitação é boa, politicamente durante mais de 20 anos a cor dominante era a comunista.

A tendência natural do concelho como já foi visualizado na análise demográfica seria a de continuar a perder população, prosseguindo o envelhecimento populacional. Senão houvesse a intervenção de um factor aleatório, esta era a perspectiva, no entanto verificámos que esta tendência se está a inverter pelo decréscimo desacelerado da última década.

⁵ Nesta altura vieram às centenas pessoas de toda a Europa e até de Israel, Algerianos e sobretudo Marroquinos

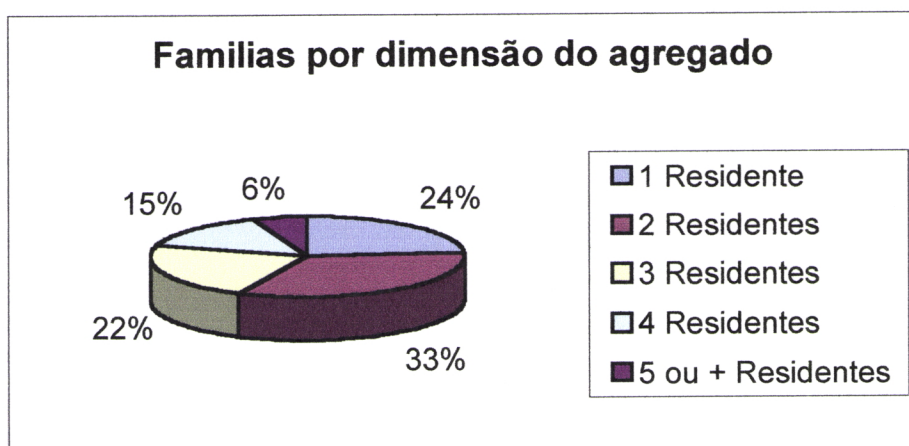
Outros indicadores pertinentes

Gráfico 5



As pessoas solteiras são quase metade da população, 44% , sendo que os casamentos sem registo são uma cota parte das relações, curiosamente na população rural idosa.

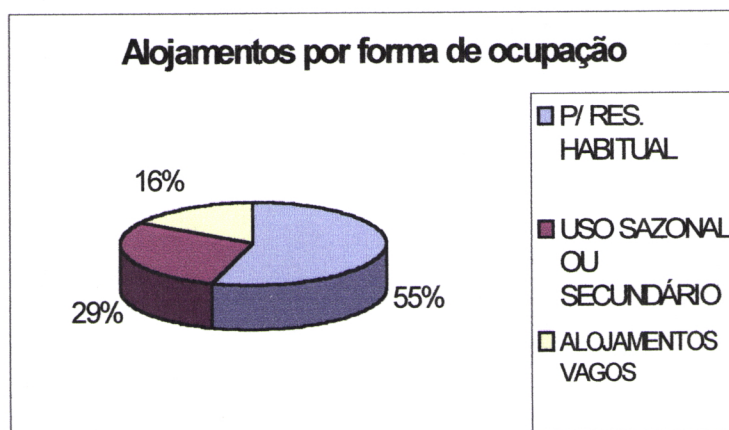
Gráfico 6



Existem 10 408 famílias no concelho de Odemira, 24% dos indivíduos encontram-se sozinhos, sendo que 33% são famílias só com o casal ou monoparentais. Daqui apercebemo-nos de que mais de metade da população ou vive sozinha, ou acompanhada por outra pessoa.

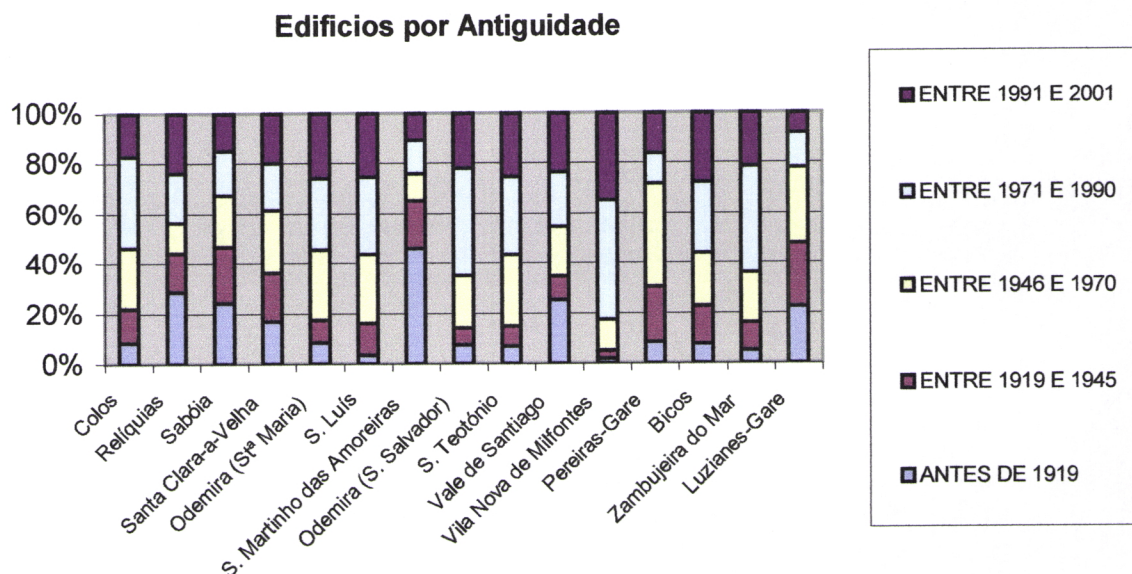
⁶ O que mais me surpreendeu na língua Russa, quando dela tive lições em 1986, foi que foneticamente é quase igual à língua portuguesa, sendo também para nós muito fácil aprender o Russo.

Gráfico7

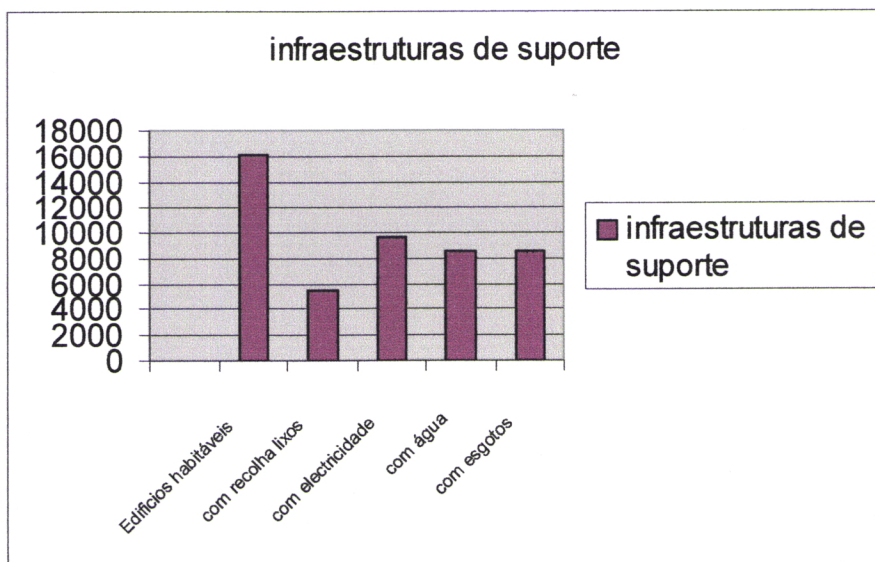


Há 18 389 alojamentos em Odemira em 16 139 edifícios. Somente 55% dos edifícios são habitados permanentemente, daqui sobressai o peso do turismo, mas também da desertificação.

A antiguidade dos edifícios segundo a data de construção, também nos pode dar pistas sobre a qualidade de vida dos municípios:



Quase 60% do parque habitacional do concelho é posterior a 1970.



Em 16139 edificios vemos que ainda poucos são os que possuem saneamento básico da rede pública, isto deve-se á dispersão dos parque habitacional, sendo no entanto que muitos deles tem sistemas autónomos de infra-estruturas, como furos de água e fossas e energia solar.

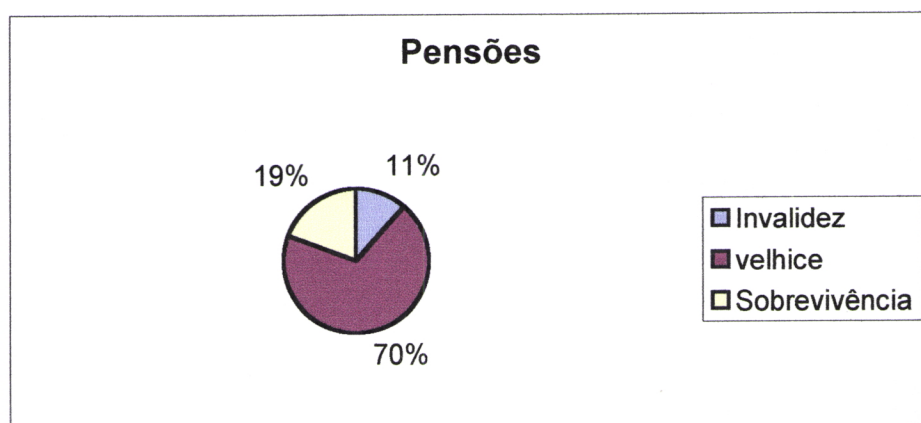
Na Saúde a população conta com um Centro de Saúde e 16 extensões, não há hospital, mas há 4 camas no serviço de observação e um Serviço de Atendimento Permanente. Existem em todo o território 10 farmácias. Actualmente existem 16 médicos e 20 enfermeiros, registam-se cerca de 65 235 consultas por ano (média de 3 consultas/ano/pessoa).

Como em todo o país, as dificuldades neste sector são muitas e não são cobertas as necessidades reais deste concelho, o hospital fica a 100 Km em Beja, embora exista o Hospital de Santiago do Cacém um pouco mais próximo não se encontra ainda devidamente preparado para as emergências, sendo que todas vão encaminhadas para o Hospital Distrital de Beja. Ao POEFDS foi candidato um Hospital de Retaguarda, uma vez que a maioria dos doentes são idosos doentes ou acamados, a ocupar as antigas instalações do hospital encerrado já 15 anos, que não foi aprovado. Facto curioso é que se registam em média cerca de 26 deslocações diárias em ambulâncias, sendo ao nível de gastos da despesa com transportes, por exemplo no mês de Janeiro de 2000 em cerca

de 56 071,06€, 11 mil contos (dados fornecidos pelo Centro de saúde para *Memorando APPC 2000*).

Ao nível da Assistência Social, havia em Odemira 600 processos em 1999 entrados no Rendimento Mínimo Garantido, contra 332 activos presentemente e que estão distribuídos pelas 3 assistentes sociais do Serviço Sub-Regional da Segurança Social.

- Existe um total de 9 506 pensionistas, ou seja cerca de 36% da população, que se distribuem da seguinte forma:



Na área do apoio à 3ª idade existem 4 lares com capacidade total para 200 utentes, 5 centros de dia para 162, e serviço de apoio domiciliário para 170 pessoas, coordenados por IPSS's e St. Casa da Misericórdia.

No apoio á infância e juventude existem só, em todo o concelho, uma creche para 50 bebes e um ATL para 90 crianças, coordenado pelo Infantário Nª Sra. da Piedade.

Para apoio á população com deficiência foi inaugurado em 2001 um Núcleo Regional da APPC com um Centro de Actividades Ocupacionais para 15 utentes e presta serviço de apoio domiciliário a outros 15, ainda só serve os que nunca tinham tido apoio, os restantes continuam a deslocar-se para a APPC de Beja e a Cercisiago em Santiago do cacem, ainda a Cercicoa em Almodovar. Há cerca de 2 258 individuos na população total que têm deficiência, ou seja 8,6%.

Como Associações de Desenvolvimento, a realizar trabalho contamos com a Fundação Odemira, a INDE, a TAIPA, a ADMIRA, a ADL, Vicentina, ESDIME, Associação de Regantes do Mira e a Associação Humanitária D. Ana Pacheco. Noutras áreas, Odemira tem um grupo de escutas, 2 clubes fluviais, 1 clube aventura, 2 associações de estudantes, algumas associações de pais e muitas Associações Recreativas locais mais ou menos incipientes ou em fase de desenvolvimento que organizam ocasionalmente torneios de pesca desportiva e bailes populares.

Os centros de diversão nocturna concentram-se no litoral nas localidades de V.N. Milfontes, Zambujeira e Almogrove com bares e discotecas.

Em Janeiro, o director do Centro de Emprego apresentou à Comissão Local de Acompanhamento do RMG a oferta de mais de uma centena de postos de trabalho por parte da empresa agrícola AMS. Foram convocados 434 desempregados, destes só 38 aceitaram, ficando efectivamente a trabalhar na empresa cerca de 15. Foi feito tratamento dos resultados das entrevistas realizadas, por freguesia, cujo resultado consta em anexo.

Do retrato de Odemira podemos concluir que a falta de espírito de iniciativa e sentido empresarial que também caracterizam esta população, sob pena de grande injustiça, não pode ser desligado de outras condicionantes que o justificam: Odemira é na Europa, o concelho que, também, tem a mais alta taxa de suicídio. Sendo também este um outro vector que é, também, tido em conta directa ou indirectamente na tomada de decisões que afectam a população.

Também, quando olhamos para os mapas da distribuição dos Índices de Desenvolvimento Humano na Europa⁷, em todos eles, a linha de desenvolvimento característico das zonas litorais que orla a Europa é permanentemente interrompido nesta mancha que constitui Odemira. Esta mancha branca determina em grande parte o motivo porque Portugal ainda é considerado País em vias de desenvolvimento.

Da análise revela-se que a tendência que se manteve por 40 anos está agora a alterar-se. Começa a surgir uma nova realidade, a observação confirma que este aumento se deve

sobretudo á população estrangeira, mas também Portuguesa, que está a possibilitar ultrapassar o índice limite de capacidade regenerativa que indica que para haver estabilidade demográfica numa população tem de haver 2 valores para substituição geracional, e que aqui é de 0,5.

O rejuvenescimento populacional, confere a todo o território uma cosmopoliticidade rica e variada coexistindo com um mundo rural em extinção. Toda a região é marcada ainda por características rurais, a verdade é que o carácter urbanista que esta região deveria começar a denotar só ainda se verifica em V. N. Milfontes, local com mais impacto na indústria turística, com um grande crescimento na construção civil e na mão de obra afluente, proximidade ao complexo industrial de Sines, com a bolsa de pobreza do concelho, habitações clandestinas, prostituição, consumo e mercado de estupefacientes elevado, alta taxa de alcoolismo, maior concentração de crianças em risco sinalizadas e apoiadas... Ao nível de problemas sociais com características marcadamente urbanas, a sua localização na periferia de Sines constitui-se como a zona de Parque Natural, com inicio numa região dominada ainda por características eminentemente rurais, onde não existe indústria para além da ligeira de suporte ás actividades agrícolas, serviços pessoais centralizados na sede de Concelho Odemira, e agricultura e turistas a dominarem o litoral. Olhando de cima ver-se-ia ainda uma larga faixa interior montanhosa quase deserta.

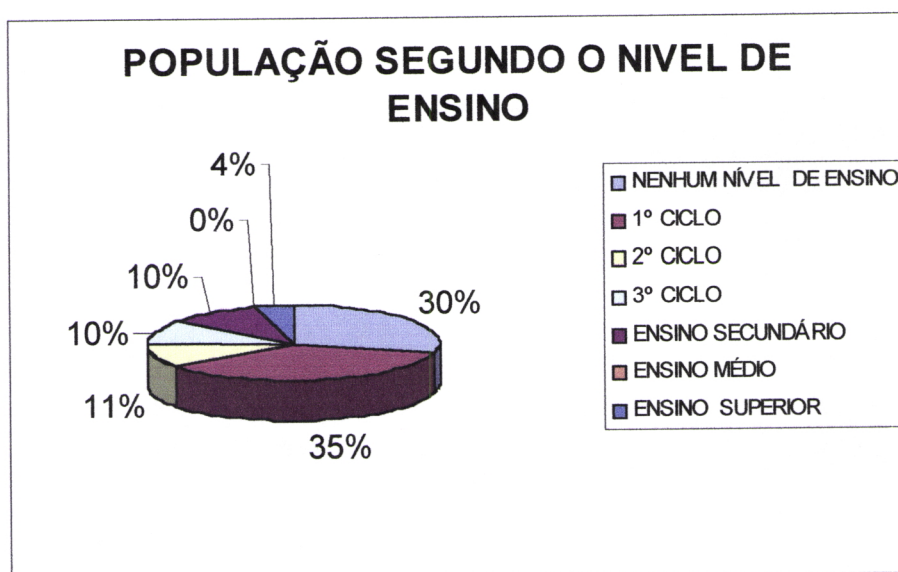
⁷ Exibidos em aula de mestrado em sociologia na Universidade de Évora pelo Professor Doutor Jorge Gaspar.

CAPITULO III

A ESCOLARIDADE

O problema da escolaridade sobre o qual nos debruçamos neste trabalho, é abordado na sua perspectiva social, sobre os factores sociológicos que nela influem. Apesar das causas sociológicas do insucesso escolar já serem suficientemente apontadas noutros estudos, irei apenas enumerar aqui as variáveis mais relevantes: as ligadas á família, tais como o estatuto socio-económico, o rendimento, o nível de instrução dos pais e as atitudes dos pais perante a educação; as respeitantes ao ambiente mais próximo, como a situação geográfica e o meio cultural da colectividade em que a criança vive; as variáveis étnicas, tais como os níveis de instrução acessíveis ou pretendidos pelos diferentes grupos étnicos; as variáveis religiosas - o nível de instrução acessível aos diversos grupos religiosos ou o nível a que estes grupos aspiram; as ligadas á escola, que tem a ver com os recursos do estabelecimento escolar, as qualificação dos professores e os programas propostos; e finalmente as variáveis ligadas ao meio frequentado pela criança, como por exemplo, a atitude dos amigos da mesma idade perante os estudos, os professores e a autoridade.

Como podemos observar do gráfico que a seguir se apresenta, o abandono escolar foi bastante elevado, o que se traduz no nível de escolaridade presente da população.



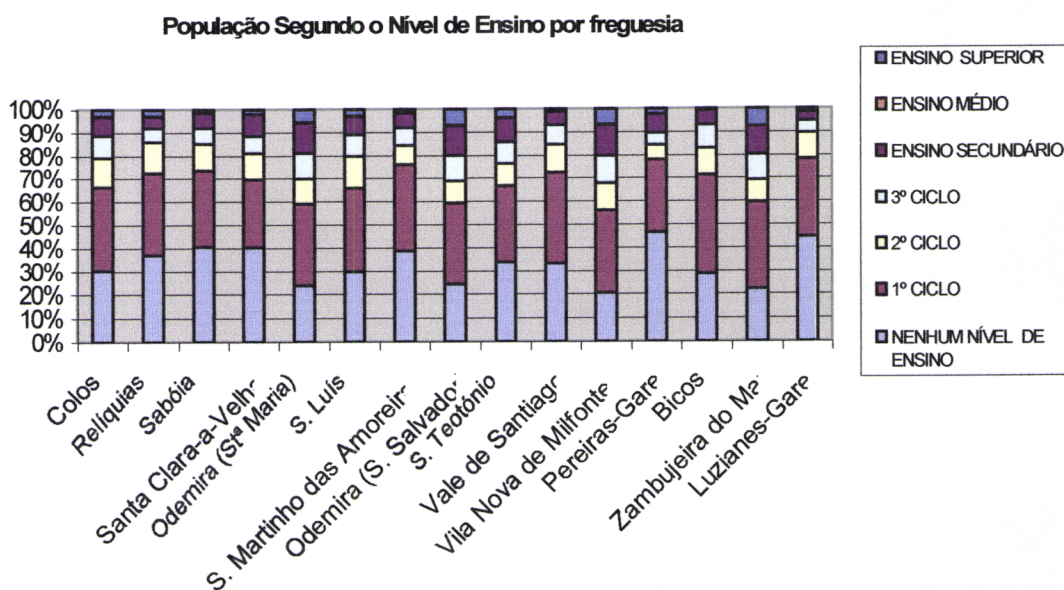
Do que me é dado observar localmente apontaria como causa mais forte o ciclo de influência que as gerações com nenhuma ou baixa escolaridade têm na mudança de comportamentos da geração posterior, para além de que neste território também o acesso á escola em distâncias físicas influi sobre a sua frequência. A forma como se vive o insucesso escolar é determinado pela família “é óbvio que se a criança é oriunda de um meio social indiferente ás possíveis aquisições escolares, não se pode falar de insucesso escolar, porque, neste caso, a escola está fora do sistema de valores da comunidade em que a criança se insere” Muñiz, (1993 p. 51) toma como factor sociológico determinante a esfera da família.

Muito relevante para que se opte pela variante da família como factor local determinante na elevada taxa de insucesso e de abandono é que, ainda segundo o mesmo autor, dos aspectos sociológicos que influem no rendimento escolar, salienta-se a actividade profissional, demarcando a sociedade tecnológica da rural, “numa sociedade rural ou tradicional, a actividade profissional está ao alcance da vista e da compreensão da criança, o que não acontece com as actividades urbanas e tecnológicas em que os filhos não contactam com a profissão dos pais, no mundo rural a criança compreende o processo produtivo e participa nele muitas vezes, ajudando ou intervindo de uma forma mais activa. Adquire inclusivamente um sentido critico sobre a validade e a qualidade da obra realizada. Na sociedade actual imprime-se permanentemente a ideia ás crianças de que só com estudo conseguirão obter produção válida e realização pessoal, havendo desfasamento com o observado em relação aos seus pais, o trabalho escolar converte-se, frequentemente numa actividade sem muito sentido, a criança vê-se absorvida em tarefas cuja finalidade não vislumbra por não a associar ao seu mundo conhecido” (Muñiz p.81), entrando numa situação contraditória. Sem esquecer que para muitos pais, a escola é um período obrigatório exigido pela lei, o qual, logo que seja cumprido no plano cronológico, favorece o trabalho do jovem para que entre mais um salário na precária economia da família, muitas vezes são os pais que incentivam ou ameaçam os filhos com o “ir trabalhar nas obras ou nos eucaliptos”.

A fragilidade do nosso pais em termos de competitividade está na origem do diferencial significativo de produtividade entre Portugal e a Europa dos 15, em função da estrutura produtiva estar assente no baixo grau de qualificação dos recursos humanos que aponta para défices nos indicadores educativos, de acordo com o estudo sobre *Portugal 1995-*

2000 - *Perspectivas da evolução social*, muito sérios e preocupantes, alvos de políticas e orientações estatais. Na verdade, se é correcto que o desenvolvimento de Portugal revela índices, que nos colocaram num espaço de vinte anos a par dos nossos parceiros em relação a quem tínhamos meio século de atraso, temos contudo, também outras taxas que indiciam fraca capacidade de desenvolvimento devido sobretudo ao baixo nível de escolaridade da população.

Localmente o ensino Básico de 9 anos ainda só muito recentemente foi assegurado pela criação de novas escolas, a deslocação a que os alunos se encontravam obrigados ajudava a que se desistisse da escola. Cerca de 70% da população de Odemira só tem o 1º ciclo, numa escolaridade de 3 ciclos só 20% tinha os 2 ciclos, se observarmos o gráfico da população segundo o nível de ensino por freguesias, apercebemo-nos que a localização geográfica em relação ao litoral e acessibilidade geográfica, revela como as freguesias mais afastadas aquelas que tem população com um nível escolar mais baixo, Odemira tem ainda uma taxa de analfabetismo de cerca de 30%, no entanto há a relembrar que grande parte da sua população são idosos.



Por aqui pudemos ver a variação intra-territorial da escolaridade da população

Ao nível de ensino, a rede escolar do concelho de Odemira consiste em: 23 Jardins de Infância, 4 Centros de Educação Pré-Escolar, 49 escolas do 1º ciclo, 2 Escolas Básicas Mediatizadas, 4 escolas de Ensino Básico Integrado organizadas em 4 agrupamentos verticais e 1 agrupamento horizontal; 1 colégio privado, 1 escola secundária e 1 escola profissional, frequentado por um total de 3 639 alunos que se distribuem conforme quadro que se segue.

Alunos em todos os graus de Ensino no concelho de Odemira em 2001\02

Pré Escolar	1º ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário	Total
468	989	517	895	770	3639

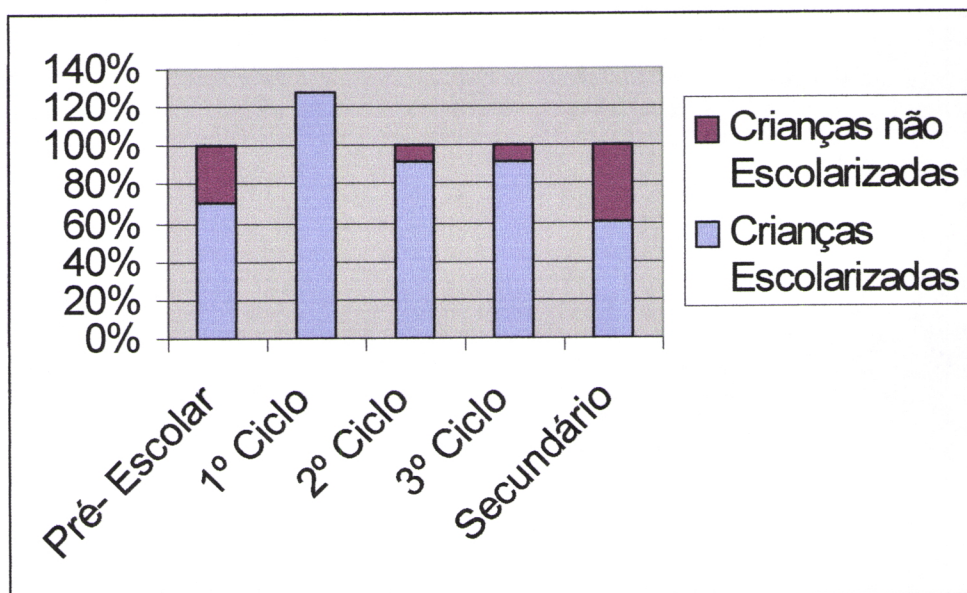
Fonte: Clara Gonçalves, *diagnostico e prospectiva do sistema educativo no concelho de Odemira*

O flagelo do abandono escolar precoce suscitou uma série de políticas de inversão de tendência:

- Com a criação das escolas básicas integradas de Sabóia e Colos
- O desenvolvimento de uma acção social escolar por parte da autarquia com auxílios económicos para aquisição de material e manuais escolares, e fornecimento de refeições ao 1º ciclo e pré-escolar, tarefa hercúlea considerando que as escolas não têm refeitórios e são numerosas e dispersas.
- Melhorias nos transportes escolares e alojamento,
- Expansão do ensino pré-escolar,
- Aplicação rigorosa do acordo de inserção do RMG quanto á frequência escolar e acompanhamento dos casos considerados de risco por projectos autárquicos e de outros parceiros,
- Aplicação do projecto das escolas rurais, por parte do Instituto das Comunidades Educativas com a valorização dos saberes tradicionais, iniciativas de quebra dos isolamento de algumas escolas efectivando o envolvimento comunitário nas escolas, e uma maior sensibilização por parte da população para a necessidade da escolarização como factor de combate ao trabalho precário.

Estas medidas inverteram realmente a tendência de abandono, conforme se pode observar pelo gráfico de escolarização presente:

Escolarização por Níveis de Ensino



Fonte: Clara Gonçalves, diagnóstico e prospectiva do sistema educativo no concelho de Odemira

As taxas de escolarização são indicadores importantes que permitem avaliar o grau de cobertura do sistema educativo numa determinada população. Correspondendo ao grupo etário que deveria de estar no nível correspondente.

Os índices referentes á Educação Pré-Escolar e ao Ensino Secundário denotam coberturas mais baixas, este facto pode explicar-se respectivamente pela distância da residência ao Jardim de Infância e a idade das crianças que frequentam este nível de ensino, a pouca disponibilidade dos pais em levá-las, optando por deixá-las com familiares. Para o caso do Ensino Secundário a cobertura poderá ser considerada razoável, se tivermos em conta que a escolarização das crianças deste nível de ensino não se restringe, certamente na sua totalidade, ao âmbito concelhio, não nos podendo esquecer que existe uma fatia significativa deste grupo que se insere num nível de escolaridade que se situa abaixo do Secundário pela sua retenção, ficando neste nível de ensino um valor muito reduzido da corte.

Taxas de Repetência

Níveis de Ensino	Ano lectivo 00\01
1º Ciclo	10%
2º Ciclo	11%
3º Ciclo	16,4%
Ensino Secundário	13,9%

As taxas de repetência escolar são indicadores importantes que permitem avaliar o grau de retenção verificado no sistema de ensino. As taxas de repetência - a partir da relação entre o número de alunos matriculados pela 2ª vez ou mais vezes num ano lectivo e o número de matriculados no mesmo ano de escolaridade no ano lectivo anterior - fornecem-nos uma imagem do nível de insucesso escolar da população analisada.

A população activa presente tem um baixo nível de escolaridade, o que suscitou também a procura de uma aplicação de oferta mais intensa do ensino recorrente, na medida do possível, e de cursos de formação profissional que infelizmente se tornaram prática corrente e um pouco ineficientes pelo subsidiarismo que é invocado como motivo para o frequentar e coleccionar, pela população activa desempregada. De momento está a decorrer um projecto comunitário, promovido pelo INDE que pretende avaliar o sucesso das acções e cursos de formação, comparando e conectando boas práticas com França e Espanha.

Sendo que as escolas do 1ºciclo e pré-escolar tem um capítulo privilegiado neste trabalho, uma vez que é da sua remodelação que se trata, abordaremos aqui sucintamente os restantes graus de ensino, reservando para os níveis de ensino nos quais a autarquia tem competências um capítulo mais exaustivo.

Escola Secundária:

Esta escola foi considerada em 2001 pela Revista Grande Reportagem como a escola modelo do País, onde a integração dos alunos é melhor conseguida e o nível de disciplina não apresenta problemas. Actualmente existem as seguintes áreas de Ensino:

- No 1º agrupamento – Científico natural , no cursos de carácter geral há 192 alunos
- No 2º de Artes há 73
- No 3º Económico-Social há 65

- No 4º de Humanidades no curso de carácter geral e no curso tecnológico de animação social há 114

Há ainda o ensino recorrente do 3º ciclo no Estabelecimento Prisional Regional de Odemira com 18 alunas, e 10 na sede com o secundário há 64 alunos. Esta Escola tem um total de alunos de 536

Escola Profissional de Odemira:

Esta escola foi criada para fazer face também ao baixo nível de qualificação profissional da população activa. Em 1996 foi realizado um estudo para sustentabilizar a continuidade desta escola e adequar os cursos criados às necessidades profissionais específicas do concelho de Odemira. Actualmente estão em funcionamento os seguintes cursos:

- Técnico de Turismo Ambiental e Rural,
- Técnico de Informática de Gestão
- Técnico de Instalações Eléctricas
- Técnico de Hotelaria, Restauração, Organização e Controle
- Técnico de Contabilidade
- Técnico de construção civil
- Técnico de secretariado
- Técnico de Manutenção Electromecânica

O total de alunos desta escola é de 192 .

Colégio Nª Sra. da Graça:

Esta Instituição Privada de Solidariedade Social conta com o 2º e 3º ciclo e o ensino secundário, os seus alunos distribuem-se da seguinte forma: No ensino Secundário, nas áreas de 1º agrupamento com Científico natural, no 3º curso tecnológico de Administração e no 4º Humanidades, com os alunos:

- 10º ano – 62
- 11ºano - 44
- 12º ano – 48

Há ainda ensino recorrente com 23 alunos no 3º ciclo, o total de alunos desta instituição é de 518.

As escolas a tratar a seguir serão analisadas no seu agrupamento de ensino básico integrado, ou como agora são cognominadas as Escolas Básicas 2 e 3. Os agrupamentos são constituídos verticalmente integrando todos os níveis de ensino desde o pré-escolar até ao 3º ciclo, só existe um agrupamento horizontal que é o da delegação escolar que abarca os Jardins de Infância e as Escolas Básicas do 1º ciclo de Milfontes e São Luis.



Existem 34 escolas encerradas ou com funcionamento suspenso em todo o concelho, o seu levantamento e estudo foi realizado em 2000, considerando a dinâmica sócio-económica envolvente e apresentando propostas de reutilização, bem como o orçamento da sua recuperação, esse é também um trabalho que poderá ser consultado, como complemento a este.

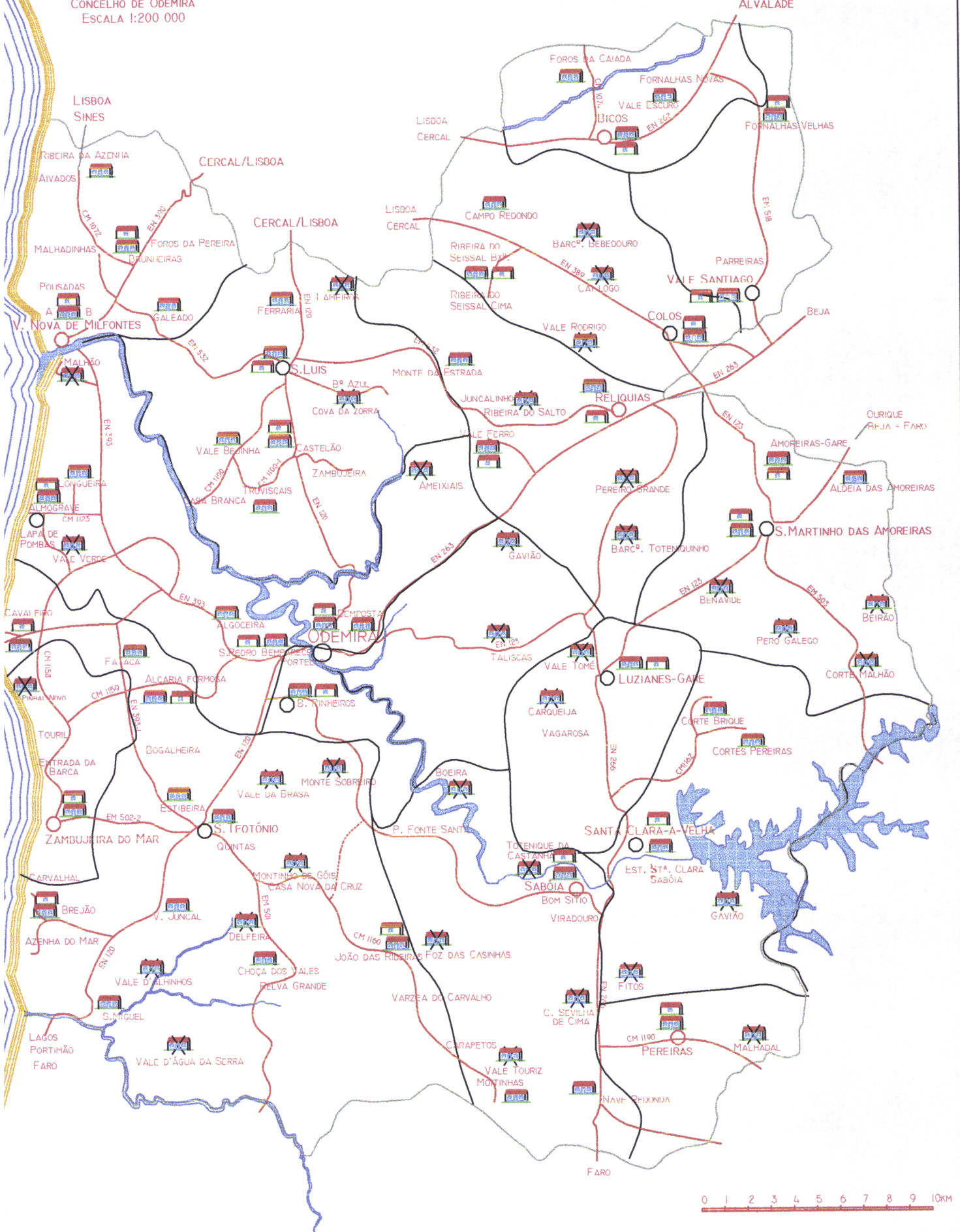
O mapa contemplando a distribuição geográfica das escolas do 1º ciclo em funcionamento e suspensas, bem como dos Jardins de Infância pode ser observado na página seguinte.



CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

CONCELHO DE ODEMIRA
ESCALA 1:200 000

-  ESCOLAS DO CONCELHO
-  JARDINS DE INFÂNCIA DO CONCELHO



CAPITULO IV

DESCRIÇÃO E PROPOSTA DE REORGANIZAÇÃO DO PARQUE ESCOLAR

Nesta fase do trabalho seriam apresentadas as monografias por freguesia, no entanto como a extensão da descrição exaustiva de 17 freguesias é demasiado grande para caber neste trabalho, foi feito aqui um resumo, caso interesse poderão ser consultadas num outro trabalho já realizado. A fase seguinte que se apresenta organiza-se por agrupamentos escolares, com uma síntese das freguesias e a parte mais objectiva do estudo, que é a previsão da frequência por escola de forma a servir de linha mestra à reorganização física do parque escolar. As previsões aqui realizadas foram-no com base nos nascimentos ocorridos desde 1993 até 2002 registados por lugar com escola, tendo sido recolhidos no registo civil local e constando de um quadro em anexo que engloba também as previsões de frequência até ao ano lectivo de 2008/09. De salientar que as previsões que aparecem a bold no texto relativo a cada escola são o produto conjugado da estimativa matemática com a tendência de cada local.

Agrupamento de Colos

O agrupamento de Colos abrange as escolas das freguesias de São Martinho das Amoreiras, Bicos, Vale de Santiago, Colos e Relíquias. Estas freguesias são homogéneas entre si, pois todas se situam na faixa interior norte do concelho, padecendo de desertificação e envelhecimento populacional, apesar de no último decênio esta tendência ter sofrido uma desaceleração em virtude da crescente imigração e no caso de Relíquias, mesmo um saldo fisiológico positivo.

O número de alunos por nível de escolaridade no ano lectivo 2002/03 distribuía-se da seguinte forma:

- Pré-escolar - 112 crianças.
- 1º ciclo -161 alunos.
- 2º ciclo - 86 alunos
- 3º ciclo - 148 alunos.

Existem ainda no ensino recorrente do 3º ciclo 28 alunos.

O total do agrupamento contempla 507 alunos.

Freguesia de Colos

Situa-se a nordeste do concelho, a sua área de 103,480 km² é caracterizada por periplanície e também já algum terreno acidentado. As actividades económicas centram-se sobretudo na silvicultura, alguma agricultura de sequeiro e pecuária. A transformação de produtos tem nesta freguesia alguma relevância, existindo uma queijaria e uma fábrica de mármore. A sua população é actualmente de 1 243 habitantes, tendo nos últimos 10 anos perdido cerca de 5%. A sua população até aos 25 anos constitui 25% do total, a taxa de natalidade em 2002 é de 5 crianças/mil habitantes.

Colos é sede de agrupamento, com a sua Escola Básica do 2º e 3º ciclo. A população escolar das escolas da freguesia evolui conforme o quadro seguinte:

ESCOLAS	Evolução	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 – 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
CAMPO REDONDO	«e»	15	14	12	7	11	6	6	6	6
COLOS	«	28	30	30	26	29	30	27	24	26
RIBEIRA DO SEISSAL	«	7	4	6	6	9	10	11	11	10

JARDINS DE	Evolução	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
INFÂNCIA	90 – 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
RIBEIRA DO SEISSAL	-	-	-	-	10	6	7	10	11	9
COLOS	»	15	28	25	22	16	19	12	11	9

Colos possui cerca de 700 habitantes e uma média de 4 nascimentos/ano, apesar de em 2000 não ter ocorrido nenhum e do seu número estar a decrescer nos dois últimos anos. Como sede de freguesia e de agrupamento de escolas regista uma dinâmica significativa a nível de serviços e de actividades económicas. A sua escola básica do 1º ciclo ocupa dois lugares docentes e o número de alunos é razoável, oscilando pouco em torno dos 30 alunos, estima-se a curto prazo um lento decréscimo deste número rondando uma média de 26 alunos.

Na sede da freguesia existe também um Jardim de Infância, a sua frequência tem oscilado, mas no último ano lectivo aumentou a sua frequência em 3 alunos. Haverá uma oscilação, mas a tendência será de diminuição progressiva devido à diminuição dos nascimentos, ficando daqui por 2 anos em cerca de 11 alunos.

Campo Redondo tem cerca de 200 eleitores. Embora a frequência dos alunos tenha baixado este ano na escola, tendo em conta os nascimentos que ai ocorreram nos últimos anos, prevê-se que o numero de crianças se estabilize. Actualmente a escola é frequentada por 6 alunos, sendo que nos próximos anos este valor se manterá, vindo depois a subir até aos 8 alunos até ao final da década.

Ribeira do Seissal existem 218 eleitores, residem aqui famílias numerosas, esta zona é considerada problemática com desestruturação familiar e toxicodependência, sendo, enquanto tal, abrangida por intervenção de projectos sociais. Os nascimentos são constantes e rondam os 2/ano, a sua população escolar tem vindo a aumentar, estimando-se 1 aluno novo por ano, havendo regeneração a estabilidade rondará valores de 11 alunos, fixando-se ai. O edificio da escola possui duas salas sendo uma delas ocupada pelo CEPE.

Existe também um Centro de Educação Pré-Escolar que ocupa a sala devoluta da escola e que tem actualmente 7 alunos, prevendo-se também um aumento da sua frequência nos anos mais próximos para cerca de 11 alunos.

Freguesia de Bicos

A sua área geográfica abrange 52,615 km² e situa-se na extrema nordeste do concelho, os seus terrenos são de planície e irrigados pelas barragens de Campilhas e da Gema, o que os torna muito atrativos para a agricultura, existindo também ai alguma pecuária. Ao nível demográfico, conta actualmente com 649 habitantes, tendo perdido cerca de 15% da sua população nos últimos 10 anos, a população até aos 25 anos constitui 30% do total do seu contigente, a sua taxa de natalidade em 2002 foi de 1/1000 habitantes.

A sua população escolar tem vindo a evoluir conforme o enunciado no quadro das escolas em funcionamento que a seguir se apresenta:

ESCOLAS	EVOLUÇÃO	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
Vale Escuro	«	-	-	7	9	7	6	7	6	8
Foros da Caiada	»	3	3	2	2	5	3	3	4	6
Bicos	«	32	33	21	20	17	14	16	16	13

JARDINS DE	EVOLUÇÃO	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	Previsão
INFÂNCIA	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/ 04	04/05	05/06
BICOS	»	25	19	16	15	16	22	20	21	13

Bicos tem 420 habitantes, é sede de freguesia e enquanto tal centraliza ai os serviços de apoio à população, ocorrem em média 3 nascimentos por ano, apesar deste numero ter estado a diminuir nos últimos anos e do numero de alunos ter vindo a decrescer. Ficando como a única escola da freguesia, com o encerramento será *receptora* dos alunos de Vale Escuro, com 6 alunos presentemente (a aumentar), e da escola de Foros da Caiada com 3 (a diminuir). Neste momento, com os alunos oriundos destas escolas ficaria com um total de 23 alunos, para o ano lectivo de 2004/05 a escola de Bicos ficará com cerca de 26 alunos, próximo do fim da década este numero começará a decrescer. O edifício agrega as instalações dos dois níveis de ensino, conjugando o pré-escolar com o 1º ciclo.

Seria de manter aberta a escola de Vale Escuro e reaproveitar a de Foros da Caiada para um centro cívico, com apoio á 3ª idade e ATL para as crianças.

O jardim de Infância aqui existente, também diminuiu o seu numero de alunos, contudo com o aumento dos nascimentos na freguesia desde 1999 a sua frequência aumentou já no presente ano lectivo de 16 para 22 crianças, contudo o valor voltará a descer para cerca de 15 alunos nos próximos 3 anos, em função do decréscimo dos nascimentos nos 2 últimos anos.

Freguesia de Relíquias

A sua área geográfica de 120,113 km² situa-se a nordeste do concelho, aqui os terrenos são mais acidentados, com vales muito agradáveis onde se localizam algumas povoações. A base da economia local assenta no montado, eucaliptos e alguma cultura de sequeiro. Demográficamente conta com 1108 habitantes, tendo aumentado a sua população num período de dez anos em 1,7%, sobretudo pelo numero de estrangeiros, os jovens até aos 25 anos constituem 23% do total da sua população, a taxa de natalidade em 2002 foi de 8/1000 habitantes.

A população nas escolas desta freguesia tem evoluído, conforme se demonstra no quadro seguinte:

ESCOLAS	Evolução	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
MONTE DA ESTRADA	«	5	6	11	13	10	8	9	7	6
PEREIRO GRANDE	»	12	13	15	13	8	5	5	5	4
RELIQUIAS	«	21	19	15	10	10	11	14	21	24
VALE FERRO	»	12	10	9	7	7	8	12	12	10

JARDINS DE	Evolução	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	Previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01 /02	02/03	03/04	04/05	05/06
INFÂNCIA	=	14	16	20	23	25	17	9	11	12
RELIQUIAS	=	14	16	20	23	25	17	9	11	12
VALE FERRO	-	-	-	-	-	-	14	8	13	16

Relíquias é a sede da freguesia, possui 665 eleitores e verifica-se aqui uma média de 4 nascimentos por ano. O número de alunos diminuiu neste ano lectivo mas tenderá a estabilizar ou aumentar gradualmente. Com o encerramento da escola de Pereiro Grande esta será a escola receptora, pelo que se estima que a sua frequência seria de cerca de 18 alunos já no próximo ano lectivo e em dois anos será de cerca de 26 alunos, atingindo o pico no ano lectivo 2005/06 com 28 alunos.

O reaproveitamento da escola de Pereiro Grande poderia passar por um centro de apoio à população, com aulas de português para estrangeiros, dado o elevado numero que para aqui vieram residir e centro de informações, podendo também contemplar um centro de artes e ofícios.

O Jardim de Infância existente na sede de freguesia viu neste ano lectivo diminuir a sua frequência em virtude da abertura de um CEPE na freguesia mas também pela quebra dos nascimentos ocorridos em 99/2000, no próximo ano o seu numero sofrerá uma nova redução, começando depois a recuperar gradualmente até aos 12 alunos. Tendo em conta a tendência de crescimento populacional desta freguesia que ocorre na sua população activa, aumentando por consequência a taxa de fecundidade, prevê-se que haverá uma estabilidade com regeneração da população escolar, mas não um aumento significativo, contando também com a diminuição do número de filhos por casal.

Monte da Estrada - Esta povoação tem 126 eleitores. Esta escola após uma subida do numero de alunos viu agora descer a sua frequência, contudo nos dois últimos anos ocorreram 8 nascimentos nesta povoação o que juntamente com as crianças que não se conseguem contabilizar (da população activa imigrante) pode ser significativo, possui actualmente 8 alunos, o seu numero irá diminuir por causa da quebra ocorrida entre 98 e 2000, recuperando depois para o final da década até aos 10 alunos.

Vale Ferro - Existem aqui 204 eleitores, há uma comunidade numerosa e activa de estrangeiros, os nascimentos embora em numero reduzido tem sido frequentes. Presentemente existem 8 alunos, mas estima-se que este número tenderá a aumentar, prevendo-se para 2004/05 cerca de 12 alunos. As instalações são comuns ao CEPE, que ocupa a sala devoluta da escola.

Neste ano lectivo abriu o Centro de Educação Pré-Escolar dado o elevado numero de alunos desta zona a frequentarem o J.I. de Relíquias e à lista de espera já existente. Neste ano há 14 alunos, para o próximo ano lectivo haverá cerca de 8 alunos, com uma recuperação gradual devido às crianças também do Monte da Estrada, estimando-se que em 2005/06 sejam cerca de 16 alunos.

Freguesia de São Martinho

Situada no extremo Este com 144,246km² é o território mais interior do concelho, caracteriza-se por terrenos muito acidentados e de difícil acesso, é atravessado pela linha ferroviária de Funcheira-Tunes. Os solos são pobres e aptos somente para a silvicultura e pastorícia. Possui 1199 habitantes, tendo perdido nos últimos 10 anos 19% da sua população, os jovens até aos 25 anos constituem somente 16% do total do contingente, a sua taxa de natalidade foi em 2002 de 5/1000 habitantes.

A população escolar tem variado conforme o quadro que se apresenta:

ESCOLAS	Evolução	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
Aldeia das Amoreiras	«	16	11	5	4	5	4	4	3	3
AMOREIRAS-GARE	«	9	11	10	14	16	17	17	16	14
S. MART. DAS AMOREIRAS	= e «	10	8	11	11	9	12	18	16	14

JARDINS DE	Evolução	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	Previsão
INFÂNCIA	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/ 02	02/03	03/04	04/05	05/06
AMOREIRAS-GARE	-	9	10	13	8	4	10	16	16	18
S. M. AMOREIRAS	«	10	8	11	11	9	12	11	12	12

São Martinho das Amoreiras - Sede de freguesia, esta localidade tem 424 eleitores registados, aqui os nascimentos não tem ultrapassado as 2 crianças por ano, havendo anos em que não se regista nenhum. Também aqui na sua vizinhança existem famílias estrangeiras que tendem a ocupar montes isolados, como tal estima-se que o aumento populacional também se estimulará a curto prazo. Presentemente existem nesta escola 12 alunos, com a extinção da escola da Aldeia das Amoreiras, passará a ser esta a escola receptora estimando-se para o próximo ano lectivo uma frequência de 18 alunos, começando depois a decrescer e a estabilizar em redor dos 15 alunos.

A escola da Aldeia das Amoreiras podia servir de pólo do centro de dia de São Martinho das Amoreiras, que irá brevemente iniciar as obras para um Lar.

Há um Jardim de Infância com um número crescente de alunos, presentemente são 12, tendo aumentado em 3 alunos em relação ao ano anterior, como os nascimentos não tem sido numerosos mas constantes o valor de alunos estabilizará em redor dos 12.

Amoreiras-gare - Possui 379 eleitores, esta localidade é servida por uma estação de combóio, o que lhe imprime uma dinâmica pouco usual nesta região, quer pelos postos de trabalho que ocupa, quer pelo comércio que estimula. A média anual de nascimentos tem sido de 3 crianças, o que conjuntamente com as famílias estrangeiras existentes na zona, faz prever uma estabilização do numero de alunos. Presentemente são 17 alunos estimando-se que com algumas oscilações, os alunos se venham a estabilizar neste valor.

Existe um Jardim de Infância que embora tenha visto diminuir bruscamente a sua frequência no ano lectivo de 2001/02, viu aumentar os seus alunos no presente ano de 4 para 10, no futuro próximo a tendência é de crescimento, tendo em conta os 5 nascimentos ocorridos em 2000, conta-se para 2004/05 cerca de 16 alunos.

Freguesia de Vale de Santiago

Situada no extremo nordeste do concelho esta área com 65,815km², tem o seu território de peri-planície alentejana com suaves vales, a economia dominante é de agricultura de sequeiro, algum montado e suinicultura. Possui actualmente 695 habitantes, tendo perdido na última década 15% da sua população, os jovens são 26% do total do seu contingente, a taxa de natalidade é de 2/1000.

A sua população escolar tem evoluído da seguinte forma:

ESCOLAS 1º CICLO	EVOLUÇÃO 90 - 96	alunos 97/98	Alunos 98/99	alunos 99/00	alunos 00/01	alunos 01/02	alunos 02/03	previsão 03/04	previsão 04/05	previsão 05/06
FORNALHAS	«	12	11	13	13	16	13	16	15	14
VALE DE SANTIAGO	»	16	16	13	6	7	14	11	12	11

JARDINS DE INFÂNCIA	EVOLUÇÃO 90 - 96	alunos 97/98	Alunos 98/99	Alunos 99/00	alunos 00/01	alunos 01/02	alunos 02/03	previsão 03/04	previsão 04/05	Previsão 05/06
FORNALHAS	-	11	11	9	8	6	10	6	6	6
VALE DE SANTIAGO	=	10	10	9	8	9	8	8	5	3

Vale de Santiago - A sede de freguesia tem 354 eleitores, nascem em média 2 crianças por ano, embora nos dois últimos anos não tenha nascido nenhuma. Enquanto sede de freguesia centraliza alguns serviços e pequenas indústrias de transformação que ocupam a sua população activa. A população escolar presente é de 14 alunos, tendo duplicado em relação ao ano anterior, apesar deste acréscimo não se prevê crescimento, antes um decréscimo fruto da coorte que irá frequentar os 2 próximos anos não ter verificado nascimentos nos anos correspondentes, o seu valor estabilizará á volta dos 11 alunos, começando a decrescer no fim da década.

O jardim de infância tem também visto oscilar a sua população, tendo presentemente 8 alunos, prevê-se um decréscimo na sua frequência para os 5 alunos e ainda uma possível diminuição deste numero nos anos seguintes, por não ter havido nascimentos nos últimos 2 anos, no entanto tendo atenção a possíveis inversões seria razoável considerar uma média de 7 alunos.

Fornalhas - Nesta localidade existem cerca de 270 eleitores, a média de nascimentos anual é de 3 crianças. A população aqui residente apresenta algumas carências, as

actividades económicas centram-se na sazonalidade do trabalho da cortiça e do corte dos eucaliptos. Aqui não existem muitas famílias estrangeiras, começam a haver alguns emigrantes de leste, mas as famílias portuguesas aqui localizadas têm muitos filhos. A população de alunos é presentemente de 13 alunos, estimando-se algum crescimento oscilando á volta dos 15 alunos nos próximos 2 anos, começando depois a decrescer até aos 10 alunos no fim da década.

O Centro de Educação Pré-escolar foi criado no ano lectivo de 1997/98, a sua frequência tem-se mantido estável, apesar do decréscimo a tendência é de estabilização devido ao numero de nascimentos que aqui ocorrem mais regulares do que na sede da freguesia, prevê-se que em 2004/05 este CEPE seja frequentado por cerca de 6 crianças.

Agrupamento de Odemira

O agrupamento de Odemira abrange todos os estabelecimentos de ensino das freguesias de Salvador, Almogrove e Boavista dos Pinheiros. A freguesia de St^a Maria não tem escolas em funcionamento, á excepção desta última freguesia todas as outras revelam dinâmicas demográficas positivas, situando-se na faixa central e litoral do território concelhio, de salientar que as freguesias de Almogrove e Boavista estavam integradas nas outras duas respectivamente e que ainda não são contabilizadas como independentes por não haver disponibilidade dos dados desagregados.

O número de alunos por nível de escolaridade distribui-se assim:

- Pré-escolar – 70 (+95 em J.I. privado)
- 1º ciclo – 274 alunos
- 2º ciclo – 118 alunos
- 3ºciclo – 206 alunos

O total de alunos do agrupamento é de 668 crianças.

Freguesia de Salvador

Abrange a parte central e litoral do concelho, recentemente foi desanexado o território litoral que deu origem a uma nova freguesia, a do Almogrove/Longueira. A sua área é de 164 km² e abarca território montanhoso no interior, apto para a silvicultura e de planície no litoral, propenso a actividades agrícolas intensivas. Conta actualmente com 3 285 efectivos na sua população, tendo em 10 anos decrescido 5%. A sua população até aos 25 anos constitui 26% do total do seu contingente populacional, a taxa de natalidade é de 11/1000 habitantes.

A freguesia de St^a. Maria a partir da qual se criou a de Boavista dos Pinheiros não possui qualquer escola em funcionamento, para além da que pertence á nova freguesia da Boavista dos Pinheiros, que como zona suburbana tem visto aumentar a sua população, daí optou-se por integrá-la neste mesmo conjunto e utilizar a denominação antiga, por não haver ainda desagregação de dados ao nível dos Censos, o mesmo se passando com as freguesias anteriores. Em 2001 tinha 1323 habitantes, com 27% de jovens e uma taxa de natalidade 15/1000. Atenção estes números restringem-se quase exclusivamente à nova freguesia da Boavista, sendo que em Santa Maria não há nascimentos nos sítios isolados há 4 anos e os de Odemira e Bemposta estão à parte.

A sede de agrupamento fica na Escola Damião 2, 3 de Odemira. A população escolar deste agrupamento tem vindo a evoluir da seguinte forma:

ESCOLAS	EVOLUÇÃO	Alunos	Alunos	alunos	Alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	Previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
ALGOCEIRA	«	5	5	7	6	7	4	2	2	-
ALMOGRAVE	=	10	13	10	12	12	13	13	16	20
BEMPARECE	«	18	16	15	17	13	24	26	24	22
BEMPOSTA	«	9	11	11	9	8	3	2	2	-
LONGUEIRA	«	20	23	34	33	33	25	20	23	30
ODEMIRA	«	101	102	114	135	141	140	146	147	152
BOAVISTA DOS PINHEIROS	«	42	45	33	36	39	38	40	43	50

JARDINS DE	EVOLUÇÃO	Alunos	Alunos	alunos	Alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	Previsão
INFÂNCIA	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03 /04	04/05	05/06
ALMOGRAVE	-	15	7	12	11	16	25	27	17	25
BOAVISTA DOS PINHEIROS	=	23	20	24	16	20	11	22	33	44
BEMPARECE	-	9	13	19	12	13	9	11	10	14
ODEMIRA	=	20	22	23	23	20	25	25	29	27

Odemira - Sede do concelho, encontra-se dividida ao meio pelas freguesias de St. Maria e S. Salvador, ficando todas as suas escolas nesta última. Conta com uma escola primária cujo edifício era provisório mas que ficou como definitivo e que possuindo componentes de amianto, merecia um novo edifício. O número de alunos tem vindo a aumentar. Com o encerramento da escola da Bemposta a escola de Odemira como receptora passará a contar no próximo ano lectivo com 146 alunos, prevê-se um aumento até aos 155 alunos, começando depois a decrescer no final da década. A questão aqui coloca-se em relação aos pais de muitas das crianças da periferia que trabalhando na vila poderão trazer para cá as suas crianças fazendo aumentar o número de alunos nesta escola e diminuindo sobretudo nas do Bemparece e da Boavista.

Dada a localização da Escola da Bemposta, depois de encerrada poderia servir de centro de artesanato e escola oficina.

O jardim de infância cujas instalações foram cedidas pela autarquia e que não reúne as melhores condições, funciona com 25 alunos ficando as suas traseiras no mesmo espaço da escola básica do 1º ciclo. Há ainda na vila um outro J. I. da rede privada que conta com 95 alunos, e que não havendo alternativa vê o seu número aumentar. Justificava-se a criação de uma outra sala de forma a poder aliviar a carga do privado e de dar mais hipóteses ao ensino gratuito, ficando com 2 salas.

Boavista dos Pinheiros - Esta localidade funciona como satélite da vila de Odemira, a população tem crescido bastante, sendo que já se constituiu como freguesia. Há muitos pais que levam os filhos para a escola, Jardim de Infância e Infantário de Odemira, no entanto a tendência é de aumentar a frequência do número de alunos desta escola do 1º ciclo, actualmente com 38 alunos, estimando-se para 2005/06 cerca de 55 alunos.

O Jardim de Infância existente nesta povoação apesar da brusca quebra no seu número de alunos, tem visto na nova freguesia aumentar o número dos nascimentos sendo que em 2002 se verificaram 19, esgotadas as vagas na vila de Odemira a tendência será de aqui aumentar o número de alunos, podendo vir a duplicar o seu número em dois anos, vindo a rondar os 44 alunos a curto prazo.

Bemparece - Encontra-se nos subúrbios da vila, é uma zona de quintas também com crescimento populacional. Aqui o número de alunos tem vindo a crescer, pois funciona como escola de apoio á escola primária de Odemira, com o encerramento da escola de Algoceira esta será a escola receptora desses alunos, estimando-se a sua frequência no prazo de 2 anos em cerca de 25 alunos.

Com o encerramento da escola de Algoceira esta poderia ser reaproveitada para centro de artes ou dada a proximidade da vila, para a realização de um projecto de âmbito educativo.

Existe também um Jardim de Infância que tem visto diminuir o número dos seus alunos em virtude de na zona se terem registado poucos nascimentos, contudo sendo esta uma zona de atracção e fixação populacional estima-se que a curto prazo haja uma inversão desta tendência, em 2002 já nasceram 4 crianças, rondando a sua frequência a curto prazo os 13 alunos.

Almograve - Esta localidade tem visto crescer a sua dinâmica devido ao turismo, mas também pelas actividades agrícolas e pecuárias. Existe aqui uma pousada da juventude que tem atraído o turismo jovem. A sua escola básica do 1º ciclo tem visto manter estável o número de alunos, prevê-se um aumento gradual deste em função dos nascimentos que ai têm ocorrido, estimando-se para daqui a dois anos uma média de 15 alunos, mas com um crescimento gradual até ao final da década rondando os 22 alunos.

Existe também um Jardim de Infância, presentemente com uma afluência de 25 alunos em virtude do número de nascimentos ocorridos em 1998/99, no entanto a sua frequência irá decrescer a curto prazo, sendo que após haverá uma recrudescimento pois o número de nascimentos na nova freguesia disparou para 15 no ano 2002, assim haverá cerca de 25 alunos, daqui por 3 anos.

Longueira - Fica próxima do Almograve, sendo abrangida pelo seu raio de influência no pré-escolar, tendo havido no ano lectivo transacto uma quebra no seu número de alunos que ainda se irá verificar no próximo ano, estima-se uma recuperação no seu contingente atingindo valores de 32 alunos no ano lectivo de 2005/06, mantendo-se depois estável até ao final da década.

Agrupamento de Sabóia

Este agrupamento contempla todas as escolas das freguesias de St. Clara –a-Velha, Pereiras, Luzianes e Sabóia. Esta é a zona mais isolada do concelho de Odemira, padecendo de um elevado grau de desertificação e envelhecimento populacional. A importância deste agrupamento também é estratégica, pela sua posição central numa zona tão deprimida, apesar do número diminuto de alunos, sempre imprime alguma dinâmica à sede da freguesia, para além de evitar a morosa deslocação dos alunos a quem fica assegurado o ensino básico completo.

No pré-escolar existem 61 crianças.

No 1º ciclo há 77 alunos.

No 2º ciclo há 43 alunos

No 3º ciclo existem 47 alunos.

O total de alunos deste agrupamento é de 228.

Freguesia de Sabóia

Fica a sul do concelho na margem esquerda do Rio Mira, os seus terrenos são de declive irregular, muito acidentados, fazendo parte dos contrafortes da Serra de Monchique, os seus solos são pobres, aptos para a silvicultura (eucaliptos), exceptuando a várzea do Mira que por serem terras de aluvião são mais ricas. A área geográfica que abrange é de 155,500km². A perda populacional desacelerou, tendo-se registado somente -6% no último decénio, sendo que os jovens são 20% do total do seu contingente populacional de 1344 habitantes, a taxa de natalidade foi em 2002 de 4 nascimentos por mil habitantes .

Localiza-se aqui a sede de agrupamento na sua Escola Básica 2,3. O número de alunos dos seus estabelecimentos de ensino tem evoluído da seguinte forma:

ESCOLAS	Evolução	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 – 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
NAVE REDONDA	=	10	8	5	4	4	4	3	2	2
MOITINHAS	«	9	11	11	7	8	7	6	6	5
SABÓIA	«	27	27	24	17	19	22	22	26	29

JARDINS DE	Evolução	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
INFÂNCIA	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
SABÓIA	«	17	13	13	17	11	18	20	21	18

Sabóia - O numero de nascimentos tem vindo a aumentar nos últimos anos, com uma média de 4 nascimentos/ano, pelo que a escola básica do 1º ciclo presentemente com 22 alunos irá ter um aumento gradual até aos 25 alunos, ascendendo até ao final da década aos 30 alunos.

Possui também Jardim de Infância, o único da freguesia que viu neste ano passar de 11 para 19 crianças a sua frequência, denotando tendência para oscilações e estabilização em redor dos 20 alunos daqui por 2 anos.

Nave Redonda - Não têm ocorrido nascimentos nos últimos anos nesta povoação, apesar de existirem algumas famílias estrangeiras há dúvidas de que a escola possa vir a recuperar, diminuindo progressivamente até ao seu encerramento, ficaria com 2 alunos. Contudo a sua localização estratégica entre Pereiras e Sabóia na Nacional 266 é privilegiada podendo este ser um argumento para evitar o seu encerramento. Contudo comparando com a escola das Moitinhas talvez fosse preferível transportar os alunos desta para a Nave Redonda evitando o seu encerramento, salvaguarde-se no entanto que as Moitinhas tem uma frequência superior e outro tipo de dinâmica local.

Moitinhas - Aqui existem três famílias estrangeiras com muitos filhos, graças a eles a escola reabriu as suas portas em 1997/98, os nascimentos são regulares e em média de 2/ano. Nesta escola realizou-se uma experiência muito frutífera: na sala devoluta instalou-se um mini centro comunitário, onde as crianças tomam as suas refeições em conjunto com os idosos e desenvolvem actividades, transmitindo-se o conhecimento ancestral e valores tradicionais. Estima-se que o valor da sua frequência se estabilize nos 6 alunos.

Freguesia de Luzianes Gare

Fica localizada no centro sudeste do concelho com uma área de 94,334km², a sua economia é precária e assenta na silvicultura e alguma pastorícia. Possuindo actualmente 480 habitantes, registou uma perda de cerca de 30% durante a última década, a sua população jovem constitui somente 17% do total e a taxa de natalidade foi nula nos últimos 2 anos.

ESCOLAS	EVOLUÇÃO	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
LUZIANES-GARE	«e»	12	11	12	10	10	10	6	7	7

JARDINS DE	EVOLUÇÃO	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
LUZIANES-GARE	-	26	22	6	9	7	11	9	7	3

Luzianes-Gare - A sua população está decrescer, havendo muito poucos estrangeiros e não se registando nascimentos a tendência será a diminuição de frequência de alunos no 1º ciclo, actualmente com 10 alunos. A tendência é de decréscimo fixando-se nos anos mais próximos em redor dos 7 alunos, decrescendo no final da década para 5 alunos.

O Jardim de Infância tem actualmente 11 alunos mas por não ter havido nascimentos nos dois últimos anos prevê-se uma diminuição do seu número até aos 7 alunos em 2004/05, para a sua diminuição gradual até a um provável encerramento, caso não haja inversão da tendência.

Freguesia de Pereiras Gare

Situa-se no extremo sudeste do concelho com 63,853 km², ficando a 50km da sede deste e delimitando-o com Monchique e Silves: Domina a paisagem de serra com a actividade económica assente na silvicultura e pastorícia. A tendência é a semelhante ao agrupamento em que quanto à desertificação e envelhecimento populacional, tendo perdido cerca de 25% do seu contingente no último decénio, a sua população jovem constitui cerca de 20% do total de 373 habitantes, a taxa de natalidade é de 2/1000 habitantes. Nesta freguesia só a sua sede possui escola e jardim de infância cuja evolução é a demonstrada no quadro:

ESCOLAS	EVOLUÇÃO	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 95	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
PEREIRAS-GARE	«e»	9	11	7	6	11	10	11	13	16

JARDINS DE	EVOLUÇÃO	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 95	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
PEREIRAS-GARE	»	10	13	6	7	12	15	14	14	11

Pereiras - o número de nascimentos tem estado a diminuir para uma média de 2/ano, embora ainda não tenha havido interrupções nestes. A escola básica do 1º ciclo sofrerá

um ligeiro aumento devido aos alunos provenientes do Jardim de Infância, atingindo o seu auge em 2005/06 com 16 alunos, pelo que oscilará o numero em redor deste valor, caso não aumentem os nascimentos nos anos vindouros sofrerá um decréscimo gradual.

O Jardim de Infância mantém mais ou menos estável a sua população, existem nesta freguesia duas famílias ainda muito jovens que tem já muitos filhos, ambas beneficiárias do RMG, numa população tão pequena este facto pode-se considerar significativo, uma vez que assegurará a sua manutenção, podendo este estabelecimento vir a manter valores em redor dos 14 alunos, no entanto se a tendência se mantiver não ultrapassará este numero, vindo depois a sofrer um decréscimo gradual.

Freguesia de St. Clara a Velha

Tem 99,782km² de área geográfica, famosa pela sua Barragem dinamiza em torno dela alguma actividade turística, para além da silvicultura e pastorícia típica destas zonas mais montanhosas do interior do concelho. Facto preocupante é o de não se terem registado nascimentos nos últimos 2 anos em toda a freguesia, que tal como a região em que se insere se encontra em fase acelerada de envelhecimento e desertificação populacional, tendo perdido nos últimos 10 anos cerca de 18% da sua população e os jovens até aos 25 anos são somente 18% do total dos 780 habitantes presentes, a taxa de natalidade é nula há dois anos.

As escolas da freguesia estão integradas no agrupamento de Sabóia e a sua evolução tem-se comportado conforme o quadro:

ESCOLAS	Evolução	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 – 95	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
CORTE-BRIQUE	«	4	13	11	11	14	10	8	10	8
CORTES-PEREIRAS	=	5	5	6	6	5	5	3	2	2
S. CLARA-A-VELHA *	«	14	16	13	9	12	9	9	7	7

JARDINS DE	Evolução	alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	Previsão
	90 - 95	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06
INFÂNCIA										
S. CLARA-A-VELHA	»	17	18	19	19	18	17	16	13	9

Santa Clara - Uma vez que não ocorreram nascimentos na freguesia nos 2 últimos anos e a média dos anos anteriores tem sido muito baixa (2), estima-se que o numero de alunos tenderá a reduzir-se no 1º ciclo, mantendo ainda em 2004/05 os 9 alunos, mas

descendo depois para 7 alunos, até aos 4 no final da década, caso não haja uma inversão da tendência de envelhecimento.

O Jardim de Infância com 17 alunos presentemente, por volta do ano lectivo 2004/05 terá no máximo 13 alunos, vindo a ficar no ano lectivo seguinte com 9 prevendo-se a continuação do decréscimo até ao final da década.

Corte Brique - Existem aqui cerca de 250 eleitores, não se registaram nascimentos, mas o numero de estrangeiros é elevado. Na sala devoluta da escola funciona, tal como nas Moitinhas, um mini centro comunitário, onde as crianças e idosos convivem, partilhando também as refeições fornecidas pelo Lar de Sabóia. Actualmente conta com 10 alunos, esta escola será receptora dos alunos da escola do 1º ciclo de Cortes Pereiras, estimando-se apesar deste facto venha a manter os 10 alunos em 2004/05, começando depois a descer progressivamente o seu numero..

Cortes Pereiras poderia ser reaproveitada no domínio do turismo por ter a barragem tão perto.

Agrupamento de S. Teotónio

O agrupamento de S. Teotónio engloba todas as escolas das freguesias de S. Teotónio e da Zambujeira.

- O total de alunos do pré-escolar é de 116
- O total do 1º ciclo é de 198
- O total do 2º ciclo é 109 alunos
- O 3º ciclo do ensino básico tem 179 alunos

Sendo o total de alunos deste agrupamento de 602 alunos

Freguesia de S. Teotónio

É a maior freguesia do país em área geográfica com 305,666km², como extensão que é compõe-se da assimetria que caracteriza o nosso concelho, no litoral com planície produz-se gado bovino limousine, pratica-se agricultura intensiva e actividades relacionadas com o turismo. O interior caracteriza-se por zonas de serra, com

predomínio para a silvicultura. Depois de décadas a perder população, na última década viu esta aumentar em 5%, com uma população de 5019 habitantes dos quais 25% são jovens até aos 25 anos, a taxa de natalidade é de 7/1000 habitantes.

A sede de agrupamento de S. Teotónio agrega as seguintes escolas, cuja evolução é a que se demonstra:

ESCOLAS	Evolução	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01 /02	02/03	03/04	04/05	05/06
JOÃO DE RIBEIRAS	«	14	13	9	9	9	11	11	10	9
ALCARIA FORMOSA	=	19	12	12	10	8	8	10	11	12
BREJÃO	«	29	27	26	27	26	25	32	33	33
CAVALEIRO	«	9	13	13	14	22	18	19	20	19
CHOÇA DOS VALES	»	10	7	4	6	6	7	8	6	5
ESTIBEIRA	»	6	7	5	8	8	8	7	6	6
FATACA	«	12	9	6	3	3	2	2	3	2
S. MIGUEL	«	13	13	7	10	10	9	9	13	12
S.TEOTÓNIO	«	98	95	93	81	82	77	91	96	102

JARDINS DE	Evolução	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	Previsão
		90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/ 04	04/05
INFÂNCIA										
ALCARIA FORMOSA	-	7	11	17	20	8	9	13	12	8
BREJÃO	-	-	-	14	22	17	19	16	14	15
CAVALEIRO	«	17	17	11	8	7	10	11	13	10
JOÃO DE RIBEIRAS	-	-	-	-	15	15	16	16	14	20
S. TEOTÓNIO	»	48	50	50	50	50	50	46	50	50

S. Teotónio – É a sede de agrupamento e da freguesia com mais desenvolvimento económico do concelho, atraindo para aqui uma vaga de imigrantes. Depois da quebra dos últimos anos o número de crianças tenderá a aumentar, porque os nascimentos registam um crescimento, sobretudo na sua sede de freguesia. Com o encerramento da escola da Estibeira, esta será a escola receptora, contando actualmente com 77 alunos, passará em 2005/06 para cerca de 105 alunos.

Aqui existem também muitos estrangeiros e é grande a procura pela aprendizagem da língua portuguesa, poderia reaproveitar-se esta escola, para um centro de recursos e informações para os imigrantes.

O jardim de Infância está subdimensionado, havendo todos os anos muitos alunos em lista de espera, com a lotação de 50 alunos esta é uma solicitação dos pais desde há

anos, a necessidade de criar uma outra sala é realmente premente, sobretudo com as perspectivas de crescimento populacional que se antevêm para esta freguesia. A *creche* também é uma das carências de que padece a freguesia, se tal acontecesse poderia-se criar também a valência de infantário, está-se a envidar esforços para a sua criação, mas ainda sem solução.

Alcaria Formosa - Aqui o numero de alunos tem vindo a diminuir, no entanto tendo em conta os nascimentos ocorridos a tendência sofrerá uma inversão, para além de que esta é a escola receptora dos alunos da escola da Fataca. No próximo ano lectivo contará com 10 alunos, começando depois a recuperar estima-se que em 2005/06 sejam cerca de 12 crianças, podendo num futuro próximo vir a rondar os 15 alunos.

A escola da Fataca pode servir de estrutura de apoio às actividades agrícolas intensivas que tem lugar nesta região.

O jardim de infância aqui existente compartilha o espaço com a escola do 1º ciclo, a curto prazo haverá um aumento do numero de alunos até 13, mas já no ano 2005/06 serão 8, pelo que se optaria pelo valor médio de 11 alunos.

Brejão - Aqui é onde se concentram as estufas ocupando muita gente, pela necessidade de mão-de-obra o numero de imigrantes, e índice de fertilidade, tem vindo a aumentar bastante, abrange também o porto de pesca da Azenha do Mar onde residem também famílias numerosas. Aqui a natalidade tem sido elevada e a aumentar, já para o ano lectivo seguinte estima-se que haverá cerca de 32 alunos, vindo a atingir daqui por 3 anos os 39 alunos, a média rondará os 33 alunos.

No edificio da escola funciona também o Jardim de Infância, contando presentemente com 19 alunos, prevê-se um ligeiro declínio em virtude dos nascimentos ocorridos nos últimos dois anos serem inferiores á media elevada dos anos anteriores, assim poderemos considerar como 17 o número médio de crianças a frequentar este Jardim de Infância nos próximos anos.

Cavaleiro – Situando-se na orla costeira também é zona de desenvolvimento populacional. Presentemente tem 18 alunos, tendo em conta a estabilidade dos nascimentos o número de alunos manter-se-á em 20 nos próximos anos, com pequenas oscilações em redor deste valor.

O Jardim de Infância existente encontra-se em instalações compartilhadas com o centro Social não apresentando as melhores condições. Actualmente com 10 crianças oscilará até aos 13 alunos em 04/05, regressando depois ao mesmo número, assim deveria-se considerar para aqui uma média de 12 crianças.

Choça dos Vales - Embora a frequência média se situe abaixo dos 10 alunos esta escola situa-se numa zona de serra que tem revelado crescimento populacional com a fixação de famílias estrangeiras e de madeireiros. A população é muito dinâmica organizando e promovendo actividades, o projecto das escolas rurais teve aqui um sucesso exemplar no que se refere á quebra de isolamento, contacto intergeracional e promoção de saberes tradicionais. Um outro factor que irá influir positivamente nesta população é a ligação aos concelhos de Aljezur e Monchique cuja estrada e ponte estarão prontas em breve, tornando uma zona mais atractiva e polo de desenvolvimento na serra. Abrange um grande território onde só existe a escola de João de Ribeiras. Seria de se considerar uma frequência média de 7 alunos para os próximos anos.

João de Ribeiras - Aqui a ocupação é também o corte de eucaliptos e extracção de cortiça. Existem muitos lugares em redor, esta zona da serra tem visto aumentar a sua população, sobretudo devido às famílias estrangeiras, mas também a fixação de portugueses com actividades relacionadas com a madeira. O numero de crianças é presentemente de 11, começando daqui por 2 anos a decrescer em virtude dos nascimentos intercalados e descontínuos. Seria de considerar um valor de 10 alunos.

Possui também um Jardim de Infância que se localiza na sala devoluta do 1º ciclo, servindo todas as crianças de uma vasta área tem actualmente 16 alunos, passará para 14 e depois para 20 no ano lectivo de 2005/06, pelo que seria de considerar uma média de frequência de 17 alunos.

S. Miguel - Serve os alunos da Baiona e da Ribeira do Ceixe. A actividade turística ocupa grande parte da população, que se dedica também á construção civil e corte de eucaliptos. O numero de famílias que aqui se estão a fixar é significativo, no entanto os nascimentos não tem sido assim tão regulares e numerosos como seria de esperar. Com o encerramento da escola do Vale Juncal esta será a escola receptora o valor das frequências escolares rondará os 12 alunos.

Freguesia da Zambujeira

Fica na costa, este território com 40,975km² foi desanexado á freguesia de S. Teotónio em 1989 para criação da nova freguesia, os terrenos são dominados por planícies propicias à criação de gado bovino e alguma agricultura intensiva, contudo esta região é procurada por muitos turistas, assentando ai a sua dinâmica sócio-económica. Conta actualmente com 844 habitantes, tendo aumentado 13% na última década, a sua população jovem é de 28%, a taxa de natalidade foi em 2002 de 9/1000 habitantes.

Zambujeira – O numero de nascimentos tem vindo a aumentar nos últimos 3 anos, pelo que a frequência da escola registará um aumento no final da década, entretanto o numero actual de 26 alunos diminuirá até aos 19 alunos começando depois a recuperar até o valor actual, seria prudente considerar uma média de 22 alunos.

O Jardim de Infância presentemente com 12 crianças verá este número aumentar até aos 19 alunos no ano lectivo de 2005/06.

Agrupamento de V.N.Milfontes

O processo de territorialização previsto nos termos do dec. Lei 115^A/98 ainda não se realizou aqui, desta forma os estabelecimentos de ensino das freguesias de Milfontes e São Luis estão dependentes por enquanto da delegação escolar, que se constitui como agrupamento horizontal nesta zona. Em Milfontes existe uma Instituição Privada que lecciona o 2º e 3º ciclos e ensino secundário.

A frequência nas escolas destas freguesias é a seguintes:

Pré-escolar – 108 alunos

1º ciclo – 256

total de alunos – 364

No colégio Nª Srª da Graça os alunos distribuem-se pelos seguintes níveis de ensino:

- Pré-escolar - 50

-2ºciclo- 157

-3ºciclo – 184

O ensino secundário tem 154 alunos

Freguesia de Vila Nova de Milfontes

Localiza-se no extremo noroeste do concelho, fazendo fronteira com Sines e Santiago do Cacém, a sua área geográfica é de 76,533 Km², dominam as planícies e no interior um pouco da serra do Cercal. Esta região tem grande actividade turística assentando aí a base da sua economia. A proximidade com a zona industrial de Sines confere-lhe características sub-urbanas. Presentemente tem 4258 habitantes, sendo 31% destes jovens até aos 25 anos, nos últimos dez anos a população teve um acréscimo de 31%, a taxa de natalidade era em 2002 de 6/1000, no entanto no ano anterior foi de 10/1000.

A evolução da população escolar nesta freguesia tem sido a seguinte:

ESCOLAS	Evolução	alunos	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	previsão
	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03 /04	04/05	05/06
V. N. DE MILFONTES	«	125	125	143	132	136	143	151	154	166
BRUNHEIRAS	«	46	42	38	39	37	28	32	42	50
FOROS DO GALEADO	«	28	28	29	31	31	27	28	30	33
RIBEIRA DA AZENHA	«	9	10	7	5	6	3	3	2	2

JARDINS DE	Evolução	alunos	Alunos	Alunos	alunos	alunos	alunos	previsão	previsão	Previsão
INFÂNCIA	90 - 96	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03 /04	04/05	05/06
V. N. DE MILFONTES	»	50	44	50	50	50	50	72	96	101
BRUNHEIRAS		25	13	12	8	17	23	27	29	20

Com efeito nesta localidade a população quase que duplica de dez em dez anos, a população escolar é crescente e com base nos nascimentos dos últimos anos estima-se que no final da década se atinja os 200 alunos no 1º ciclo, sendo que no ano lectivo de 2005/06 sejam cerca de **170 crianças**. Existem dois edificios na localidade de Milfontes, pelos quais se encontram distribuídos os alunos.

V.N.Milfontes A – O edifício velho é composto por duas salas de aula que servem presentemente 79 alunos, funcionando as aulas em horário duplo. A falta de espaço é tremenda e as condições difíceis.

V. N. Milfontes B – No edifício novo com 3 salas há 64 alunos, o espaço é também compartilhado com o Jardim de infância.

O Jardim de Infância, situado no edifício B encontra-se lotado com 50 crianças, para o ano lectivo de 2005/06 estimam-se cerca de 100 crianças. Existe também o colégio N^a Sra. da Graça com o pré-escolar privado com capacidade para outras 50 crianças e que também se encontra lotado

Brunheiras -Esta é a zona do concelho que apresenta mais problemas sociais, a maioria das habitações são clandestinas e existe um elevado grau de prostituição e de toxicodependentes. A escola começou a registar menos alunos, porque os pais procuram inscreve-los na sede da freguesia, o mesmo ocorrendo em certa altura com o Jardim de Infância, contudo não lhe falta população e estando esgotadas as vagas em Milfontes terão de ficar aqui. Com o encerramento da escola da Ribeira da Azenha, esta será a escola receptora dos 3 alunos daí provenientes, neste ano lectivo contava com 28 alunos, estima-se que em 2004/05 sejam cerca de 42 crianças, atingindo as 65 por volta do final da década, daí talvez ser razoável considerar uma média de 50 alunos.

A escola de Ribeira da Azenha, pela sua posição estratégica no início do concelho, poderia servir de posto de turismo e de informações gerais sobre a zona de Parque Natural em que se insere.

O Jardim de Infância é compartilhado com o 1^o ciclo no mesmo edifício que é frequentado actualmente por 23 crianças, prevê-se que em 2004/05 estas sejam cerca de 29, começando depois a decrescer o seu número, mas mantendo-se sempre na casa da vintena.

Foros do Galeado - Esta zona é semelhante às Brunheiras padecendo do mesmo tipo de problemas enquanto satélite de Milfontes. A tendência será dos alunos aumentarem em virtude dos nascimentos aí ocorridos, este ano havia 27 alunos, prevendo-se para 2005/06 cerca de 35 crianças, contudo o seu crescimento até ao final da década atingirá os 38.

Freguesia de S. Luís

Situa-se no enclave da serra do Cercal, a norte do rio Mira com uma área de 146,614km², as actividades económicas centram-se na silvicultura e parte da sua população activa desloca-se para Milfontes ou Sines onde desenvolvem aí as suas actividades profissionais. Actualmente com 2 249 habitantes perdeu na última década cerca de 65 do seu contingente, os jovens até aos 25 anos são só 23% da população, a taxa de natalidade foi em 2002 de 4/1000 habitantes.

A sua população escolar tem-se distribuído da seguinte forma:

ESCOLAS	Evolução 90 - 96	alunos 97/98	Alunos 98/99	alunos 99/00	alunos 00/01	alunos 01 / 02	alunos 02/03	previsão 03/04	previsão 04/05	previsão 05/06
CASTELÃO	»e«	10	9	8	5	8	7	9	7	9
FERRARIA	«	4	3	3	3	2	2	-	-	-
S. LUIS	««	46	48	51	44	45	42	40	43	42
TROVISCAS	«	-	-	7	2	2	3	3	1	-
VALE BEJINHA	««	14	15	17	15	8	6	8	10	11

JARDINS DE INFÂNCIA	Evolução 90 - 96	alunos 97/98	Alunos 98/99	alunos 99/00	alunos 00/01	alunos 01 /02	alunos 02/03	previsão 03/04	previsão 04/05	Previsão 05/06
CASTELÃO	-	-	-	-	9	7	11	11	9	12
SÃO LUIS	=	9	8	19	24	24	25	22	21	20

São Luis - São Luis como sede de freguesia apresenta um dinamismo relevante, ocorrem aí cerca de 7 nascimentos por ano. No ano lectivo presente tinha 42 alunos, este valor irá manter-se estável até pouco depois de metade da década, começando então a declinar.

Existe aqui um posto de Ensino Básico Mediatizado com 27 alunos.

O Jardim de Infância tinha 25 alunos, contudo tendo em conta que o número de nascimentos nos últimos 2 anos decresceu, anteriormente eram á volta de 9/ano, o

numero de crianças também irá diminuir até aos 20 por volta do ano lectivo 2005/06, seria então de considerar uma média de 22 alunos.

Existe ainda uma mediateca que oferece um centro de recursos e ocupação dos tempos livres para as crianças, ocupando uma Assistente de Acção Educativa.

Castelão - Neste povoamento rural existem cerca de 210 eleitores, a média de nascimentos actual é de 1,5. A escola tem vindo diminuir a sua frequência, no entanto com o encerramento da escola dos Troviscais esta será a escola receptora, presentemente com 7 alunos, estima-se uma frequência nos próximos anos na ordem dos 10 alunos.

A escola de Troviscais pode servir de sede para a Associação que começa a tomar tão grande dinamismo na vida sócio-cultural da região.

Existe também um Centro de Educação Pré-Escolar que teve inicio em 2000, ocupando o espaço da sala devoluta da escola primária, reunindo no mesmo edificio estes dois níveis de ensino. Aguarda-se a passagem a Jardim de Infância, presentemente com 11 crianças, prevêem-se 12 para o ano de 2005/06.

Vale Bejinha - Nesta localidade existem 300 eleitores, os nascimentos são em média 2 por ano com alguma tendência a aumentar. Aqui também existe alguma dinâmica quer pelo desenvolvimento das actividades económicas da freguesia, quer localmente com a afluência de novas famílias. A escola possui actualmente 6 alunos, mas para 04/05 prevêem-se 10 alunos, sendo que em 2007/08 atingirão os 12 alunos.

Aqui também existe um Ensino Básico Mediatizado com 10 alunos, dos dois únicos existentes no concelho. Localizando-se o outro na mesma freguesia, em São Luis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encerramento de uma escola é encarado como o último bafo de vida de um lugar, como tal é uma questão sempre triste, polémica e que se tem vindo a procurar evitar, mantendo escolas abertas com muito baixas frequências de alunos. No entanto ou alinhamos com o progresso tentando minimizar os seus custos sociais, ou continuamos agarrados a um modelo do passado que não se coaduna com as evolução/revolução da sociedade actual. Fugir do problema ou adiá-lo não é consistente e acaba por penalizar o todo, quer social quer economicamente. Se bem que a vida que a escola dá a um lugar, actualmente acaba também por ter pouca influência real sobre a sua dinâmica, porque na realidade o professor sujeito à itinerância fica demasiado pouco tempo para estabelecer convivência e criar raízes, ou sequer afeiçoar-se aos seus alunos e comunidade, findo o horário lectivo regressa á sua casa, passando um tempo ínfimo no local, as crianças tem mais crianças com quem brincar e até desde mais cedo, dos três anos no pré-escolar. O razoável é centralizar recursos e racionalizar transportes.

Por outro lado as crianças que frequentam escolas com um reduzidíssimo número de colegas acabam por ser também penalizadas na sua socialização com os outros da sua idade ao serem mantidas em escolas com um nível de frequência muito baixo, procura-se pela manutenção das escolas com baixa frequência mante-las o mais próximo de casa, para evitar a sua deslocação e onde porém, os seus pais não estão por se encontraram ausentes a trabalhar, por outro lado pelas movimentações internas já são poucos os que têm familiares próximo ou disponíveis, a cargo de quem as crianças possam passar os tempos livres. Resulta daqui que presentemente é muito mais racional encerrar algumas escolas e reforçar os equipamentos e serviços noutras, prestando por ai um apoio sócio-pedagógico mais eficiente às famílias e às crianças.

Os equipamentos escolares existentes enfermam de diversas limitações à renovação pedagógica, não só pela baixa qualidade dos espaços existentes, como por vezes frequentemente estes se encontrarem em estado de acentuada degradação, bem como por não existirem espaços adequados às práticas lectivas ou novas necessidades da comunidade escolar. No caso de Odemira domina a tipologia de escolas implementada nos anos 40 e 50, conhecida como “O Plano dos Centenários” criado numa época de grande crescimento e dispersão populacional. Contudo a inversão desta tendência pelo

êxodo e decréscimo populacional dos últimos 40 anos deixaram ao abandono muitos destes edificios ou tornaram-nos obsoletos e contraproducentes no processo educativo, “O isolamento, o estado de degradação das instalações, a inexistência de refeitórios, bibliotecas ou ginásios, a partilha da mesma sala e do mesmo docente por alunos de anos diferentes constituem o principal factor de atraso e de bloqueio social e cultural das novas gerações que habitam o interior do país. São gerações sem qualidade de educação, são jovens sem futuro”⁸, perante este cenário foram tomadas medidas urgentes de remodelação da rede escolar, através de programas de investimento, tendo sido já assinados os protocolos e efectuadas as candidaturas por parte do Município.

No entanto... é triste e ingrato fechar uma escola, por mais razões que para tal haja. Ficam os velhos... Não! Aqui é que pode estar a mais valia de se conhecer a população. Podem-se reaproveitar os edificios devolutos das escolas e dar-lhes um outro uso que beneficie a sua comunidade, que está a rejuvenescer. A longevidade e as novas tecnologias, ou mesmo a procura dos valores básicos, está a recuperar com gente os antigos montes e lugares. O rejuvenescimento não se faz pela natalidade, mas sim pela imigração.

Existem cerca de 34 edificios devolutos e ficam agora, com a remodelação, mais 14 escolas desactivadas. O património público terá também de ser sujeito a propostas de reutilização. O ideal seria poder adequar os recursos edificados existentes e dar-lhes uma outra utilização que sirva as necessidades comunitárias destes lugares que tem poucas ou nenhuma crianças, mas cuja população activa está a aumentar, ou pelo menos a não diminuir. Um local que fornecesse serviços comunitários à população envelhecida, mas também um local de actividades e de Ocupação dos tempos livres das crianças; lugar de contacto para legação dos saberes tradicionais de um mundo que já morreu em todos os outros lugares do mundo; de reuniões, acções de formação e actividades para os activos do lugar, centros de artes e ofícios... enfim, aproveitamento de idéias que beneficiassem a comunidade em geral. Sendo que alguns deles também poderiam ser vendidos em hasta pública. O importante é não os deixar degradar mais.

⁸ “Pora Alentejo” – Eixo Prioritário 1 , Protocolo de Colaboração do Programa de Apoio às Escolas do 1º ciclo do Ensino Básico, assinado em Évora a 19 de Novembro de 2002

As escolas primárias do plano dos centenários são edifícios interessantes e de uma arquitectura muito específica, construídos na década de 50 atendendo às características demográficas de então, procuraram levar a toda a população a escolarização básica. No entanto o êxodo que se verificou nas décadas seguintes deixou sem alunos muitas destas escolas, que gradualmente foram sendo encerradas.

Os edifícios devolutos uma vez esgotada a sua função de escolarização pela inexistência de alunos, vem o seu funcionamento suspenso e ficam abandonados, sujeitos ao vandalismo e degradação, pois na perspectiva economicista não se justifica a despesa de conservação, sendo os encargos com as escolas em funcionamento já tão elevados. Como património de todos nós e existindo as condições para o seu reaproveitamento, é lamentável que se encontrem entregues á sua sorte investimentos públicos, pois em cada ano que passa mais cara fica a sua recuperação, é pena que não se aproveitem estes recursos e que não sejam atendidas as propostas que tem vindo a ser apresentadas para o seu reaproveitamento, cuja execução emperram em má fé ou processos burocráticos.

Para além da caracterização do concelho e do seu parque escolar este trabalho pretende também, no sentido de aproveitar os edifícios ou salas devolutas apresentar propostas para a sua reutilização, não só para aproveitar o património público mas também para apoiar e servir a população remanescente dos locais onde se encontram os edifícios. A cedência de instalações é possível através de protocolo com associações ou venda e hasta pública.

Atendendo à especificidade de cada local, consoante a tendência demográfica e o grau de isolamento assim se podem adaptar as várias propostas:

- Centros comunitários – ocupando o espaço devoluto a instalação de equipamentos multifuncionais que sirvam a população, com actividades de tempos livres para os jovens e crianças, formação para os adultos e lazer para os idosos. Com uma mini-biblioteca, computador com internet, jogos e placard com informações, ficando responsável um animador ou um elemento da comunidade.

- Escolas oficinas – espaço onde se possa transmitir conhecimentos e dar formação profissional a jovens e desempregados, com o objectivo de reabilitar profissões artesanais e dinamizar a economia, através da instalação de equipamentos e formadores adequados, os financiamentos estão acessíveis através do Centro de Emprego ou Centros de Formação Profissional, poderão ser dinamizados pelas associações de produtores, de artesãos ou outras.
- Ateliers e galerias de arte – diversos artistas tem solicitado a cedência destes espaços para ai instalarem as suas oficinas de trabalho, bem como para os tornarem num espaço aberto ao público para exposição e venda dos seus trabalhos.
- Centro de artesanato/ lojas/café – algumas das escolas pela sua localização acessível, à beira da estrada na rota de lugares com interesse turístico, tornam-se lugares atractivos para ai instalar pequenas lojas que podendo também funcionar como café, disponibilizariam informação e produtos artesanais aos viajantes.
- Casa de recolhimento – alguns lugares, pela paz e sobriedade do ambiente seriam adequados a quem procura um reencontro consigo mesmo e com a natureza, longe de tudo possibilitam o isolamento e o recolhimento que por vezes alguns de nós tanto procura, uma nova modalidade de oferta turística.
- Casa de acolhimento para toxicodependentes – as actividades que a ruralidade proporciona, poderiam ser benéficas para a alteração de hábitos de vida mais degradantes. Poderiam ser dinamizados por centros de recuperação ou com o SPTT.
- Centros de dia – para os idosos, podendo funcionar como pólos de outros centros de dia, onde fossem fornecidas refeições e proporcionados outros serviços de proximidade aos idosos. Embora dirigido sobretudo aos idosos a situação preferencial seria a de centro comunitário, uma vez que se sentiriam mais à vontade as outras faixas etárias para também os frequentarem estimulando-se, assim o convívio intergeracional e a legação de saberes.

- Centros de noite – o isolamento de muitos idosos tem atraído algumas formas de banditismo, uma vez que são alvos fáceis e vulneráveis, sujeitos á violência. De forma a prevenir estas situações e proporcionar condições de melhor segurança, algumas destas escolas poderiam em parceria com centros de dia ou lares de idosos funcionar como locais onde os idosos que não querem abandonar as suas casas pudessem nestes locais passar a noite em segurança.
- Centros de estudos – em parceria com Universidades ou Institutos existem alguns locais que seriam propícios para ai instalar pequenos centros de investigação de arqueologia, biologia...
- Casas de saída para ex-reclusos – O estabelecimento prisional regional feminino de Odemira lançou à tempo a discussão sobre a possibilidade de se criarem na comunidade casas que pudessem albergar temporariamente ex-reclusas suas que necessitassem de refazer a sua vida num novo ambiente.
- Habitação social – Com a inexistência de habitação social, esta poderia ser uma solução para as famílias mais carenciadas, os custos de adaptação e reparação dos edificios poderia ser financiado pelo INH ou Segurança Social mediante protocolo com a autarquia.
- Outras actividades que revertam em beneficio público – selecção mediante a apresentação de propostas, viabilidade e pertinência das iniciativas.
- Alienação do património em hasta pública – esta é sem dúvida a solução mais fácil, mas menos proveitosa a longo prazo, uma vez que os beneficiários imediatos são particulares, poderá justificar-se em casos que não haja outra solução.

O potencial que existe para trabalho na área de aplicação de projectos é imenso, falta no entanto o planeamento e a vontade política que, ainda não valoriza e incentiva devidamente as dinâmicas endógenas, que se confrontam inevitavelmente com pseudo-obstáculos que mais não servem do que meios de desresponsabilização ou minimização de tarefas por parte dos poderes que usam como escudo de defesa os meandros

burocráticos intermináveis, meros engodos para evitar o não imediato, disfarçando a falsa intenção de os levar a bom termo ou de deixar a livre iniciativa se manifestar, desgastando e afastando-a, impera a lógica do "para quê facilitar quando se pode complicar".

Na realidade o poder instaurado é mais reactivo do que activo, criando um fosso imenso entre o discurso e a prática. Se houvesse o casamento proposto da Sociologia com a Engenharia, talvez esta saísse da canga dos políticos e se pudesse manifestar tal como as suas congéneres técnicas, que vêem as suas áreas de intervenção dignificadas e legitimadas.

Ao contrário do que pensam a maioria dos políticos, aqueles que governam o bem estar geral, a função que pode ser desempenhada por um engenheiro social não se limita a tratar dos incómodos da sociedade, que, em sua opinião, à partida não tem remédio, o uso do termo engenheiro talvez, mais que não fosse, afastasse esse anátema e desconsideração ou subvalorização inerente ao técnico do social, que na realidade desempenha um papel diferenciado do assistente social. E talvez lhe permitisse trabalhar em equipe e pé de igualdade com os restantes técnicos ao abrigo de um sistema de política de gestão do tipo matricial: hierarquicamente e transversalmente por gabinetes, criando uma estrutura mais flexível e eficiente.

Frequentemente somos tentados pelo sonho ou pela utopia, mas guiados pela imaginação iluminada e um pouco refreada, talvez não seja assim tão fora de sentido tentar seguir esta via, numa época em que tudo o resto está a cair em descrédito e ignomia. E como dizia Rémy Hess, "todo o sociólogo sonhou um dia ou outro que os seus trabalhos tivessem um efeito social" (1983:p11), a vontade não de mudar o mundo, mas de participar na sua mudança dá-nos esperança e ânimo na nossa prática de sociologia de intervenção. Talvez chegue o dia em que em que esta capacidade seja legitimamente reconhecida e consigamos contribuir para uma sociedade mais justa.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARRETO, António

1995 “ Centralização e descentralização do sistema educativo”, *Análise Social* 130.

BENAVENTE, Ana et alter

1994, *Renunciar à escola – o abandono escolar no ensino básico*, Lisboa, edições fim de século

CARMO, Hermano

1999 *Desenvolvimento Comunitário*, Lisboa, Universidade Aberta

2001 *Problemas Sociais contemporâneos – A educação como Problema Social*, Lisboa, Universidade Aberta

DEPP/MTS

2002 *Portugal 1995-2000 – perspectivas de evolução social*, Lisboa, Celta Editora

DURKHEIM, Emile

1987 *As regras do método sociológico*, Lisboa, Editorial Presença

ECO, Umberto

1998 *Como se faz uma tese em Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.

FERREIRA, Pedro Moura

1997 “ Delinquência juvenil, família e escola”, *Análise Social* 143/44: 913-924.

FONTAINE, Pascal

1998 “*A construção Europeia de 1945 aos nossos dias*”, Lisboa, Gradiva

GONÇALVES, Clara

2002 *Diagnóstico e Prospectiva do Sistema Educativo no concelho de Odemira*, Odemira, Câmara Municipal de Odemira

HAECHT, Anne Van

1992, *A escola à prova da Sociologia*, Lisboa, Instituto Piaget

HESS, Rémi

1983, *Sociologia de Intervenção*, Porto, editora Rés.

INE

1998, *Anuário Estatístico – Região Alentejo -*, INE

MACHADO, Cidália

1996, *Estudo Sócio-Económico do concelho de Odemira*, Escola Profissional de Odemira

2002 *Estudo Diagnóstico da Rede Escolar do Concelho de Odemira*, Odemira, Câmara Municipal de Odemira

MACHADO, Cidália e SOUSA, Ana Isabel

2000 *Escolas do 1º ciclo suspensas no concelho de Odemira*, Odemira, Câmara Municipal de Odemira

MELO, Alberto

1986 “Educação e capitalismo: uma certa economia política da educação recorrente”, *Análise social 44*: 105-117

MONTAGNER, Hubert

1996, *Acabar com o Insucesso Escolar*, Lisboa: Instituto Piaget

MUÑIZ, Baudilio Martínez

1993, *A família e o insucesso escolar*, Porto, Porto Editora

NAZARETH, J. Manuel

1996 *Introdução à Demografia*, Lisboa: editorial presença

Observatório do Emprego e Formação Profissional

1998 “Adaptação/reinserção profissional dos adultos pouco escolarizados”, *Estudos e Análises* 4

1999 “Relações entre a escola e o mercado de emprego envolvente”, *Estudos e análises* 17

OCDE

1996 *Le Vieillissement dans les pays de l'OCDE*, Paris: Service de publications ocde

OSÓRIO, Luis Carlos

1996, *Família hoje*, Porto Alegre, Artes Médicas.

PINTO, Conceição Alves

1984 *Sociologia da Escola*, Lisboa, McGrawHill

PIRES, Delmina M^a Pires e MORAIS, Ana M^a

1997 “ Contextos familiares e aproveitamento na aula de ciências – estudo de características específicas dos processos de socialização primária”, *Análise Social* 140: 143-186.

QUIVY, Raimond e CAMPENHOUDT, Luc Van

1992 *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva

SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira

1986 *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, edições Afrontamento

SILVA, Augusto Santos

1994 “ Análise sociológica e reflexão democrática sobre a educação: um diálogo com vantagens recíprocas”, *Análise Social* 129: 1211-1227

TORRES, Adelino

1996 *Demografia e desenvolvimento: elementos básicos*, Lisboa: Gradiva

WALL, Karin

1995 “ Apontamentos sobre a família na política social Portuguesa”, *Análise Social*,

131/32: 431-458

ANEXOS

ODEMIRA

SEDES DE FREGUESIA E OUTRAS POVOAÇÕES	CRIANÇAS NASCIDAS										PREVISÃO POR ANOS ESCOLARES										
											PRÉ-ESCOLAR				1º CICLO						
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	02/03	03/04	04/05	05/06	02/03	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09
Bicos	5	3	8	3	8	3	9	6	4	1	22	20	21	13							
Bicos	2	2	4	2	4	2	2	3	4					14	16	16	13	14	14	12	
Vale Escuro		1	1	1	1		2	1		1				6	7	6	8	8	7	8	
Foros da Caiada	3		3	1	3	1	5	2						3	3	4	6	8	5	2	
Colos	13	10	13	10	11	7	13	6	8	6											
Campo Redondo	1	2	3	1	1	2	2	2	3	2				6	6	6	5	6	8	8	
Ribeira do Seissal	4	2	5	2	1	1	3	3	1	1	7	10	11	9	10	11	11	10	11	11	11
Vale Rodrigo				1	1		2	1													
Colos	8	6	5	6	8	4	6		4	3	19	11	11	6	30	27	24	26	20	16	15
Luzianes Gare	7	1	4	0	3	2	4	1	0	0	11	9	7	3	10	6	7	7	8	6	5
Luzianes	6	1	4		2	1	4	1													
Vale Tomé	1				1	1															
Pereiras Gare	1	1	1	2	2	3	4	1	3	1	15	14	14	11	10	11	13	16	15	16	14
Pereiras- Gare	1	1	1	2	2	3	4	1	3	1											
Relíquias	8	6	2	11	16	11	5	4	12	9											
Monte da Estrada	3	1	1	1	3				4	4				8	9	7	6	5	6	10	
Vale Ferro	1	1		4	5	1	1	2	2		14	8	13	16	8	12	12	12	10	7	6
Pereiro Grande	1	1		2	1	1			2					5	5	5	4	2	2	3	
Relíquias	3	3	1	4	7	9	4	2	4	5	11	9	11	12	11	14	21	24	22	19	15
Sabóia	4	3	8	4	5	6	9	7	7	6	18	20	21	18							
Moitinhas	1	1	2	1	2	1	1	1	3					7	6	6	5	5	6	5	
Corte Sevilha		1	1	1				1		1											
Nave Redonda	1		1		1		1	1						4	3	2	2	3	2	2	
Sabóia	2	1	5	3	2	5	7	4	4	5				22	22	26	29	30	32	32	
St Clara-a- Velha	4	1	7	6	5	3	4	4	0	0	17	16	13	9							
Corte Brique	3	1	2	3	1		1	2						10	8	7	6	5	4	4	
Cortes Pereiras	1		1		1	2		1						5	4	3	2	3	2	0	
Stª Clara -a- Velha			4	3	3	1	3	1						9	9	7	7	6	5	4	
Almograve/Longueira	10	7	8	3	5	13	17	7	3	15	25	27	17	25							
Almograve	1	2	3	2	1	5	6	3	1	7				13	13	16	20	21	21	23	
Longueira	9	5	5	1	4	8	11	4	2	8				25	20	23	30	33	31	31	
S. Salvador	28	42	25	26	35	24	21	27	28	23											
Bemparece	3	1	1	7	2	3	1	2		4	9	11	10	14	24	23	22	20	20	18	22
S. Pedro	1						1	3													
Algoceira	2	3	1		3	1		2	3	2				4	3	2	2				
Odemira*/**	22	30	19	16	31	18	17	20	22	14	25	25	29	27	140	143	145	150	151	144	140
Bemposta *		1	4	3	1	2	2		3	3				3	3	2	2				
Santa Maria***	2	2	2	0	3	0	0	0	0												
Boavista dos Pinheiros	10	11	18	11	4	7	8	15	18	20	11	22	33	44	38	40	43	50	54	68	78
S. Luís	19	11	16	13	17	15	11	11	12	10											
Castelão	3	1	3	2	3	1		2		3	11	11	9	12	7	9	7	9	10	7	10
Troviscais	2		1	1	1	1		2													
Vale Bejinha	2	1	1	1	3	3	2	1	4					6	8	10	11	11	12	9	
Ferraria	1	1	2	2	1				1												
S. Luís	11	8	9	7	9	10	9	6	7	7	25	22	21	20	42	40	43	42	41	39	35

ODEMIRA

SEDES DE FREGUESIA E OUTRAS POVOAÇÕES	CRIANÇAS NASCIDAS										PREVISÃO POR ANOS ESCOLARES										
											PRÉ-ESCOLAR				1º CICLO						
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	02/03	03/04	04/05	05/06	02/03	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09
S. Martinho das Amoreiras	4	8	9	7	3	5	4	9	6	6					4						
Aldeia das Amoreiras	1	1		2	1	1	1	2	2												
Corte Malhão				2	1		1														
S. Martinho Amoreiras		2	2		1	1		2	2	1	11	11	12	12	12	18	16	14	14	15	15
Amoreiras Gare	3	5	7	3		3	2	5	2	5	10	16	16	18	17	17	16	14	16	15	17
S. Teotónio	29	36	36	41	53	29	35	37	27	37											
S. Teotónio	14	15	15	12	25	11	22	9	17	24	50	46	50	50	77	91	88	96	93	85	97
Estibeira		1				2	1	1								7	8	9	9	8	7
João de Ribeiros	1	2	2	9	3	2		3		3	16	16	14	20	11	11	10	9	6	5	7
Delfeira	1			3						1											
Choça dos Vales	1	2	1	3	3			3		2				7	8	6	5	5	4	5	
Cavaleiro	2	2	5	3	2	3	4	3	5	1	10	11	13	10	18	19	20	19	19	22	19
Fataca	1			1	2	2	1	1		1				2							
Malavado	2	3	7	2	4	1	4	6	2		9	13	12	8	8	10	11	12	16	14	13
Brejão	3	4	2	1	11	6	3	7	2	4	19	16	14	15	25	32	33	33	39	30	28
S. Miguel	3	6	3	1	2	1		3		1				9	9	7	7	9	7	6	
Vale Juncal	1	1	1	2	1	1		1	1					7	7	6	5	4	4	3	
Vale de Santiago	5	6	10	6	5	6	4	4	3	2											
Fornalhas Velhas	2	5	5	3	5	3	2	1	3	2	10	6	6	6	13	16	15	14	12	10	9
Vale de Santiago	3	1	5	3		3	2	3			8	8	5	3	14	11	12	11	11	10	8
Vila Nova Milfontes	46	32	26	32	42	43	48	43	73	47											
Ribeira da Azenha	2	1	2	1		1	1		1	1											
Foros da Pereira	3	5	1	2	6	6	5	2		4											
Brunheiras	5	4	4	2	3	11	9	8	19	5	23	27	29	20	28	32	42	50	55	65	57
Foros do Galeado	4	2	4	2	3	4	6	6	4	2				27	28	30	33	37	38	36	
Pousadas Velhas	1	1		2	2		2	1	4	2											
Alagoachos	9	7	1	3	5		3	5		7											
Vila Nova Milfontes	22	12	14	20	23	21	22	21	45	26	50	72	96	101	143	151	154	166	171	190	201
Zambujeira do Mar	11	6	5	6	5	5	5	7	7	8	12	14	16	19	26	20	19	19	20	22	25
TOTAL	206	185	190	181	223	182	201	189	211	191	467	490	523	520	928	968	989	1040	1058	1052	1057

EVOLUÇÃO DE ALUNOS (FEVEREIRO 2003)

Escolas	evolução 90-96	alunos 97/98	alunos 98/99	alunos 99/00	alunos 00/01	alunos "01/02"	alunos 02/03							estimativa média
								03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09	
Bicos	«	32	33	21	20	17	14	16	16	27	30	26	22	28
Vale Escuro	«	0	0	7	9	7	6	7	6					
Foros da Caiada	»	3	3	2	2	5	3	3	4					
Campo Redondo	«e»	15	14	12	7	11	6	6	6	5	6	8	8	8
Ribeira do Seissal	«	7	4	6	6	9	10	11	11	10	11	11	11	11
Colos	«	28	30	30	26	29	30	27	24	26	20	16	15	26
Luzianes Gare	«e»	12	11	12	10	10	10	6	7	7	8	6	5	7
Pereiras Gare	«e»	9	11	7	6	11	10	11	13	16	15	16	14	16
Monte da Estrada	«	5	6	11	13	10	8	9	7	6	5	6	10	8
Vale Ferro	»	12	10	9	7	7	8	12	12	12	10	7	6	12
Pereiro Grande	»	12	13	15	13	8	5	5	5					
Relíquias	«	21	19	15	10	10	11	14	21	28	24	21	18	28
Moitinhas	«	9	11	11	7	8	7	6	6					
Nave Redonda	"="	10	8	5	4	4	4	3	2	7	8	8	7	8
Sabóia	«	27	27	24	17	19	22	22	26	29	30	32	32	30
Corte Brique	«	4	13	11	11	14	10	8	7	8	8	6	4	10
Cortes Pereiras	"="	5	5	6	6	5	5	4	3					
Stª Clara -a- Velha	«	14	16	13	9	12	9	9	7	7	6	5	4	7
Almogrove	"="	10	13	10	12	12	13	13	16	20	21	21	23	22
Longueira	«	20	23	34	33	33	25	20	23	30	33	31	31	32
Bemparece	«	18	16	15	17	13	24	26	24	22	20	18	22	25
Algoceira	«	5	5	7	6	7	4							
Odemira	«	101	102	114	135	141	140	146	147	152	151	144	140	155
Bemposta	«	9	11	11	9	8	3							
Boavista dos Pinheiros	«	42	45	33	36	39	38	40	43	50	54	68	78	55
Castelão	»e«	10	9	8	5	8	7	9	7	9	10	7	10	10
Troviscais	«	0	0	7	2	2	3							
Vale Bejinha	«	14	15	17	15	8	6	8	10	11	11	12	9	10
S. Luís	«	46	48	51	44	45	42	40	43	42	41	39	35	42
Aldeia das Amoreiras	"="	16	11	5	4	5	4							
S. Martinho Amoreiras	"="	14	12	5	7	10	12	18	16	14	14	15	15	15
Amoreiras Gare	«	9	11	10	14	16	17	17	16	14	16	15	17	17
S. Teotónio	«	98	95	93	81	82	77	91	88	105	102	93	104	105
Estibeira	«e»	6	7	5	8	8	8	7	8					
João de Ribeiras	«	14	13	9	9	9	11	11	10	9	6	5	7	10
Choça dos Vales	»	10	7	4	6	6	7	8	6	5	5	4	5	7
Cavaleiro	«	9	13	13	14	22	18	19	20	19	19	22	19	20
Fataca	«	12	9	6	3	3	2							
Alcaria Formosa	"="	19	12	12	10	8	8	10	11	12	16	14	13	15
Brejão	»	29	27	26	27	26	25	32	33	33	39	30	28	33
S. Miguel	«	13	13	7	10	10	9	9	7	12	13	12	9	12
Vale Juncal	«	11	9	10	9	5	7	7	6					
Fomalhas Velhas	«	12	11	13	13	16	13	16	15	14	12	10	9	15
Vale de Santiago	»	16	16	13	6	7	14	11	12	11	11	10	8	11
Ribeira da Azenha	«	9	10	7	5	6	3							
Brunheiras	«	46	42	38	39	37	28	35	42	50	55	65	57	50
Foros do Galeado	«	28	28	29	31	31	27	28	30	33	37	38	36	35
Vila Nova Milfontes	«	125	125	143	132	136	143	151	154	166	171	190	201	170
Zambujeira do Mar	«	37	37	27	23	26	26	20	19	19	20	22	25	22
TOTAL		1033	1029	999	948	981	928	968	989	1040	1058	1052	1057	1087

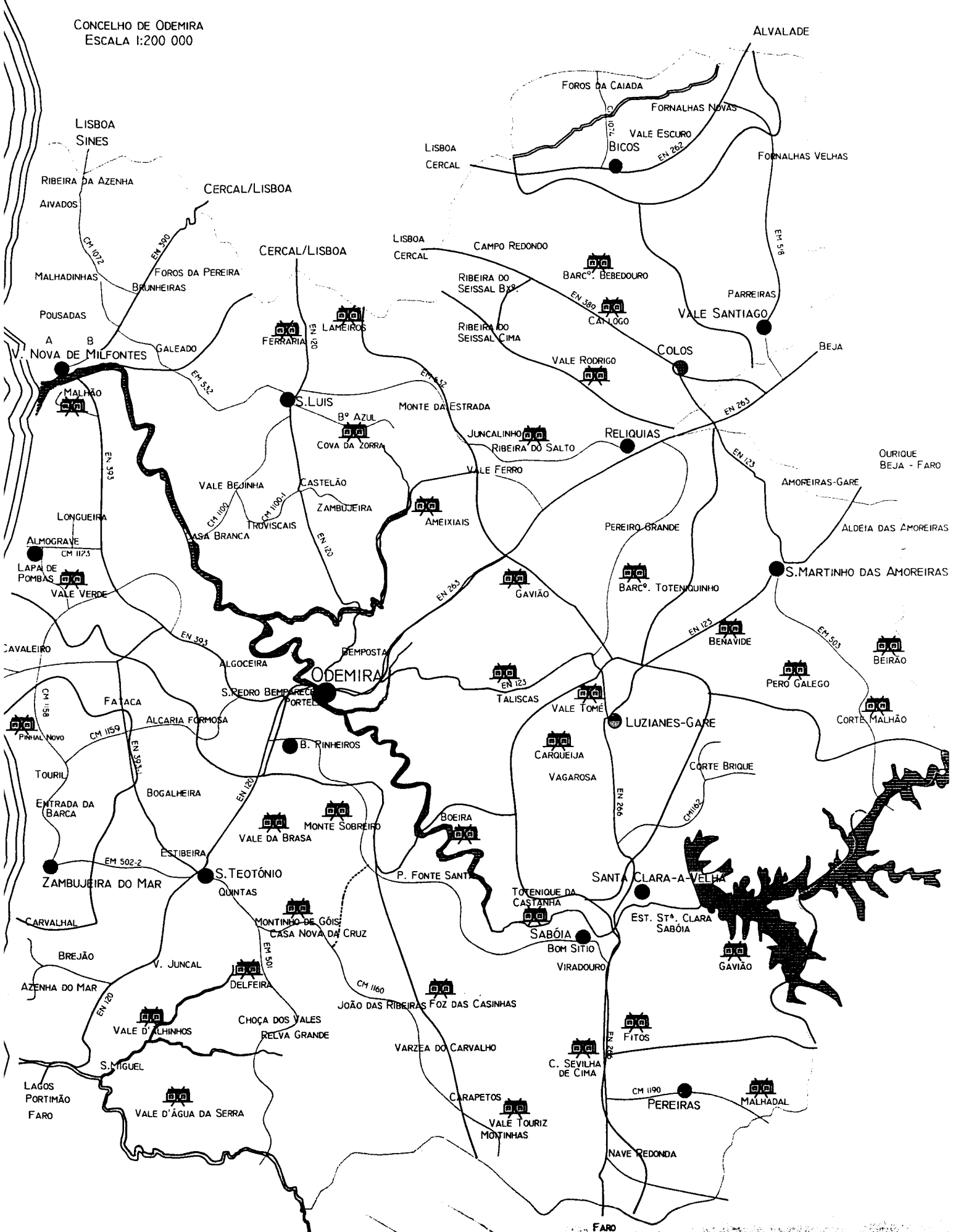
JARDINS DE INFÂNCIA	evolução 90 - 96	alunos 97/98	alunos 98/99	alunos 99/00	alunos 00/01	alunos "01/02"	alunos "02/03"	PREVISÃO		
								"03/04"	"04/05"	"05/06"
ALCARIA FORMOSA	0	7	11	17	20	8	9	13	12	8
BREJÃO	0	0	0	14	22	17	19	16	14	15
S. TEOTÓNIO	»	48	50	50	50	50	50	46	50	50
CAVALEIRO	«	17	17	11	8	7	10	11	13	10
JOÃO DE RIBEIRAS	0	0	0	0	15	15	16	16	14	20
ZAMBUJEIRA	»	0	14	10		15	12	14	16	19
BICOS	»	25	19	16	15	16	22	20	21	13
AMOREIRAS-GARE	0	9	10	13	8	4	10	16	16	18
FORNALHAS	0	11	11	9	8	6	10	6	6	6
VALE FERRO	0	0	0	0	0	0	14	8	13	16
RELIQUIAS	=	14	16	20	23	25	17	9	11	12
RIBEIRA DO SEISSAL	0	0	0	0	10	6	7	10	11	9
S. M. DAS AMOREIRAS	«	10	8	11	11	9	12	11	12	12
VALE DE SANTIAGO	=	10	10	9	8	9	8	8	5	3
COLOS	»	15	28	25	22	16	19	12	11	9
LUZIANES-GARE	0	26	22	6	9	7	11	9	7	3
PEREIRAS-GARE	»	10	13	6	7	12	15	14	14	11
S. CLARA-A-VELHA	»	17	18	19	19	18	17	16	13	9
SABÓIA	«	17	13	13	17	11	18	20	21	18
ALMOGRAVE	0	15	7	12	11	16	25	27	17	25
BEMPRECE	0	9	13	19	12	13	9	11	10	14
B. DOS PINHEIROS	=	23	20	24	16	20	11	22	33	44
ODEMIRA	=	20	22	23	23	20	25	25	29	27
BRUNHEIRAS	0	25	13	12	8	17	23	27	29	20
CASTELÃO	0	0	0	0	9	7	11	11	9	12
SÃO LUÍS	=	9	8	19	24	24	25	22	21	20
V. N. DE MILFONTES	»	50	44	50	50	50	50	72	96	101
TOTAL		387	387	408	425	418	467	490	523	520



 ESCOLAS DO CONCELHO (JÁ SUSPENSAS)

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

CONCELHO DE ODEMIRA
ESCALA 1:200 000

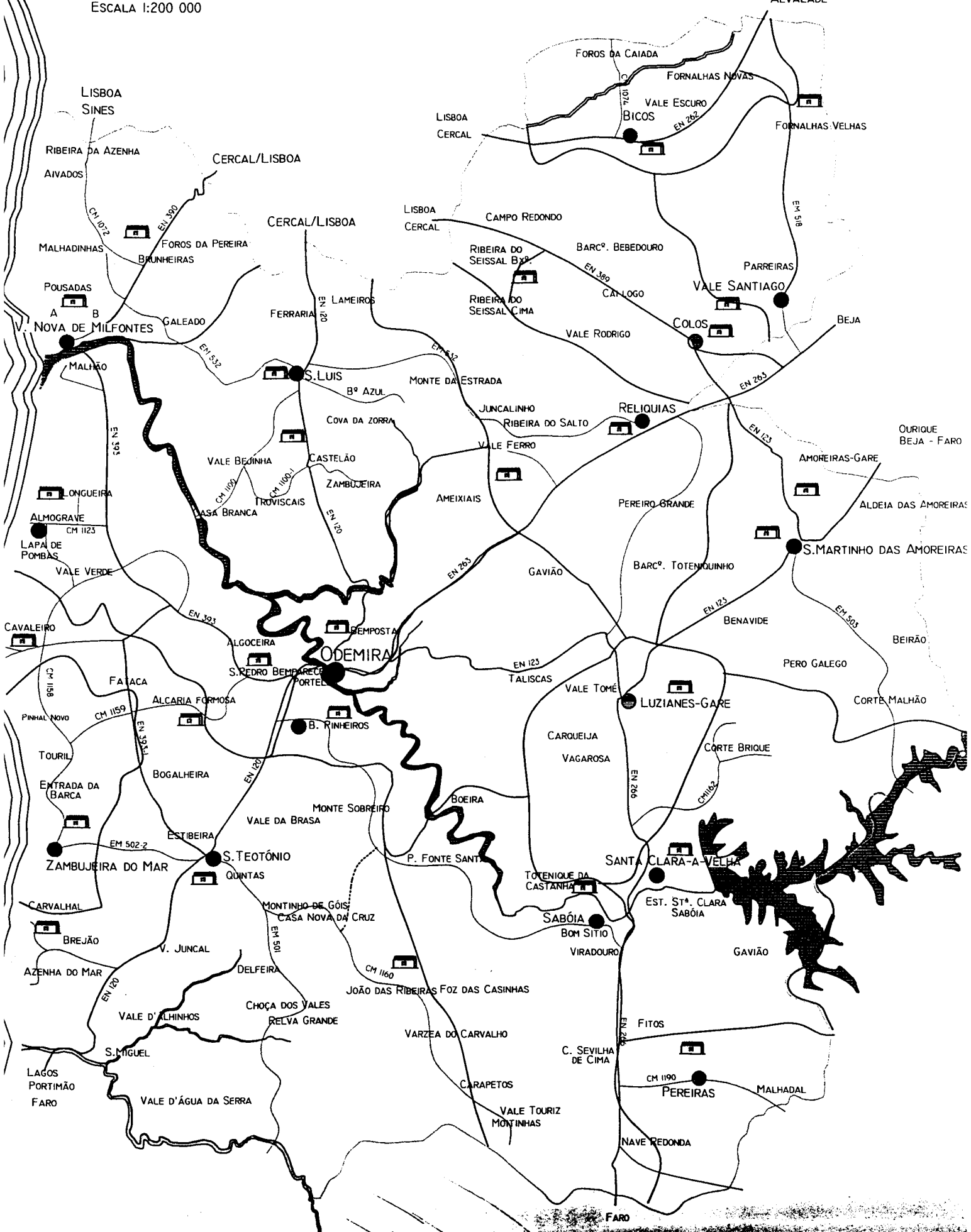




CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

ESTAB. EDUC. PRÉ-ESCOLAR (23 JI+4 C.E.P.E.)

CONCELHO DE ODEMIRA
ESCALA 1:200 000





CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

ESCOLAS DO CONCELHO EM FUNCIONAMENTO

CONCELHO DE ODEMIRA
ESCALA 1:200 000

